



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

DANIELLY TINTORI NASCIMENTO

ESCOLAS E EQUIPAMENTOS CULTURAIS:
RECONFIGURANDO ESPAÇOS E RELAÇÕES QUE
CONTRIBUAM COM AS AÇÕES EDUCATIVAS PARA/COM
CRIANÇAS

VITÓRIA 2024





ESCOLA E EQUIPAMENTOS CULTURAIS:

Reconfigurando espaços e relações que
contribuam com as ações educativas
para/com crianças

DANIELLY TINTORI NASCIMENTO

DANIELLY TINTORI NASCIMENTO

**ESCOLA E EQUIPAMENTOS CULTURAIS:
RECONFIGURANDO ESPAÇOS E RELAÇÕES QUE CONTRIBUAM COM
AS AÇÕES EDUCATIVAS PARA/COM CRIANÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Margarete Sacht Góes

VITÓRIA
2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

T593e Tintori Nascimento, Danielly, 1998 -
Escola e Equipamentos Culturais: reconfigurando espaços e
relações que contribuam com as ações educativas para/com crianças
/ Danielly Tintori Nascimento. - 2024.
244 p. : il.

Orientadora: Margarete Sacht Góes.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Arte/Educação.. 2. Formação de professoras/es. 3. Educação
Infantil. 4. Equipamento Cultural.. 5. Mediação Cultural. I. Sacht
Góes, Margarete. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

**ESCOLA E EQUIPAMENTOS CULTURAIS:
RECONFIGURANDO ESPAÇOS E RELAÇÕES QUE CONTRIBUAM COM
AS AÇÕES EDUCATIVAS PARA/COM CRIANÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br MARGARETE SACTH GOES
Data: 19/12/2024 12:47:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Margarete Sacth Góes
Universidade Federal do Espírito Santo
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIANA GRUPPELLI LOPONTE
Data: 19/12/2024 13:56:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Luciana Gruppelli Loponte
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Documento assinado digitalmente
gov.br ADRIANA ROSELY MAGRO
Data: 23/12/2024 10:41:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Adriana Rosely Magro
Universidade Federal do Espírito Santo

Com todo amor que há nessa vida,
dedico esse trabalho a minha Avó Inez.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a meus pais, Penha e Marcos, pela educação que sempre me proporcionaram e o incentivo e amor que sempre me deram.

Às minhas irmãs Mariana e Gabriella, pelo incentivo e pelo companheirismo de sempre.

À minha tia/madrinha Giuliana, dinda, obrigada por ser a melhor corretora dos meus textos.

À toda minha família, que sempre teve orgulho de mim.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (GEPAEI) pelas trocas e discussões que foram valiosas para as minhas pesquisas.

As minhas amigas do mestrado, Queila, Isabela e Jordana, por compartilharem dessa caminhada comigo, estamos juntas.

À toda equipe da Gaeu, Ananda, Angélica, Kênia, Ludi, Aline, Milena, Gisele, Nicole e Karen, pelo apoio e pelo trabalho conjunto.

À todas minhas amigas e amigos, pelos momentos de descontração que me distraíram do turbilhão de emoções que foi esse período, principalmente Milena, Ludi, Amanda, Victória, Nathália, Luise, Sabrina e Carol.

A minha amiga Milena, que me ajudou com o design da dissertação. Gracias, ya te extraño.

À todas/os trabalhadoras/es dos Espaços de Arte de Vitória, professoras/es e as crianças que contribuíram com minha pesquisa.

À Margarete Sacht Gôes, pela orientação, ensinamentos, acolhimento e oportunidades concedidas, mais que uma orientadora, obrigada por ser mentora e amiga, contribuir tanto para minha jornada como artista, educadora e pesquisadora desde a graduação. Foi muito bom passar mais esses dois anos com você.

À Universidade Federal do Espírito Santo e todas/os professoras/es que contribuíram para minha formação.

“Não há verdadeira
Educação sem Arte, nem
verdadeira Arte sem
Educação”

LUIZ CAMNITZER

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar **os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, que são oferecidas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil.** Tais formações ampliam as discussões acerca da colaboração Escola-Equipamento Cultural, ou seja, entre os Centros de Educação Infantil e os Espaços Expositivos da cidade. Do ponto de vista metodológico, utilizou-se a pesquisa participante, conforme abordagem de Gil (2002), e se apoiou na análise textual discursiva de Moraes e Galiazzi (2007).

Em retrospectiva, revisamos então, os paradigmas acerca de autoras/es que discutem sobre a formação de professoras/es e profissionais que atuam nos processos de mediação nos Espaços Culturais e sobre a colaboração Escola-Espaço de Arte, como Carvalho (2007) e Gabre (2016, 2021). Fundamentadas na perspectiva histórico-cultural a partir de Vygotsky (2007; 2009), trazemos o conceito de mediação para ambas/os profissionais. Acerca da formação de professoras/es, nos fundamentamos teoricamente em Nóvoa (2017) e, especificamente para professoras/es de Arte em espaços formais e não formais, em Gohn (2006) e Loponte (2017; 2013), buscando compreender as problemáticas e desafios existentes nas formações de professoras/es e mediadoras/es nesses espaços expositivos da cidade de Vitória/ES. Adicionalmente, a partir da perspectiva decolonial de Vergès (2023) e do conceito de Pós-Museu, repensamos o papel dos Museus de Arte, propondo uma ressignificação que passa pela desconstrução de práticas coloniais e pela criação de novas formas de mediação e interação com o público infantil.

Palavras-chave: Arte/Educação. Formação de professoras/es. Educação Infantil. Equipamento Cultural. Mediação Cultural.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Site Casa Fiat da Cultura, espaço destinado para professoras/es.	36
Imagem 2 - Carta de repúdio das/os trabalhadoras/es da 35ª Bienal de São Paulo.	62
Imagem 3 - Museu de Arte do Espírito Santo.	112
Imagem 4 - Vista da exposição Fiar.	113
Imagem 5 - Formação para professoras/es na exposição Fiar.	115
Imagem 6 - Formação para professoras/es na exposição Fiar.	116
Imagem 7 - Material educativo.	117
Imagem 8 - Material educativo mostrando variações para Educação Infantil e outras.	119
Imagem 9 e 10 - Grade disponibilizada pelo artista.	120
Imagem 11 - Persuntas dos questionários aplicados as/os docentes nas formações.	122
Imagem 12 - Exposição O Inquilino.	127
Imagem 13 - Material educativo O Inquilino.	128
Imagem 14 - Fachada da Galeria Homero Massena.	133
Imagem 15 - Exposição .	134
Imagem 16 - Material educativo da exposição Fratura.	136
Imagem 17 - Palácio Anchieta.	142
Imagem 18 - Exposição De Onde Surgem os Sonhos.	143
Imagem 19 - Professoras/es visitando a exposição.	145

Imagem 20 – Professoras e crianças visitando a exposição.	166
Imagens 21 e 22 – Crianças realizando a atividade proposta.	167
Imagens 23 e 24 – Crianças bordando no espaço.	169
Imagens 25 e 26 – Crianças costurando com máquina de costura na Escola.	172
Imagens 27 e 28 – Crianças durante projeto de sala na Escola.	174
Imagem 29 – Crianças na escola, realizando proposta que haviam feito no Museu.	176
Imagens 30 e 31 – Crianças realizando atividade com malha na escola.	177
Imagens 32 e 33 – Exposição dos trabalhos das crianças na Escola.	179
Imagem 34 – Crianças na biblioteca.	181
Imagem 35 – Início da mediação.	183
Imagens 36 e 37– Crianças no espaço expositivo.	184
Imagens 38 – Crianças mostrando ao mediador o trabalho produzidos na Escola.	185
Imagem 39 - Crianças produzindo na escola.	188
Imagem 40 - Crianças produzindo na escola.	189
Imagens 41 e 42 – Crianças produzindo na escola a partir da técnica de Rick Rodrigues.	191
Imagens 43 e 44 – Trabalhos a partir da técnica de Rick Rodrigues.	192
Imagens 45 e 46 – Crianças olhando os trabalhos produzidos na Escola.	193
Imagem 47 – Exposição dos trabalhos produzidos pelas crianças na Escola.	196
Imagem 48 - Materiais fornecidos pela professora para que as crianças levassem para casa.	197

LISTA TABELAS

Tabela 1 – Sistematização das produções acadêmicas.	26
Tabela 2 – Equipamentos Culturais abordados nas pesquisas acadêmicas, separados por estados e país.	33
Tabela 3 – Tabela demonstrando os Espaços de Arte da cidade, demarcando aqueles que realizaram formações para professoras/es nos anos de 2023 e 2024.	39
Tabela 4 – Espaços que dispõem de setor educativo, quantidade de mediadoras/es e se estão em processo de formação.	83
Tabela 5 – Equipamentos Culturais que dispõem de educativos para crianças pequenas.	104
Tabela 6 – Materiais educativos disponibilizados no produto educacional, destacando o nome da exposição e o ano.	206

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAP CRIARTE UFES – Colégio de Aplicação Criarte, da Universidade Federal do Espírito Santo

CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil

CEFOP/SEDUC – Secretária da Educação do Ceará

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

EM – Ensino Médio

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

ES – Espírito Santo

FUNCULTURA – Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo

GAEU – Galeria de Arte Espaço Universitário

GEPAEI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil

GHM – Galeria Homero Massena

LDB – Lei de Diretrizes Básicas

MAC.CE – Museu de Arte Contemporânea do Ceará

MAC NITERÓI – Museu de Arte Contemporânea de Niterói

MAB FAAP – Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado

MAM – Museu de Arte Moderna

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

MAES – Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo

MNBA – Museu Nacional de Belas Artes

MUMA – Museu Municipal de Arte de Curitiba

PESP – Pinacoteca do Estado de São Paulo

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PR – Paraná

RP – Residência Pedagógica

SEC – Secretaria de Educação do Estado da Bahia

SECULT – Secretária do Estado da Cultura

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNB – Universidade de Brasília

PMVV – Prefeitura Municipal de Vila Velha

SUMÁRIO	
1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISITAR É PRECISO: INTEGRANDO EDUCAÇÃO, ARTE E FORMAÇÕES NOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS	23
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	47
4 OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE VITÓRIA COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO CULTURAL	70
4.1 AS FORMAÇÕES PARA PROFESSORAS/ES	72
4.2 AS FORMAÇÕES DAS/OS MEDIADORAS/ES	81
4.3 COLABORAÇÃO ESCOLA-EQUIPAMENTO CULTURAL	89
4.4 AS CRIANÇAS NOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS	97
5 FORMAÇÕES PARA PROFESSORAS/ES E MEDIADORAS/ES NAS EXPOSIÇÕES FIAR, O INQUILINO, FRATURA E DE ONDE SURGEM OS SONHOS	108
5.1 EXPOSIÇÃO FIAR	110
5.2 EXPOSIÇÃO O INQUILINO	125
5.3 EXPOSIÇÃO FRATURA	131
5.4 EXPOSIÇÃO DE ONDE SURGEM OS SONHOS	140
5.5 ANÁLISES E REFLEXÕES: UM OLHAR SOBRE AS EXPOSIÇÕES	150
6 A EXPERIÊNCIA COM AS PROFESSORAS, MEDIADORAS/ES E CRIANÇAS NA EXPOSIÇÃO FIAR E AS REVERBERAÇÕES NAS ESCOLAS DAS INFÂNCIAS	163
7 PRODUTO EDUCACIONAL	202
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
REFERÊNCIAS	211
APÊNDICES	220
ANEXOS	234

1

INTRODUÇÃO



Sou formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo 2018-2022 e, apesar de cursar bacharelado, minha vida acadêmica se atrelou a Educação Infantil logo no início da graduação. Desde o segundo período do curso iniciei¹ um estágio não obrigatório no Colégio de Aplicação Criarte Ufes, no qual atuei como monitora e trabalhava diariamente com as crianças, com a professora e a auxiliar de sala. Durante o período em que estive no CAP Criarte, pude desenvolver algumas propostas relacionadas com o ensino da Arte com as turmas em que trabalhei. Permaneci no nesse colégio por dois anos e, após terminar meu contrato, continuei por mais 6 meses como voluntária.

Essa experiência me envolveu por completo ao me aproximar do contexto da Educação Infantil e das crianças pequenas. Assim, comecei a me interessar pelo estudo das infâncias², principalmente a educação em Artes na/para a Educação Infantil.

Durante o período que estive no CAP Criarte, este, não possuía um/a professor/a³ licenciada/o em Arte que pudesse orientar as propostas desenvolvidas tanto em projetos pessoais, quanto nos projetos da equipe de sala, cujo espaço sempre foi propício para a inserção de proposições artísticas. Por isso, busquei cada vez mais estudar sobre o assunto e contribuir com as ações pedagógicas da professora, propondo atividades artísticas para e com as crianças.

¹ Alguns trechos que falam sobre minhas experiências acadêmicas e profissionais utilizo a primeira pessoa do singular.

² Escolhemos o conceito de "Infâncias" porque acreditamos que a infância é uma experiência singular para cada criança. Cada uma compreende o mundo de maneira distinta, influenciada por fatores como "[...] localização geográfica, as religiões, a etnia, a classe social, o gênero (Amaral, 2011, p. 2). Essa perspectiva nos ajuda a valorizar a diversidade das experiências infantis, reconhecendo a singularidade de cada criança e as diversas maneiras de viver as diferentes infâncias.

³ De acordo com Góes (2023, p.109-110) “[...] Para Kilomba (2019, p. 21), “[...] não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana”. Para a autora, utilizar somente a forma masculina “[...] revela uma dupla dimensão de poder e violência” (p. 15), ambas advindas do colonialismo e patriarcalismo, por isso neste texto, optamos por utilizar os substantivos e seus respectivos artigos nos gêneros feminino e masculino.

Ainda enquanto trabalhava nesse colégio e estava em busca de conhecimento sobre o ensino da Arte na Educação Infantil, o ensino para crianças, as infâncias e todos os assuntos que permeiam esse segmento da Educação Básica, tive a indicação para participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (GEPAEI), coordenado pela Professora Doutora Margarete Sacht Góes e, nesse grupo, pude me aprofundar e realizar muitas trocas sobre os assuntos que me intrigavam.

No GEPAEI realizamos vários estudos e pesquisas sobre Arte, ensino da Arte, Educação Infantil, infâncias, decolonialidade, materiais educativos, dentre outros assuntos que contribuem positivamente para minha formação como artista, professora e pesquisadora (Dias; Irwin, 2013)⁴.

Como integrante do GEPAEI tive a oportunidade de participar como voluntária do setor educativo da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes), no qual, juntamente com a equipe de mediadoras/es da Galeria, propomos estratégias mediativas e materiais educativos para as exposições em cartaz, ponderando os mais diversos públicos, abrangendo, majoritariamente, o público escolar, inclusive as crianças da Educação Infantil. Pude participar de algumas exposições e fui convidada para ser bolsista do setor educativo da Galeria, na qual trabalhei por 6 meses, realizando trabalhos educativos e de mediação. Após esse período me afastei para iniciar a pesquisa de Iniciação Científica, porém continuando como voluntária desse setor da GAEU até o mês de novembro do ano de 2022, quando fui contratada pela Galeria, em que trabalho até os dias atuais.

Na pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Mediação cultural para crianças pequenas: entre ações, interações e narrativas* (Ufes, 2021-2022), orientada pela Professora Margarete Sacht Góes, pesquisamos os Equipamentos Culturais da cidade de Vitória – Espírito Santo (ES), que dispõem de educativos voltados

⁴ A/r/tografia - artist/research/teacher de Rita Irwin e Belidson Dias (2013). A autora e o autor propõem uma metodologia de pesquisa em Arte em que haja uma fusão entre ser artista/pesquisador/professor, na qual possamos desenvolver o trabalho por meio de possibilidades criativas e inventivas e, ao mesmo tempo, em constante reflexão. Através desta metodologia de pesquisa, utilizo a liberdade criativa para modificar os padrões do layout da dissertação e incluir alguns dos meus desenhos, que fiz especialmente para essa pesquisa, a partir de fotografias feitas durante a investigação de campo. Por isso, essa pesquisa adota um formato que, embora siga as normas acadêmicas, se afasta dos padrões tradicionais em diversos aspectos.

para/ou que incluíam as crianças da Educação Infantil.

Desde então, minhas pesquisas têm permeado o ensino da Arte na Educação Infantil, as mediações e os materiais educativos produzidos para crianças pequenas. Foi refletindo sobre esses aspectos e percebendo como esse campo é defasado nos equipamentos de Arte da cidade de Vitória, que iniciei a pesquisa de Iniciação Científica com o intuito de investigar essas instituições, suas ações, mediações e equipes, que propõem ações educativas para/com crianças pequenas.

Dando seguimento a essa pesquisa, iniciei o Trabalho de Conclusão de Curso e, juntamente com minha orientadora, optamos por continuar com a temática, elencando duas instituições da cidade que incluíssem as crianças pequenas e bem pequenas em seus educativos, cuja pesquisa intitulou-se *Educativos e mediações culturais para a pequena infância na cidade de Vitória/ES: diálogos e narrativas entre os espaços e as crianças* (Ufes, 2022).

Durante essa pesquisa, desenvolvemos um material educativo (*folder*) que se configurou como um mapa da Grande Vitória, intitulado *Vamos ao Museu?*. Nesse material listamos as instituições de Arte que dispunham de educativos e mediações para crianças pequenas, possibilitando às/aos professoras/es, às/aos pedagogas/os e ao público em geral, conhecerem a rota dos Espaços expositivos de Arte que realizam ações para esse público-alvo. Também foi criado um jogo de tabuleiro, de mesmo nome que o mapa, para as crianças, permitindo que, por meio da brincadeira, elas conhecessem alguns dos Espaços de Arte da cidade onde vivem.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010, p. 25), no currículo constituído para a Educação Infantil, é necessário incluir práticas pedagógicas que garantam vivências que “[...] Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical”.

Nessa perspectiva, os Museus, as Galerias de Arte e os Centros Culturais, são espaços potentes para o

desenvolvimento dos aprendizados das crianças, pois eles se constituem como dispositivos para expandir os repertórios e as vivências estéticas e estésicas, por se tratarem de ambientes nos quais é possível fruir obras, objetos, imagens e símbolos, fazendo com que desenvolvam um olhar crítico e sensível do mundo que as cercam, através da experiência de estarem habitando os Espaços de Arte.

O contato inicial da maioria das pessoas com Museus e Espaços Culturais ocorre através de experiências propostas pelas Escolas. Isso faz com que esses espaços sejam a abertura da apreciação estética e estésica infantil. O público escolar, desde os anos iniciais até o Ensino Médio, é o que mais visita exposições de Arte em Museu, Galerias e Centros Culturais, nesse sentido, existe uma lacuna: a necessidade de pensar também o público pré-escolar⁵.

Quando falamos em Museus, também pensamos nos Espaços expositivos de Arte⁶ em geral, como as Galerias de Arte e os Centros Culturais, por serem locais de conservação, investigação, comunicação e interpretação da Arte e da cultura, assim como os Museus. Partindo da concepção de que são as Escolas que mais visitam as exposições, compreendemos que a Educação Infantil, como parte deste público escolar, também deveria ser pensada quando se propõe uma educação em Arte para todas/os.

Os Equipamentos Culturais necessitam dispor de funções sociais e educativas e, ao proporem ações que englobam todos os públicos, seria fundamental se estivessem preparados para atender os mais diversos segmentos sociais, com suas singularidades e especificidades. As crianças da Educação Infantil são um público muito distinto quando se trata de mediações, pois são necessários alguns recursos para atendê-las, tornando a experiência da visita mediada proveitosa para todas as pessoas envolvidas.

⁵ Para saber mais sobre o assunto veja Nascimento (2021; 2022) e, Nascimento e Góes (2023a; 2023b; 2024).

⁶ Nessa pesquisa para nos referirmos aos Equipamentos Culturais, que englobam os Museus, as Galerias de Arte e os Centros Culturais, utilizaremos também os termos Espaços Culturais e Espaços de Arte.

Conforme pesquisas anteriores de Iniciação Científica (2021-2022) e Trabalho de Conclusão de Curso (2022), nas quais pesquisei as instituições culturais da cidade de Vitória/ES que realizam educativos e ações para/ou que incluam as crianças da Educação Infantil, pude observar que poucos são os Museus, as Galerias e os Centros Culturais que realizam ações e mediações voltadas para crianças pequenas e bem pequenas. Além disso, outros fatores problemáticos foram observados, como a falta de colaboração Escola-Espaço de Arte, a escassez de formação museal tanto para as/os professoras/es da Educação Infantil, quanto a formação específica das/os mediadoras/es e Arte educadoras/es⁷ que atendem esse público específico.

Já tendo pesquisado e observado como acontecem esses processos mediativos para as crianças da Educação Infantil nos Equipamentos Culturais da cidade, e ter percebido esse déficit na colaboração das Escolas com os Espaços Culturais, esta pesquisa pretende ampliar as discussões acerca da colaboração entre os Centros de Educação Infantil e os Espaços Expositivos da cidade de Vitória/ES, compreendendo a necessidade de formação continuada⁸ tanto das/os profissionais da Escola, quanto daquelas/es que atuam nos Espaços de Arte, considerando que essa colaboração pode reverberar na ampliação de repertório das crianças da Educação Infantil, contribuindo positivamente em suas fruições e aprendizados em Arte.

Destarte, temos como objetivo geral investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, que são oferecidas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil.

⁷ Para simplificar as três nomenclaturas existentes na área da pesquisa Vitória/ES que designam as/os profissionais que trabalham nos setores educativos dos Equipamentos Culturais, adotaremos o termo Mediador/a de forma abrangente, englobando também Arte educadores/as e Educadores/as, já que essas/es profissionais, como aponta Barbosa (2008, p. 29), “[...] tratam de ampliar a relação entre o museu e o público, ou melhor, são mediadoras/es entre a obra de arte e o público”.

⁸ Com base no pensamento de António Nóvoa (2017), entendemos a formação continuada como um processo subjetivo e contínuo, no qual o/a professor/a está sempre ampliando seus conhecimentos e práticas pedagógicas. Portanto, neste texto, usaremos o termo formação continuada para descrever os processos que ocorrem nos Espaços de Arte destinados a formar docentes e mediadoras/es.

E, como objetivos específicos buscaremos: compreender como acontecem as formações para as/os professoras/es e mediadoras/es oferecidas pelos Espaços Culturais da cidade de Vitória/ES; analisar a visita e mediação de duas turmas da Educação Infantil no Espaço de Arte e as reverberações da mediação no espaço escolar, e, por fim elaborar o produto educacional considerando os momentos formativos que acontecem nos Equipamentos Culturais de Vitória e seus materiais educativos ofertados às/aos professoras/es.

Nesse sentido, como produto desta pesquisa, pretendemos criar um site no qual serão disponibilizados os materiais educativos que foram elaborados e utilizados nas formações para professores/as realizadas no Museu de Arte do Espírito Santo (MAES), desde o ano de 2020, quando o Museu reabre após um grande período fechado para reformas, até os dias atuais. Nesse contexto, o MAES ainda não possui um acervo digital que englobe esses materiais para serem disponibilizados publicamente. Assim, optamos por criar um espaço para armazenar toda produção existente referente aos últimos anos, tornando-a de fácil acesso às/aos docentes.

A escolha por esse espaço específico se deu pelo fato de ele ser um, entre os dois Equipamentos Culturais abordados nesta pesquisa, em que as formações para professoras/es e os materiais educativos necessitam ser ofertados para o público em toda exposição. Ademais, a Galeria Homero Massena (GHM), recentemente disponibilizou, através do *site* da Midiateca Capixaba⁹, os materiais educativos das suas exposições, o que corrobora para a disseminação e democratização de materiais para professoras/es e profissionais da área.

Dessa maneira, esta pesquisa está organizada em 8 capítulos. Após essa Introdução, no capítulo 2, discorreremos sobre as literaturas disponíveis que abordam as formações para professoras/es e

⁹ A Midiateca Capixaba é uma plataforma que organiza e disponibiliza o acervo das diferentes instituições pertencentes ao estado do Espírito Santo. Recentemente (no mês de outubro de 2024), a Midiateca, que já disponibiliza as obras dos acervos da GHM e do MAES, tornou público o acesso aos materiais educativos das exposições que acontecem na GHM, e esses podem ser consultados através do *site*: <https://midiateca.es.gov.br/galeriahomeromassena/material-educativo-de-exposicoes>.

mediadoras/es nos Espaços de Arte e sobre a colaboração Escola-Equipamento Cultural. Para isso, realizamos um levantamento das produções disponíveis nos bancos de pesquisas acadêmicas e também pesquisamos nos *sites* dos Equipamentos Culturais, objetivando encontrar programas e projetos que não tenham se desdobrado em pesquisas acadêmicas.

No próximo capítulo, de número 3, dialogamos com o referencial teórico/metodológico, no qual discutimos os conceitos das categorias de análise: Arte/Educação, Formação de professoras/es, Educação Infantil e Colaboração Escola-Equipamento Cultural e explicitamos a opção metodológica a partir da pesquisa participante. No capítulo 4 discutimos os Espaços de Arte da cidade de Vitória/ES como ambientes de formação cultural, com subcapítulos explicitando as formações para professoras/es, as formações de mediadoras/es, sobre a colaboração entre as Escolas e os Equipamentos Culturais e a relação das crianças nos Espaços Culturais.

O capítulo 5 é destinado para a contextualização da pesquisa, de modo a discutir os tópicos referentes a esses processos formativos no município de Vitória por meio de quatro exposições que ocorreram nos anos de 2023 e 2024: *Fiar*, no Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo, do artista Rick Rodrigues; *Fratura*, na Galeria Homero Massena, da artista Geisa da Silva, *De onde surgem os sonhos*, coletiva de Arte Contemporânea que ocorreu no Palácio Anchieta, promovida pelo Museu Vale, e *O Inquilino*, do artista Júlio Tigre, que também ocorreu no MAES, e os resultados observados durante a investigação em campo, especificando os espaços e exposições e como ocorreu a formação para docentes e mediadoras/es nessas exposições. O capítulo 6 destinamos às experiências decorrentes da visita mediada com as professoras e duas turmas de crianças da Educação Infantil à exposição *Fiar*, no MAES e os desdobramentos nas Escolas.

Por fim, no capítulo 7 expomos o produto educacional concebido e após, no capítulo 8, apresentamos nossas considerações finais.

REVISITAR É PRECISO: INTEGRANDO EDUCAÇÃO, ARTE E FORMAÇÕES DOCENTE EM ARTE

2



Alguns estudos já foram e estão sendo realizados sobre as discussões que transpassam a Educação nos Equipamentos Culturais para as crianças pequenas, como Gabre (2019; 2021), Leite (2008), Carvalho (2007), dentre outras/os, além das minhas próprias pesquisas Nascimento (2021; 2022) e Nascimento e Góes (2023; 2024). Entretanto, ainda existe uma carência acadêmica de produções que se referem aos Museus, às Galerias de Arte e aos Centros Culturais e suas ações para/com crianças pequenas da Educação Infantil e, ao nos aproximarmos da nossa realidade, ou seja, na cidade de Vitória/ES, não encontramos estudos voltados para essa área e nem para as formações continuadas de professoras/es nos Espaços de Arte, tampouco sobre as ações de colaboração entre Escola-Equipamento Cultural, que serão abordadas nessa investigação.

Com o objetivo de analisar o que as pesquisas acadêmicas tratam acerca da formação de professoras/es em Espaços de Arte e sobre a colaboração Escola-Museu, realizamos um levantamento das produções em 6 *sites* de buscas acadêmicas: Google Acadêmico, Mendeley.com, Café Capes, Repositório de Teses e Dissertações Capes, além dos *sites* dos dois programas de pós-graduação do Centro de Educação da Ufes, o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e o Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE). Após a busca desses dois descritores, elencamos os artigos, livros, teses e dissertações disponíveis e alinhamos as escolhas de acordo com a proposta da pesquisa.

Pelo fato de que na cidade da pesquisa, Vitória, existem poucos espaços denominados Museus de Arte e que, além dos Museus, foram pesquisados outros espaços como uma Galeria de Arte, optamos por elencar nessa investigação, pesquisas acadêmicas que trazem as formações continuadas de professoras/es nos Equipamentos Culturais em geral, e sobre as ações das Escolas com esses espaços.

Além das produções acadêmicas, também analisaremos, através de busca nos *sites* de Espaços de Arte, os programas e projetos que acontecem em alguns Equipamentos Culturais do país, que sejam destinados à formação para professoras/es e de colaboração entre Escola-Equipamento Cultural, que podem ainda não

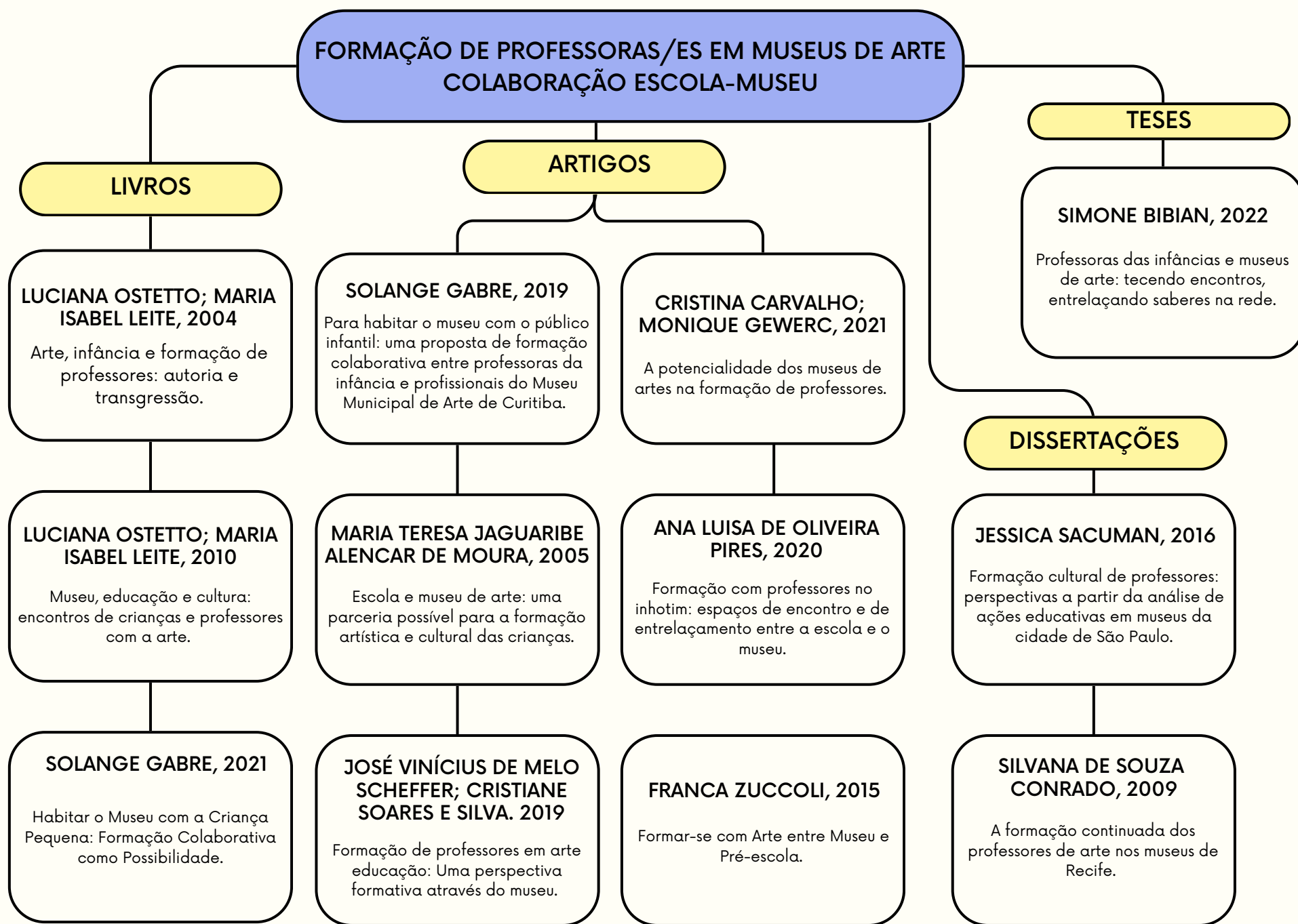
terem sido abordados como investigações acadêmicas ou que não foram encontrados nessa revisão bibliográfica.

Na pesquisa com os descritores “formação de professoras/es em Equipamentos Culturais”, foram encontrados 3.060 (três mil e sessenta) resultados e, para a busca “colaboração Escola-Equipamento Cultural” foram encontrados cerca de 67 (sessenta e sete) resultados. Os descritores relacionados aos Museus de Arte “formação de professoras/es em Museus de Arte” e “colaboração Escola-Museu” estão em menor quantidade em comparação aos números encontrados anteriormente em relação aos Equipamentos Culturais. No entanto, como os Museus de Arte também são Equipamentos Culturais e as pesquisas mais relevantes para nosso objetivo estão relacionadas a esses ambientes, analisaremos as produções encontradas sobre esses Espaços de Arte, como será detalhado a seguir.

Foram identificados cerca de 82.300 (oitenta e dois mil e trezentos) resultados para as pesquisas acadêmicas com a busca “formação de professoras/es em Museus de Arte” e para a busca “colaboração Escola-Museu” foram encontrados cerca de 60.900 (sessenta mil e novecentos) resultados, porém foram selecionadas somente 12 produções: 6 artigos, 3 livros, 2 dissertações e 1 tese, que mais se alinhavam com o que está sendo proposto nesta pesquisa.

O recorte cronológico das produções acadêmicas analisadas é de cerca de duas décadas de pesquisas, e estão disponíveis no esquema a seguir (Tabela 1):

Tabela 1 – Sistematização das produções acadêmicas.



Fonte: da autora, 2023.

O quadro auxilia a visualização das produções mapeadas. Visto isso, observamos que é necessário avançar na caracterização desses trabalhos, exibindo o que cada um retrata, porém já adiantando que nenhuma dessas obras aborda a formação para professoras/es e mediadoras/es nos Espaços de Arte do Espírito Santo, muito menos no município de Vitória/ES, área da pesquisa, e nem sobre a colaboração Escola-Espaços de Arte dessa cidade.

Iniciamos as revisões com a tese de doutorado de Bibian (2022), sendo a produção mais atual encontrada, defendida no programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, intitulada *Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede*. Com o objetivo de “[...] Identificar e discutir o lugar que os saberes e as narrativas de docentes das infâncias ocupam e/ou poderiam ocupar nas propostas educativas dos museus de arte” (Bibian, 2022, p. 55). A pesquisa realizada utilizou como metodologia a proposta sustentada “[...] na ideia de conversar com professoras de Educação Infantil. Inspirada em Walter Benjamin (1987), nos pressupostos teórico-metodológicos das abordagens (auto)biográficas e das histórias de vida e formação” (Bibian, 2022, Resumo).

Simone Bibian reflete sobre as narrativas e conhecimentos que as professoras de Educação Infantil poderiam vir a contribuir nas ações de educação nos Museus de Arte. Além dos momentos formativos desenvolvidos com as professoras que participaram da pesquisa, Bibian elaborou uma listagem com *Dez lições que as professoras ensinam aos museus*. Por fim, aponta que muito ainda deve ser pensado em relação à ocupação das crianças nos Museus de Arte e que há muitos ensinamentos que devem ser compartilhados entre a Escola e esses Equipamentos Culturais.

Entre as produções de dissertações de mestrado relacionadas ao tema, destaca-se a pesquisa de Jessica Sacuman (2016), nomeada *Formação cultural de professores: perspectivas a partir da análise de ações educativas em museus da cidade de São Paulo*. Esse trabalho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo, teve como objetivo “[...] analisar a formação

cultural e contínua de professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental (Escolas da Infância) em museus” (Sacuman, 2016, Resumo). A pesquisa apresenta como metodologia uma abordagem de cunho qualitativo com revisão bibliográfica e análise documental.

Sacuman (2016) realiza uma investigação acerca das ações de formação cultural continuada para docentes de Escolas da Infância e anos iniciais dos setores educativos de dois Museus da cidade de São Paulo, o Museu de Arte Moderna (MAM) e a Pinacoteca do Estado de São Paulo (PESP). Conclui que existe formações nesses ambientes, apesar de cada um apresentar uma metodologia educativa diferente, e que os dois espaços compreendem as/os docentes como agentes de suas próprias formações, sendo esses Museus contribuintes de forma significativa para a formação das/os professoras/es. Traz ainda as dificuldades de acesso da população aos Espaços de Arte da cidade, em especial para as/os professoras/es.

Outra dissertação encontrada, que discute as formações continuadas nos Museus, é da pesquisadora Silvana de Souza Conrado. Elencamos esse trabalho, pois mesmo sendo de 2009, dialoga com os contextos atuais vividos nesses espaços. A pesquisa foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pernambuco e denominada *A formação continuada do professor de arte nos Museus de Recife*, tem como objetivo “[...] compreender programas de Formação Continuada, oferecidos por dois Museus de arte de Recife, aos Professores de Arte” (Conrado, 2009, Resumo).

Utilizando como metodologia a pesquisa qualitativa através do estudo de caso, a autora avaliou se os programas educativos dos dois Museus escolhidos, ofereciam às/aos professoras/es uma formação multicultural. Constatou que, embora disponibilize essas formações continuadas, não há um modelo padrão e que as propostas se aproximam do ensino tradicional de Arte. Traz ainda a inclusão desses espaços e formações para professoras/es que não são do campo da Arte, compreendidos como público não especializado em Arte.

Quando passamos para as produções literárias escritas sobre o assunto, observamos duas autoras que se de

se destacam, Luciana Ostetto e Maria Isabel Leite. As duas foram organizadoras de dois dos três livros que foram encontrados na revisão bibliográfica, o primeiro intitulado *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*, de 2004 e o segundo, *Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte*, de 2010.

O primeiro livro traz diversos textos que pensam na relação entre Museu, educação e cultura, incluindo alguns que refletem sobre a formação das/os professoras/es e a presença das crianças nesses espaços. Já o segundo livro, oferece um compilado de artigos que abordam a formação das/os professoras/es, sobre as infâncias e a Arte.

O terceiro livro encontrado é da autora Solange Gabre (2021), com o título *Habitar o Museu com a Criança Pequena: Formação Colaborativa como Possibilidade*, resultado da pesquisa de doutorado da autora, que investigou a presença das crianças pequenas no Espaço de Arte. Problematizando sobre o direito de as crianças habitarem os Museus e sobre as formações das/os professoras/es e das/os profissionais do Museu, a pesquisa ocorreu no Museu Municipal de Arte de Curitiba (MuMA), em uma formação para professoras/es idealizada pela autora, que culminou na exposição *Com Olhos de Criança: o acervo do MuMA*. A autora apresenta a formação colaborativa dos profissionais da Escola e do Museu como fundamental para essa ocupação das crianças pequenas no Museu de Arte.

Além do livro, outro artigo da autora foi encontrado, de 2019, *Formação colaborativa: uma possibilidade de habitar o Museu de Arte com a Pequena Infância*. Neste artigo, Gabre faz um recorte da investigação *Para Habitar o Museu com o Público Infantil: uma proposta de formação colaborativa entre professoras da infância e profissionais do Museu Municipal de Arte de Curitiba*, abordando o trabalho colaborativo como possibilidade para que as crianças da Educação Infantil acessem a Arte e a cultura no Museu.

Essas investigações da professora Solange Gabre, são as que, de certo modo, mais se aproximam do tema desta pesquisa, pois discutem sobre a formação das/os professoras/es e das/os trabalhadoras/es do Museu,

e sobre a colaboração da Escola com esse espaço não formal, além de trazer as crianças da Educação Infantil como sujeitos que também merecem ser atendidos nos Espaços de Arte. Ainda que as temáticas sejam próximas, se compararmos, as realidades das duas cidades são diferentes em todos os âmbitos, pois além de os campos de pesquisa estarem localizados em regiões e estados distintos — mesmo que os dois estejam fora do eixo da Arte Rio-São Paulo, reconhecidos pela maior difusão da Arte e cultura no Brasil —, a região sul do país, área de pesquisa de Gabre, principalmente a capital do Paraná, Curitiba, onde fica localizado o MuMA, é rica em Museus e espaços expositivos, diferentemente de Vitória, no estado do Espírito Santo, área na qual está sendo realizada esta pesquisa, que dispõe de pouquíssimos Museus e em menor número, se filtrarmos para os Museus de Arte.

Outra produção que também está estritamente relacionada com os objetivos desta pesquisa é o artigo de Maria Teresa Jaguaribe Alencar de Moura, de 2005, com o título de *Escola e museu de arte: uma parceria possível para a formação artística e cultural das crianças*. Essa produção reflete sobre a relação das Escolas com os Museus de Arte, vendo a parceria destes como essencial para a formação artística e cultural das crianças, considerando todos os sujeitos envolvidos no processo educativo no Museu de Arte. A autora utilizou a metodologia qualitativa, articulada à perspectiva sócio-histórica.

Do ano de 2021, encontramos um artigo das autoras Cristina Carvalho e Monique Gewerc, intitulado *A potencialidade dos museus de artes na formação de professores*, cujo objetivo é compreender se as ações que os Museus da cidade do Rio de Janeiro oferecem às/aos professoras/es podem contribuir em suas formações culturais e estéticas. Utilizando como estratégia metodológica a entrevista semiestruturada, foram entrevistadas/os educadoras/es museais de cinco Museus do Rio de Janeiro, tendo como resultado dados que demonstram que os Museus têm desenvolvido formações com as/os professoras/es considerando suas especificidades, sendo a visita ao Museu vista como um momento transformador.

Outro artigo que aborda a formação de professoras/es em Museus é *Formação de professores em arte educação: Uma perspectiva formativa através do Museu*, escrito por José Vinícius de Melo Scheffer e

Cristiane Soares e Silva, em 2019. Esse estudo foi realizado englobando o educativo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC.CE) e professoras/es da área de Arte da rede da Secretaria da Educação do Ceará (CEFOP/SEDUC), com o objetivo de relatar a formação continuada em Arte/Educação para essas/es professoras/es nesse Espaço de Arte público.

Esse plano de formação continuada partiu “[...] da necessidade encontrada pelos Arte-educadores do Museu em estabelecer relação com os professores nas mediações poéticas apresentadas na visita das escolas no Museu” (Scheffer; Silva, 2019, Resumo). A pesquisa utilizada foi qualitativa através da pesquisa ação, na qual os pesquisadores se inseriram no cotidiano das/os professoras/es nesse espaço.

Além desse estudo sobre essas formações, as/os autoras/es também estabelecem um projeto no Educativo do MAC.CE, que visa o contato entre o Museu e as instituições de ensino. Após a pesquisa foi constatado que muitas/os professoras/es que atuam na área não tem formação específica em Arte, portanto muitas/os delas/es tiveram dificuldades em conceitos básicos que foram abordados durante as formações, além da dificuldade de acesso para levar as crianças a esses locais.

Dois artigos de pesquisadoras de fora do país foram encontrados, ainda que estivessem publicados em revistas brasileiras. O primeiro, da professora italiana Franca Zuccoli, *Formar-se com Arte entre Museu e Pré-escola*, de 2015, e o segundo, da professora portuguesa Ana Luisa de Oliveira Pires, com o artigo *Formação com professores no Inhotim: espaços de encontro e de entrelaçamento entre a escola e o museu*, de 2020.

O primeiro ensaio reflete sobre a importância “[...] da formação de professores/as realizada nos museus, onde o contato com as obras presentes é elemento de desenvolvimento da profissionalidade” (Zucolli, 2015, Resumo). Relatando cinco experiências que aconteceram com grupos de educadoras/es e professoras/es das creches, pré-escolas e Escolas primárias em três Museus em Milão, na Itália: Hangar Bicocca, Triennale

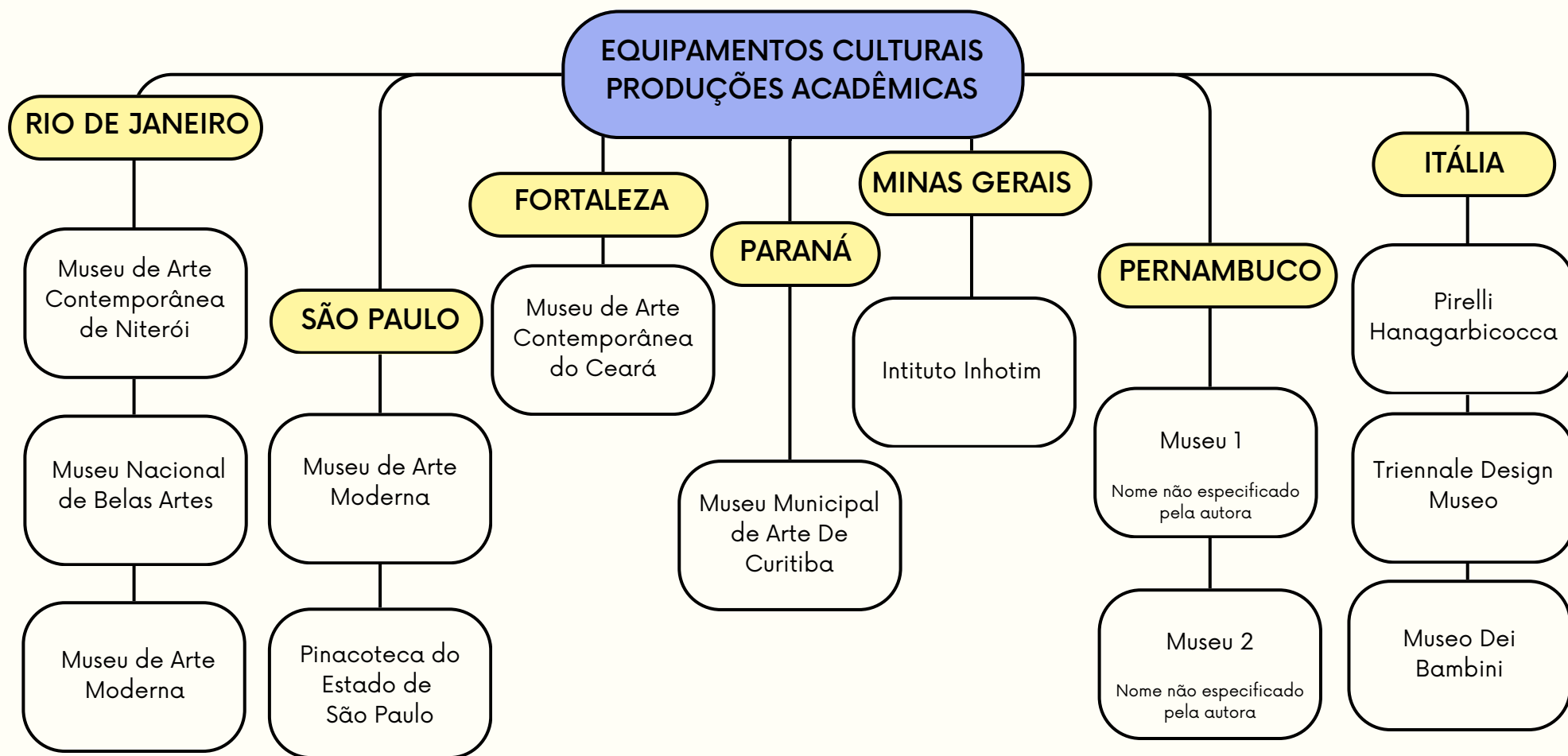
Design Museum e Museo dei Bambini, com o objetivo de aproximar as/os professoras/es para que pudessem incidir nas ações que aconteceriam posteriormente, reverberando nas crianças de 3 a 6 anos.

Já o segundo trabalho, de Pires, 2020, a autora analisa as potencialidades da relação entre a Escola e o Museu, através do estudo de caso que ocorreu nos programas de formação continuada para professores *Descentralizando o acesso, Escola integrada e A escola vai ao museu*, desenvolvidos pelo Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais. Conclui que esses programas envolvem a comunidade e a Escola com o Museu, compartilhando um espaço para “[...] reinvenção do trabalho docente e desenvolvendo processos que contextualizam e dão mais sentido às aprendizagens dos alunos” (Pires, 2020, p. 68).

Como se pode observar, várias/os pesquisadoras/es compreendem a relevância dessas temáticas integrando Educação, Arte e Formações nos Espaços de Arte, e essas pesquisas avançam para que possa ocorrer mudanças nos atendimentos dos Equipamentos Culturais em nosso país e no mundo, realizando essa integração entre os Museus/Galerias/Centros Culturais e as Escolas.

De forma sistematizada, apresentamos os Espaços Culturais separados por estados (ou país) que já foram abordados nas pesquisas acadêmicas através das 12 produções analisadas, objetivando que programas e projetos de Equipamentos Culturais situados em outros estados também sejam tratados na pesquisa posteriormente (Tabela 2):

Tabela 2 – Equipamentos Culturais abordados nas pesquisas acadêmicas, separados por estados e país.



Fonte: da autora, 2023.

Com a finalidade de englobar mais espaços que possam por vez não terem sido investigados academicamente, realizamos uma pesquisa em *sites* de vários Equipamentos Culturais. Ao realizar essa investigação, notamos que os programas e projetos com mais visibilidade estão concentrados nas grandes cidades em que a Arte e a cultura estão mais presentes, como São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, esses dois estados também foram destacados nas produções acadêmicas relacionadas aos Espaços Culturais encontrados, o Rio de Janeiro apresenta três Equipamentos Culturais e São Paulo dois, sendo maior que o número de Espaços de Arte encontrados em outros estados.

No entanto, é importante destacar que as regiões brasileiras que estão fora do eixo Rio-São Paulo, também desenvolvem trabalhos significativos na formação de professoras/es e na colaboração Escola-Equipamento Cultural, ainda que essas iniciativas sejam menos divulgadas. É comum que os grandes Museus e Centros Culturais estejam expandindo seus papéis como ambientes de formação para os diversos públicos, incluindo as/os docentes. Muitos Equipamentos Culturais já oferecem diversas ações e materiais para professoras/es, embora nem sempre sejam estruturadas como projetos ou programas específicos voltados para o/a docente, e sim como parte de seus programas educativos gerais.

Abordaremos, portanto, cinco programas de formação para professoras/es, três desenvolvidos em São Paulo, que apesar de estarem situados nesse estado que já foi abordado nas pesquisas acadêmicas, são de grande importância para essa discussão. Dentre os outros dois Equipamentos, um está no estado de Minas Gerais, também já citado, porém em outra cidade, e o último programa, no estado da Bahia, abrangendo mais de um Equipamento Cultural do estado.

O *MASP Professores* é um programa desenvolvido pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand a partir dos anos 90, e desde então vem realizando “[...] encontros sobre arte, educação e esfera pública, voltado para a formação de educadores e interessados em geral” (Masp, 2019). O *MASP Professores* inclui entre suas ações cursos, seminários, oficinas e materiais educativos, que visam integrar Arte e Escola, promovendo o espaço museal como ambiente de aprendizagem para professoras/es e estudantes. Este programa tem sido uma potente iniciativa para a formação continuada de professoras/es, ao longo desses mais de 30 anos de existência, na cidade de São Paulo e em outras regiões do Brasil, visto que, algumas ações também são transmitidas no *Youtube* do Museu.

Um Museu adicional também em São Paulo que apresenta um programa de formação para professoras/es é o Museu Lasar Segall. O projeto *Arte educação entre o Museu e a Escola* é realizado pelo setor educativo do Museu em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. A formação pretende criar um ambiente de discussão e pesquisa sobre práticas “[...] pedagógicas no ensino de Arte entre o Museu e a Escola, refletindo sobre os aspectos do sistema da Arte e da cultura visual” (Museu Lasar Segall, 2022). Esse programa, além de ser um momento de formação para professoras/es, também fortalece a colaboração entre o Museu Lasar Segall e as instituições educacionais, estabelecendo laços através das/os docentes participantes.

Outra colaboração da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo é com o Museu de Arte Brasileira (MAB FAAP). O programa denominado *Ciclo de Conversações*, nasce em 2017 por uma vontade do educativo de “[...] estreitar relações com os profissionais docentes das escolas que atendia no museu” (MAB FAAB, 2024). Esse projeto objetiva aproximar as/os professoras/es que atuam na educação formal, com as práticas da educação não formal que acontecem dentro do MAB FAAP, e também de aproximar as/os educadoras/es do Museu com as/os docentes e assim possibilitar trocas entre essas/es profissionais.

Embora haja várias ações desenvolvidas pelos Equipamentos Culturais que envolvam as/os professoras/es, é difícil encontrar em seus *sites* programas ou projetos voltados especificamente para esse público, como acontece com os programas citados acima. Outra problemática que podemos observar, é que muitos Equipamentos Culturais nem sempre têm seu foco exclusivo voltado para a Arte, apesar de serem promotores da Arte e da cultura em algumas ocasiões. Muitos espaços estão dedicados para questões relacionadas à história, ao meio ambiente, aos minerais, entre outros, dificultando a localização desses programas e projetos voltados para professoras/es que abordem temas ligados às Artes.

Entretanto, alguns espaços também já apresentam em seus *sites* espaços dedicados aos educativos e até alguns exclusivamente para professoras/es, nas quais é possível encontrar materiais educativos disponibilizados para auxiliar as/os docentes em sala de aula, como no *site* da Pinacoteca, do MASP, da Casa Fiat de Cultura (Imagem 1), entre outros.

Imagem 1 - Site Casa Fiat de Cultura, espaço destinado para professoras/es.

← → ↻ 🏠 casafiatdecultura.com.br/educativo/espaco-da-professora-e-do-professor/ 🔍

CASA FIAT DE CULTURA APRESENTAÇÃO PROGRAMAÇÃO EDUCATIVO CATÁLOGOS VÍDEOS IMPRENSA CONFETARIA CIRCUITO LIBERDADE FALE CONOSCO

ESPAÇO DA PROFESSORA E DO PROFESSOR

Ministério da Cultura e Casa Fiat de Cultura apresentam

ESPAÇO DA PROFESSORA E DO PROFESSOR

materiais de suporte à educação

Parceiros: **FIAT** **STELLANTIS** **STELLANTIS** **Banco Safra** **USIMINAS** **SADA**

Apoiado por: **AMIGOS DA CASA** **MINAS GERAIS** **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS** **CASA FIAT DE CULTURA**

Sobre o Espaço da Professora e do Professor

Em iniciativa de estreitamentos de laços com a comunidade acadêmica, a Casa Fiat de Cultura lança, em seu site, um espaço dedicado a professores e educadores.

Neste Espaço, que é alimentado periodicamente, estão disponíveis materiais com conteúdos de suporte à educação em diversas mídias.

Acesse clicando [aqui](#).

Praca da Liberdade, nº10, Funcionários | CEP: 30140-010 | Belo Horizonte/MG - Brasil
Tel: +55 (31) 3289-8900
Horário de funcionamento: terça e sexta-feira, das 10h às 21h; sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h
Visitas agendadas sob consulta

TODA PROGRAMAÇÃO DA CASA FIAT DE CULTURA É GRATUITA

🦽 | 🧑 | 🙋
Atendimento acessível sob demanda, mediante disponibilidade da equipe.

f @ y t i

Fonte: da autora, 2023.

Na imagem é possível observar que o site do Espaço Cultural Casa Fiat de Cultura apresenta um “Espaço da Professora e do Professor”, que fica dentro da aba destinada ao educativo: “[...] Neste Espaço, que é alimentado periodicamente, estão disponíveis materiais com conteúdos de suporte à educação em diversas mídias (Casa Fiat, 2024).

A escolha pela apresentação do *site* desse Equipamento Cultural específico se deu, pelo fato, de esse espaço ter essa preocupação em estreitar os laços com a comunidade acadêmica e ter um ambiente virtual dedicado, especificamente, para esse público, mesmo que esse Espaço de Arte não esteja localizado em grandes centros artísticos como São Paulo ou Rio de Janeiro. A Casa Fiat de Cultura é um Equipamento que apresenta um programa de formação para professoras/es, em seu programa educativo permanente. Situada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, esse espaço dispõe de um programa de formação voltado exclusivamente para as/os professoras/es. O programa, chamado de *Formação para Professores*, objetiva promover a formação continuada das/os docentes, capacitando-as/os para integrar a Arte e Cultura em suas práticas pedagógicas em sala de aula e estimular o uso do Espaço Cultural como um recurso educativo.

Outro equipamento fora desse eixo dito central da Arte, é um projeto que acontece na Bahia. Esse programa é desenvolvido através da parceria das Secretaria de Cultura do Governo do Estado da Bahia (Secult-BA) e da Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC), denominado *Estudantes nos Museus*, que visa “[...] promover atividades educacionais voltadas para os estudantes da rede estadual de ensino, por meio de experiências imersivas e interativas no ambiente museal” (Governo do Estado da Bahia, 2024).

Para além das/os estudantes, essa iniciativa envolve as/os professoras/es ao integrá-las/os ao programa que será ofertado, através de formação específica para capacitá-las/os a utilizarem o Museu como recurso pedagógico em suas práticas educacionais com as turmas. O programa ainda perpassa por diferentes Museus de Salvador e do interior do estado, como o Museu de Arte da Bahia, o Museu de Arte Contemporânea da Bahia, o Museu de Arte Moderna, o Centro Cultural Solar Ferrão e o Parque Histórico Castro Alves. Esse projeto, além de formar professoras/es e estudantes é um programa de integração entre

as Escolas e os Espaços Culturais, que é promovido pelas secretarias com o objetivo de criar essa relação mútua entre esses dois espaços.

É possível perceber nos projetos encontrados, que a maioria dos programas voltados para a formação continuada em Espaços de Arte, visa realizar uma ligação com as Escolas através das/os professoras/es, objetivando incentivar essas/es docentes a utilizarem os equipamentos e materiais disponibilizados com suas turmas, tanto no ambiente escolar quanto em contextos não formais, integrando-os às aulas.

Importante ressaltar as dificuldades de divulgação das ações desses programas, pois muitas vezes os Equipamentos Culturais não têm um *site* próprio e seus conteúdos e divulgações são realizados nos sites das secretarias de cultura. É possível observar que esses programas e projetos de formação para professoras/es podem acontecer por iniciativa do próprio Equipamento Cultural — como ocorre com o programa do MASP e da Casa Fiat de Cultura —, como também por parcerias com as Secretarias de Educação, como os casos do Museu Lasar Segall, do Museu de Arte Brasileira e do programa *Estudantes nos Museus* que acontece na Bahia.

Essa parceria com as Secretarias de Educação pode se tornar essencial para melhor promover as iniciativas nos Espaços de Arte, visto que, frequentemente elas não conseguem alcançar o público desejado devido aos diversos desafios enfrentados pelas/os professoras/es ao frequentarem esses espaços, como falta de tempo para formações, cansaço, distância dos Espaços Culturais entre outros.

Em relação aos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória, além dos espaços que serão abordados, outros realizaram formações para professoras/es durante os dois anos de escrita desta dissertação (Tabela 3). Essas ações tampouco estavam disponíveis para serem consultadas nos *sites* desses espaços e, só conseguimos obter essas informações, porque estamos num contexto de cidade com poucos Equipamentos Culturais, o que facilita o acesso. Os espaços que realizaram esses momentos formativos estão apresentados na tabela abaixo:

Tabela 3 – Tabela demonstrando os Espaços de Arte da cidade, demarcando aqueles que realizaram formações para professoras/es nos anos de 2023 e 2024.

INSTITUIÇÃO	LOCALIDADE	TIPO DE INSTITUIÇÃO	REALIZOU FORMAÇÕES PARA PROFESSORAS/ES EM 2023/24?
Museu de Arte do Espírito Santo	CENTRO DE VITÓRIA	MUSEU PÚBLICO	X
Sesc Glória	CENTRO DE VITÓRIA	CENTRO CULTURAL	X
Galeria Homero Massena	CENTRO DE VITÓRIA	GALERIA PÚBLICA	X
Casa Porto das Artes Plásticas	CENTRO DE VITÓRIA	MUSEU PÚBLICO	
Museu Capixaba do Negro	CENTRO DE VITÓRIA	MUSEU PÚBLICO	X
Galeria de Arte e Pesquisa	UFES	GALERIA FEDERAL	
Galeria de Arte Espaço Universitário	UFES	GALERIA FEDERAL	X
Galeria Matias Brotas Arte Contemporânea	MATA DA PRAIA	GALERIA COMERCIAL	X
OÁ Galeria	BENTO FERREIRA	GALERIA COMERCIAL	
Galeria Via Thorey	JARDIM DA PENHA	GALERIA COMERCIAL	
Mosaico Fotogaleria	MATA DA PRAIA	GALERIA COMERCIAL	
Museu Vale	JARDIM CAMBURI	MUSEU PRIVADO	X
Palácio Anchieta	CENTRO DE VITÓRIA	CENTRO CULTURAL	
Espaço Ladeira	CENTRO DE VITÓRIA	CENTRO CULTURAL	

Reiteramos que nos últimos dois anos, como mostrado na tabela, se levarmos em conta o panorama geral, muitos Espaços realizaram as formações para professoras/es. Dos quatorze espaços existentes, sete realizaram formações. No entanto, muitas vezes há uma lacuna nas formações oferecidas pelos Equipamentos Culturais, que não apresentam obrigatoriedade conforme os editais de incentivo à cultura. Essa situação depende das exposições em exibição, dos cronogramas dos espaços, das verbas disponíveis para realizar as formações e de outros fatores relacionados à gestão de um Espaço de Arte.

O público docente, ainda que esteja sendo considerado em muitos espaços artístico-culturais em Vitória, no Brasil e no mundo, é um público frequentemente negligenciado pelos mesmos, e isso se deve ao fato de os Equipamentos Culturais serem espaços de poder que muitas vezes excluem certos grupos e os ignoram nos processos de Arte/Educação, incluindo as/os professoras/es. O público escolar de forma geral, também é negligenciado, principalmente aqueles de Escolas periféricas, que pouco frequenta esses espaços, visto que “[...] não só não se reconhecem nele, mas porque tudo nele é feito para que não sejam bem-vindos” (Vergès, 2023, p. 26).

Vergès (2023), discorre sobre um caso que aconteceu no *Musée d’Orsay*, em Paris, quando uma turma de uma Escola para estudantes com dificuldades de aprendizado e alto índice de evasão foi *convidada* a se retirar do espaço do Museu pois estavam fazendo muito barulho. O ocorrido foi tratado como um caso de discriminação e várias foram as pessoas que se indignaram, inclusive professoras/es que disseram que este não foi um caso isolado e que era comum ao levarem suas turmas aos Museus de Paris que as pessoas olhassem “[...] torto para nossos alunos, apesar de terem se comportado extremamente bem; [...] como se o mau comportamento dos jovens da periferia já fosse esperado” (Vergès, 2023, p. 27).

Isso mostra que algumas dessas instituições de Arte, que deveriam ser espaços de acolhimento e de disseminação da Arte e da Cultura, independentemente de classe, gênero, cor, etc, de suas/seus visitantes, ainda apresentam um pensamento colonial, elitista e de discriminação a certos grupos.

Importante pontuarmos que essa concepção não está apenas nos Museus da Europa. O pensamento colonial está enraizado no ideário de muitas pessoas, principalmente habitantes de países que sofreram o processo de colonização. É necessário descolonizar pensamentos e ações e, para isso, a Arte Contemporânea se encarrega de auxiliar ao propor obras e exposições que apresentam uma contraposição colonial, exibindo artistas e suas produções feministas, racializadas, de periferia, *queer*, etc.

É fato que a Arte Contemporânea não consegue sozinha descolonizar¹⁰ o pensamento das/os dirigentes, funcionárias/os e demais pessoas envolvidas nesses Espaços de Arte e do público que o visita. Por isso, torna-se premente que seja ofertado nos Museus, nas Galerias e nos Centros Culturais diferentes formações que tragam em seu bojo essa concepção, no sentido de sensibilizar e disseminar, entre suas/seus trabalhadoras/es e visitantes, um pensamento decolonial e antirracista.

O pensamento decolonial, segundo Catherine Walsh, busca uma transformação profunda das estruturas coloniais de poder, conhecimento e ser, sendo tanto uma prática intelectual quanto uma resistência política e cultural. Nas palavras de Walsh (2010, p. 16, tradução nossa):

Não pretendemos simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial, ou seja, passar de um momento colonial para outro não colonial, como se fosse possível que seus padrões e suas marcas deixassem de existir. A intenção, ao contrário, é apontar e provocar um posicionamento — uma postura e atitude contínua — de transgredir, intervir, insurgir e incidir. O decolonial, então, denota um caminho contínuo de luta no qual podemos identificar, visibilizar e encorajar 'lugares' de exterioridade e construções alternativas.

Nesse contexto, a decolonialidade se torna especialmente relevante nos Espaços de Arte. Tomando por fundamento os seus princípios, buscamos questionar e reverter as narrativas dominantes e as estruturas de poder que influenciam a produção e o consumo artístico. Isso pode dar voz a novas perspectivas, revisar

¹⁰ Frantz Fanon (2022), infere que “[...] A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo é [...] um programa de desordem absoluta” (Vergès, 2023, p. 49). Isso implica que a descolonização não se limita a questões políticas ou territoriais, mas também envolve uma mudança radical no modo como pensamos e entendemos o mundo ao nosso redor.

tradições artísticas e promover práticas que desafiem a ordem estabelecida, criando um ambiente mais diversificado e inclusivo.

Além do atendimento das/os estudantes/crianças, outra adversidade em relação à participação de Escolas e professoras/es, inclui o acesso dessa/e profissional aos Espaços de Arte, pois como cobrar da/o docente que leve suas turmas ao Museu se nem ela/e própria/o e as pessoas da convivência das crianças foram ensinadas culturalmente a visitarem esses locais? Segundo De Moura, a formação cultural das crianças é refletida na formação cultural de seus pares:

Pensar na formação cultural das crianças nos faz necessariamente pensar na formação cultural de seus educadores. Como incrementar essa formação, tendo em seu bojo o acesso aos museus, se seus pais e professores não têm acesso às diversas manifestações culturais, às instituições fomentadoras e divulgadoras e, em especial, uma familiarização com a arte e com os museus de arte? (De Moura, 2005, p. 3).

Refletir sobre essa pergunta feita pela autora é pensar nos Equipamentos Culturais como espaços excludentes, que diversas vezes afasta socialmente certos tipos de público, principalmente as populações marginalizadas, periféricas, se tornando um ambiente elitizado, que gera sentimentos de não pertencimento para algumas pessoas, incluindo as/os professoras/es, que tem seu histórico social comumente nas classes mais populares e foram ensinados por toda a vida que Museu, Arte e Cultura, aquelas socialmente aceitáveis, são apenas para as pessoas da elite.

Os Museus em sua essência histórica, são espaços coloniais, com seus acervos e coleções provenientes de saques e pilhagem dos povos colonizados, refletindo no acesso das pessoas a esses espaços, “[...] já que é frequentado essencialmente pelas classes sociais superiores, pouco acolhedor para as classes populares, as pessoas pobres, os/as indígenas e os/as racializados/as” (Vergès, 2023, p. 26).

Dialogando com o pensamento de Vergès (2023), destacamos o desconforto engendrado em posturas de profissionais de Museus e Galerias de Arte que mantém uma perspectiva tradicional, insistindo em não

reconhecer que, na contemporaneidade, torna-se fulcral avançar para perspectiva de pensamentos decoloniais, antirracistas, anticapacitistas e feministas. E, para além dessas perspectivas, descentralizar ações buscando um trabalho colaborativo e coparticipativo entre Museu/Equipamentos Culturais como já apontam alguns dos estudos já citados.

Nesse sentido, ressaltamos que as/os profissionais da Escola também precisam avançar nesse entendimento, haja vista que muitas/os professoras/es que levam as crianças aos espaços, apenas pensam nesse momento como uma visita, uma saída da Escola, que não há necessidade de preparação tanto do/a professor/a, quanto das crianças, e consideram que a responsabilidade de mediar no Espaço de Arte é do/a mediador/a, e que não deve intervir em um universo que não é dele/a, principalmente por muitas das vezes não se sentir confiante em falar de assuntos que não sejam de seu conhecimento.

Compreendemos, porém, que é o/a professor/a que está com a turma todos os dias na sala de atividades e que conhece as crianças e suas especificidades, que pode contribuir na visita e mediação. Todavia, isso só irá ocorrer se o/a mesmo/a estiver em sintonia com o/a mediador/a e com o que está sendo exibido na exposição.

Nesse contexto, destacamos a importância das formações continuadas para as/os professoras/es nos Espaços de Arte e, conseqüentemente, sua integração com a equipe de mediadoras/es, pois essas formações podem, além de expandir o conhecimento ou o repertório artístico/cultural dessa/e profissional e, conseqüentemente, das suas turmas, corroborando no momento de visitação das/os pequenas/os à exposição e nas ações pedagógicas que ocorrem após a visita, já na Escola.

Dessa forma, esses momentos formativos e de parceria entre essas/es profissionais, são fundamentais para **investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, que são oferecidas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e**

reconfiguram os processos de visitação, mediação e a oes pedagógicas para/com as crianças da Educa o Infantil, conforme o objetivo geral desta pesquisa.

Sobre as forma es para professoras/es nos Museus, Lavelberg ressalta que:

Muitas são as modalidades de forma o inicial e continuada na área de Arte. Alguns museus brasileiros a oferecem para professores por intermédio de cursos de História da Arte, oficinas de cria o, materiais de apoio didático sobre o acervo ou mostra específica, projetos que levam obras e reprodu es às escolas, palestras, visitas orientadas, recep o de alunos e professores de escolas ou da forma o inicial, que aprendem nesta interlocu o (Lavelberg, 2016, p. 91).

Além das modalidades de forma o de docentes citados pela autora, compreendemos também que diferentes e diversos conhecimentos poderiam ser apropriados a partir da forma o das/os mediadoras/es para mediar especificamente para o público da Educa o Infantil, pois estes, usualmente, não conhecem as especificidades desse pequeno grande público. As forma es para mediadoras/es se tornam essenciais a cada nova exposi o, e assim, curador/a educativo/a ou pedagógico, juntamente com artistas e curadoras/es, contribuem para que essas/es profissionais tenham o embasamento necessário e possam se apropriar do que está sendo exposto.

Ponderando que o público escolar   o que mais visita exposi es e que são as/os professoras/es que trabalham diretamente com esse público, as/os profissionais do Equipamento Cultural e da Escola não poderiam se unir para propor media es mais potentes para atender as crianças? Pois, “[...]   no encontro e entrelaçamento de professores, educadores e mediadores, e através de dinâmicas colaborativas e criativas, que se podem ampliar as possibilidades da forma o contínua dos professores” (Pires, 2020, p. 68). Acreditamos que não são ampliar a forma o contínua dessas/es profissionais, mas também ampliar o conhecimento das/os mediadoras/es sobre as possibilidades de se trabalhar com crianças/adolescentes no Equipamento Cultural e contribuir na hora da visita mediada com o público escolar.

Sobre a formação dessas/es profissionais nos Equipamentos Culturais, é possível levantar algumas questões: quais formações/proposições são ofertadas às/aos professoras/es pelos Espaços artístico/culturais da cidade? Em que horário são realizadas? De que forma são feitas? São disponibilizados materiais educativos? Existe uma formação continuada das/os profissionais que atuam nesses processos? E sobre a formação das/os profissionais dos Equipamentos Culturais, refletimos como acontecem para as/os mediadoras/es. Existe uma preparação para atender à Educação Infantil? Será que uma formação conjunta dos sujeitos envolvidos no processo contribuiria positivamente para a fruição das crianças na hora da visita mediada a uma exposição?

As formações para professoras/es nem sempre são oferecidas pelos Espaços de Arte, e muitos que oferecem apresentam um modelo formativo que é uma “[...] via de mão única, em que o Museu oferece e o professor e a escola aceitam” (Gabre, 2019, p. 5). Além do conteúdo da formação, ainda há as questões referentes aos horários que acontecem as formações, que muitas das vezes são oferecidas nos horários comerciais em que o Equipamento Cultural funciona, ou seja, momentos em que as/os professoras/es estão em sala de aula, não conseguindo participar.

Ainda que algumas/ns professoras/es frequentem as formações e levem suas turmas para visita mediada no Equipamento Cultural, nem sempre esses momentos formativos que acontecem envolvem essas/es profissionais, culminando assim, em um processo que se retroalimenta, fazendo com que muitas/os docentes não estejam à vontade para propor um trabalho anterior e/ou posterior à visita, e nem contribuir de alguma forma na hora da mediação. Gabre (2021) estuda as ações colaborativas entre Escola e Museus, mas numa localidade específica, que é Curitiba/PR, sua área de atuação, e reflete que:

Articular um campo de atuação que envolve professores da educação infantil e profissionais do museu de arte, significa estar diante de um desafio que é bastante inovador e o caminho considerado mais respeitoso, com os profissionais envolvidos, foi o desenvolvimento de uma intervenção, por meio de um trabalho colaborativo, como um princípio de formação continuada, no contexto do museu Municipal de Arte de Curitiba, para buscar algumas possibilidades de respostas no que diz respeito à problematizações que envolveu esse estudo (Gabre, 2021, p. 31).

Nessa direção a autora realizou uma proposta de intervenção que contribuiu para a formação dos sujeitos envolvidos nesses espaços e, através da formação continuada e da colaboração do grupo, todas/os as/os envolvidas/os puderam criar estratégias e métodos para propor visitas mediadas que levassem em conta as especificidades das crianças, que incluíssem as/os professoras/es no processo mediativo e que deixassem as/os mediadoras/es à vontade para mediar para um público tão singular como o da Educação Infantil.

Nesse sentido, também na cidade de Vitória/ES faz-se necessário olhar para as relações que vão se estabelecendo entre esses sujeitos, os espaços e ações que nele ocorrem para podermos compreender e propor formações artístico-culturais que reverberem potencialmente para ambos e assim, possam chegar até as crianças da Educação Infantil como algo pensado intencionalmente para elas.

Neste contexto, exploramos as referências bibliográficas que discorrem sobre as temáticas “Formação de Professoras/es nos Equipamentos Culturais” e “Colaboração Escola-Equipamento Cultural”. Para isso, pesquisamos nos sites de buscas acadêmicas e nos *sites* dos próprios Equipamentos Culturais e destacamos programas e iniciativas fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, que também desempenham um papel significativo na produção de Arte e Cultura.

Também abordamos essas temáticas em relação aos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES. Discutimos as relações entre os Espaços de Arte e os públicos escolares e docentes sob uma perspectiva decolonial, com base na obra da autora Françoise Vergès. Além disso, analisamos como a formação de professoras/es e a colaboração entre Escolas e Equipamentos Culturais podem contribuir no atendimento das crianças da Educação Infantil, público geralmente invisibilizado durante as formações nos Equipamentos Culturais.

Compreendendo a relevância desses temas, no próximo capítulo, apresentaremos nosso referencial teórico e aprofundaremos a análise sobre a formação docente, tanto para professoras/es em geral, quanto especificamente para as/os docentes de Arte, enfatizando a formação estética destas/es e, conseqüentemente, de suas turmas. Também abordaremos o ensino da Arte para crianças em ambientes formais e não formais, além das/os profissionais envolvidos nesse processo. Por fim, será apresentada a metodologia utilizada e a estratégia de análise de dados desenvolvida durante a pesquisa.

3



REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Início o debate acerca da importância do ensino da Arte, com Greice Cohn (2011), em seu artigo *Arte contemporânea e ensino da arte: aproximação, interação e reverberações*. Nele a autora pondera sobre o assunto em pauta nesta pesquisa apontando que:

Os pressupostos teóricos que norteiam [orientam] o ensino da arte hoje propõe este como um espaço de proposição e interação, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de novos olhares sobre a arte e sobre a própria vida, por meio de ações que se constroem num terreno dialógico e transitivo de conhecimentos e subjetividades (Cohn, 2011, p. 546, acréscimo nosso).

Assim como Cohn (2021), várias/os autoras/es, ao pesquisarem sobre a importância do ensino da Arte, ressaltam que ainda existe uma desvalorização no que se refere ao campo da Arte/Educação, o que reverbera nas formações das/os profissionais dessa área. As/os docentes que antigamente lecionavam a disciplina de Arte, em muitos casos, e refletindo até os dias atuais, não tinham formação acadêmica na área, o que comprometia o ensino/aprendizagem de seus/suas estudantes. Muitas/os dessas/es profissionais eram formadas/os em Pedagogia, em que o curso inicial tinha um currículo que abarcava apenas uma disciplina dedicada ao ensino da Arte, não dando a essas/es futuras/os docentes a formação necessária para ministrar a disciplina dessa área.

Para além das problemáticas existentes na formação inicial e continuada das/os docentes em Artes, existem ainda os obstáculos presentes na valorização e nas condições de trabalho dessas/es profissionais. Silva e Fernandes (2022), na investigação que fizeram acerca do *Observatório da Formação de Professores de Artes Visuais*, em que entrevistaram 803 professoras/es de Artes que atuam na Educação Básica, sinalizam para além da importância das formações iniciais e continuadas dessas/es profissionais:

É certo que a valorização do professor e da arte e ainda o investimento no trabalho pedagógico são constituídos tanto por aspectos legais quanto pela práxis que se desenvolve no âmbito das características da docência. No entanto, o investimento na qualificação dos profissionais, em políticas de acesso à arte e à cultura, bem como nas condições de trabalho são fatores determinantes para que professores de arte cumpram com o seu papel social (Silva; Fernandes, 2022, p. 14).

As relações de trabalho das/os professoras/es de Arte estão intimamente ligadas com as conexões sociais e culturais em que estamos inseridos, incluindo as relações capitalistas a que estamos submetidas/os, pois, quando essa/e trabalhadora/trabalhador se rende ao poder do capital, “[...] consolida o afastamento do trabalhador dos bens que ele mesmo produz, ou seja, gera um trabalho distanciado da atividade prática, e no caso do professor o afasta daquilo que é base do seu trabalho: o conhecimento” (Silva; Fernandes, 2022, p. 19).

Nível de escolaridade, participação em formação continuada, participação em sindicatos, local de trabalho adequado, equipamentos disponíveis na Escola, e outros, foram os campos pesquisados para saber as condições de trabalho das/os professoras/es de Arte no Brasil. Assim, as autoras afirmam que o estudo:

[...] ao investigar as condições de trabalho do professor de arte, torna-se estratégico para combater a atual precarização do trabalho educativo e da formação de professores que, de fato, apresenta suas origens desde o processo de implantação da lei nº 5692/1971 (Silva; Fernandes, 2022, p. 25).

As políticas públicas que se referem às formações das/dos professoras/es sofreram grandes alterações ao longo dos anos e ainda estão em constantes mudanças, refletindo nos currículos dos cursos que dispõem de formação inicial para essas/es docentes, incluindo os cursos de licenciatura em Artes e os cursos de formações continuadas.

Dialogando com Cohn (2021), Silva e Fernandes (2022), vamos nos aproximando de Nóvoa (2017), que nos ajudará a pensar a categoria *Formação de professoras/es*, pois suas pesquisas inferem que existe um distanciamento no que diz respeito às formações iniciais nas universidades e as Escolas de Educação Básica, que é onde a/o professora/professor irá atuar. Esse distanciamento afeta a formação inicial dessas/es estudantes que não são acolhidas/os na Escola e, mais tarde, no início da carreira dessas/os novas/os docentes na formação continuada.

Apesar de existirem as disciplinas de Estágio Supervisionado Curricular Obrigatório e alguns programas dentro das universidades que buscam inserir essas/es estudantes universitárias/os nas Escolas de Educação Básica, principalmente aqueles disponibilizados pelas universidades públicas, como o PIBID e as Residências Pedagógicas, ainda não foi possível superar esse distanciamento entre a Universidade e as Escolas.

Nóvoa (2017) trabalha sob a perspectiva transformadora daqueles que acreditam que, sim, são necessárias mudanças na formação que é oferecida pela universidade, porém que essa formação ainda é de extrema importância para a educação pública e para a afirmação da/o docente, apoiando-se “[...] em um diagnóstico crítico do campo da formação de professores, não para o desmantelar, mas para nele buscar as forças de transformação” (Nóvoa, 2017, p. 1111).

Porém, como um/a professor/a aprende a ser professor/a? Quando passa a agir e a pensar como tal? Nóvoa (2017) acredita que há múltiplas identidades em uma mesma profissão, que cada docente é única/único e aprende do seu próprio modo como ser, agir e pensar como professor/a. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que exista vivências nas Escolas e contato com outras/os professoras/es mais experientes. Ele reitera que:

O eixo de qualquer formação profissional é o contacto com a profissão, o conhecimento e a socialização num determinado universo profissional. Não é possível formar médicos sem a presença de outros médicos e sem a vivência das instituições de saúde. Do mesmo modo, não é possível formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência das instituições escolares (Nóvoa, 2017, p. 1122).

Ora, se não é possível *formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência das instituições escolares*, torna-se premente que as/os estudantes dos cursos de licenciatura tenham vivências nas Escolas antes de terminarem sua formação, para que, desde a graduação, possam enriquecer suas experiências profissionais docentes.

A vivência nos estágios supervisionados, que fazem parte das organizações curriculares dos cursos de licenciatura e dos programas oferecidos pela universidade, como Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Residência Pedagógica (RP), projetos de extensão, dentre outros, tornam-se, então, fundamentais para a formação inicial desse/dessa professor/a, auxiliando-a/o mais tarde na sua constituição docente. Após esses momentos vividos na Universidade, o/a professor/a passa a atuar nas Escolas, e nela seus conhecimentos são aprimorados por meio de formações continuadas, que são essenciais em seu processo de desenvolvimento profissional como docente, envolvendo uma reflexão crítica acerca de seu trabalho, de sua prática, das questões escolares e de suas/seus estudantes.

Essas formações também precisam ter caráter coletivo, promovendo a formação conjunta entre as/os docentes de uma Escola ou de uma área específica, buscando essa colaboração nas práticas educativas dessas/es profissionais, assim como comenta Nóvoa: “[...] Práticas de formação que tomem como referência as dimensões colectivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores” (Nóvoa, 1992, p. 15).

Nesse processo, para além das condições de trabalho das/os professoras/es e da formação inicial e continuada, torna-se premente nos atentarmos para o período entre esses dois momentos, ou seja, aquele em que a/o estudante sai da universidade e se vê como professor/a iniciando a carreira docente, em processo de reforçar sua profissionalidade¹¹. Segundo Nóvoa (2019), esse período é considerado decisivo para a formação desse profissional, afirmando que:

Para que o período entre-dois ganhe densidade formativa, e profissional, é necessário repensar os ambientes de formação e de trabalho: em primeiro lugar, o *ambiente universitário da formação inicial*, construindo um terceiro lugar institucional; depois, o ambiente da pesquisa, de forma a valorizar um terceiro género de conhecimento; finalmente, o ambiente de trabalho nas escolas, reforçando uma terceira presença dos professores enquanto coletivo (Nóvoa, 2019, p. 5, grifo nosso).

¹¹ Para Nóvoa (2017), o tempo entre-dois é o período que compreende entre a formação inicial e o exercício profissional, sendo um período crucial para a formação desse/dessa novo/a professor/a e sua profissionalidade.

Ressaltamos que a licenciatura em Artes Visuais, que atua como parte integrante da formação para a docência do ensino da Arte, também compreende esse tempo e lugar *entre-dois*, e, somente com um olhar atento para essa docência e essas/es novas/os professoras/es — para além dos períodos formativos que compreendem as formações iniciais e continuadas —, é que a identidade docente poderá ser efetivada, auxiliando no modo de cada um/uma se tornar professor/a. Para Nóvoa (2017, p. 1131):

Não pode haver boa formação de professores se a profissão estiver fragilizada, enfraquecida. Mas também não pode haver uma profissão forte se a formação de professores for desvalorizada e reduzida apenas ao domínio das disciplinas a ensinar ou das técnicas pedagógicas. A formação de professores depende da profissão docente. E vice-versa.

Esse lugar de entrelaçamentos seria “[...] um lugar de diálogo que reforce a presença da universidade no espaço da profissão e a presença da profissão no espaço de formação” (Nóvoa, 2017, p.1116), cabendo a responsabilidade tanto às universidades, quanto às Escolas e docentes. Ademais, a participação do Estado, por meio de políticas educativas, assim como da sociedade e comunidades, contribui para que esse entrelaçamento se efetive concretamente.

Pensando em modos de aproximar a *Formação docente com o Ensino da Arte*, ou então, com a formação das/os profissionais licenciadas/os em Arte, trazemos a perspectiva de Loponte (2017), que pensa a formação estética aliada à formação de professoras/es, não apenas de docentes de Artes, mas uma formação estética extensiva a qualquer formação docente. Essa experiência estética relaciona a *estética da existência e da vida como obra de arte*, para além do que muitos pensam de estética apenas para a Arte ou para o belo, mas uma estética que se alinhe com a formação das/os professoras/es. A autora ressalta que:

O que está em jogo é a relação da estética com processos mais amplos do que a própria arte (ainda que seja dela que eles emergem), implicando a ética e os modos de nos conduzirmos no mundo, a política, as relações com os outros e conosco mesmo, os contágios entre arte e vida, os modos de interpretação do mundo que vivemos (Loponte, 2017, p. 432).

Para isso, o/a professor/a precisa, além de ter contato com a Arte e a Cultura, ter um olhar atento para os deslocamentos que serão gerados, pois assim poderá “[...] educar-se, humanizar-se, sensibilizar-se, passando a enxergar os alunos com outro olhar” (Loponte, 2017, p. 434). Mas como está a bagagem artística, cultural e estética das/os professoras/es para que possam enriquecer os repertórios das crianças? Qual a principal fonte de aumento de repertório dessas/es profissionais? Segundo a autora “[...] a TV aberta é o principal item de consumo cultural da maioria da população nacional” (Loponte, 2017, p. 436), incluindo as/os professoras/es. Muitas/os docentes não têm contato com a Arte e a Cultura para além desse veículo de comunicação, pois acreditam que tanto a Arte como a Cultura são importantes, mas não essenciais para suas vidas.

As/os estudantes/crianças, da Educação Infantil ao Ensino Médio, enriquecem seus repertórios artísticos, estéticos e culturais de certo modo atrelados inicialmente ao repertório dos pais e, posteriormente, aos das/os professoras/es. Estas/es, por não terem costume de consumir as várias facetas que a Arte e a Cultura apresentam, acabam, com frequência, por não propor ações pedagógicas que fujam do convencional, do já visto, do corriqueiro ensino da Arte que aprisiona nas carteiras e objetiva um produto final.

Seria significativo que essa formação estética e cultural começasse durante os anos de graduação das/os futuras/os professoras/es, permitindo que, desde cedo, percebessem a importância de ampliar seu repertório, facilitando a continuidade desse desenvolvimento ao longo de sua carreira docente, pois, segundo Loponte (2017, p. 436), é essencial que se tenha “[...] estratégias de formação estética tanto no âmbito da formação inicial (nos cursos de licenciaturas em várias áreas) como no da continuada (nos cursos para professores atuantes nas escolas)”.

Para essa experiência estética das/os estudantes, Loponte (2013), no texto intitulado *Arte para a docência: estética e criação na formação docente*, traz as vivências positivas que teve quando trabalhava sob essa perspectiva com suas turmas da graduação na aula de Didática, relacionando os conceitos de Arte com outras áreas nas quais elas/eles estavam inseridas/os.

Além da Arte estar presente no cotidiano de todas as pessoas, é importante recordar que todas/os podem se apropriar dela e de seus atravessamentos para suas próprias vivências, tanto pessoais quanto de trabalho, inclusive as/os professoras/es, que às vezes estão tão absortas/os em suas tarefas cotidianas que se esquecem de que a Arte pode contribuir positivamente para suas práticas como docentes, visto que a docência “[...] ao estar imersa em um discurso pedagógico prescritivo e sensato, deixa-se impregnar pouco pelas provocações que a arte nos traz” (Loponte, 2013, p. 3).

O ensino da Arte para crianças da Educação Infantil, sendo mediada por meio de professoras/es formadas/os em Arte ou não, geralmente acontece dentro dos muros escolares. Porém, quando pensamos educação em Arte para crianças, outros espaços também podem ser considerados a fim de se propor um ensino/aprendizagem mais abrangente, como os espaços não formais de educação. Ressaltamos aqui que, nesses espaços, para além da importância de atender às crianças, é fundamental que haja uma recepção de qualidade, que todos os públicos possam ser acolhidos destituído de preconceitos, independentemente de sua classe, cor, identidade de gênero, poder econômico e outros.

Importante, então, para contextualizarmos nossas reflexões, definir o que compreendemos por educação formal e não formal. De acordo com Gohn (2006), a educação formal, como conhecemos hoje, desenvolve-se dentro dos muros escolares por meio da mediação da/o docente. Essa modalidade educacional está associada ao ensino/aprendizagem com currículo previamente demarcado, com “[...] conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo” (Gohn, 2006, p. 29).

Já a educação não formal acontece fora dos espaços escolares, nos quais os aprendizados são variados e a/o educador/a “[...] é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos” (ibid). Sobre as diferenças entre a educação formal e não formal, a autora comenta que:

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/classe de conhecimento. A educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade) (Gohn, 2006, p. 30).

Visto isso, pensar o ensino da Arte não somente no âmbito escolar institucionalizado, mas também naqueles que propõem um aprendizado não formal, como os Equipamentos Culturais, é considerar a conexão existente entre a Arte e a vida, reconfigurando, assim, os processos educativos e as mediações culturais como mecanismos responsáveis em potencializar a sensibilização, o aprendizado e a democratização da Arte.

Os Equipamentos Culturais, como Museus, Galerias de Arte e Centros Culturais, desde 2009, com a promulgação da Lei nº 11.904, que determina a necessidade da inserção de setores educativos dentro desses espaços, vêm tentando promover “[...] ações educativas fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação” (Brasil, 2009), objetivando que esses locais também se tornem ambientes educacionais, nos quais as/os visitantes possam aprender, realizar trocas e se apropriar do acúmulo histórico-cultural da humanidade através da educação não formal.

Os Espaços Culturais podem ser vistos, então, como ambientes de educação não formal em Arte, contribuindo imensamente para a formação em Arte das crianças que os visitam, ainda mais se considerarmos que o público escolar são os visitantes mais atendidos pelos setores educativos dos Museus, Galerias de Arte e Centros Culturais.

Diante do exposto, existe um público ainda mais específico que o escolar, que é o pré-escolar, o qual precisa ser pensado pelos espaços quando estes se propõem a promover ações educativas para atender às

Escolas, compreendendo todas as etapas da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Entretanto, sabemos que nem sempre isso acontece nos Espaços de Arte, e é comum que as crianças da Educação Infantil – a qual abrange as três etapas etárias propostas pela BNCC (Brasil, 2018), a saber: bebês (de 4 meses a 1 ano e 11 meses), crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses) – sejam desconsideradas nesse processo.

Nesse sentido, ao pensarmos nos Espaços Culturais, é fundamental que o atendimento aos diversos públicos, incluindo as crianças da Educação Infantil, e as formações que ocorrem nesses espaços sejam concebidas a partir de um enfoque decolonial e de “desordem absoluta” – desordem aqui, fundamentada em Vergès (2023, p. 18), como uma “contestação”. Essa abordagem visa desafiar a ordem do mundo, pretendendo também questionar a ordem imposta dentro dos Espaços de Arte, uma vez que “[...] As desigualdades estruturais de raça, classe e gênero que existem no museu são o reflexo das desigualdades estruturais globais criadas pela escravidão, pela colonização, pelo capitalismo racial e pelo imperialismo” (Vergès, 2023, p. 12).

No livro *Decolonizar o Museu: Programa de Desordem Absoluta* (2023), Françoise Vergès propõe, a partir da perspectiva do Pós-Museu, que esses espaços precisam ser pensados como um lugar de acolhimento. Segundo a autora, essa construção não pode se basear em propostas prontas ou soluções pré-definidas, mas sim em um trabalho colaborativo que exige atenção contínua. Portanto, é crucial imaginar estratégias que desafiem e desconstruam as estruturas coloniais de poder.

Vergès (2023) também menciona sua participação em um projeto de Pós-Museu na Ilha da Reunião, lugar onde nasceu e cresceu. No entanto, esse projeto não foi bem-sucedido, pois a ilha ainda está inserida em um contexto de capitalismo racial e de dependência da França, o que impossibilitou a implementação de um Museu descolonizado dentro dessa lógica colonial. Nesse projeto, Vergès, juntamente com outras/os jovens reunioenses, idealizou um Museu-casa, chamado *Maison des Civilisations et de l'Unité Réunionnaise* — Casa das Civilizações e da Unidade Reunionense. A ideia era criar um “[...] museu do tempo presente, um museu-casa, isto é, uma arquitetura, funcionamento e acolhida, uma casa pensada como local de vida” (Vergès, 2023, p. 216).

Essa tentativa de criar um Museu verdadeiramente descolonizado na Ilha da Reunião, apesar dos obstáculos enfrentados, exemplifica como o conceito de Pós-Museu defendido por Vergès vai além da arquitetura física e da ruptura com as estruturas coloniais. Pensar em um Pós-Museu implica olhar para a produção artística e a cultura local e, também, implica considerar os diversos públicos atendidos por esses espaços, incluindo o público infantil, que é abordado nessa pesquisa e que muitas vezes é negligenciado nos Equipamentos Culturais. O conceito de Pós-Museu propõe um ambiente de acolhimento e diálogo para todas/os, em que as abordagens educativas e expositivas precisam contemplar as necessidades e experiências de diferentes grupos atendidos por essas instituições.

Esse conceito está em conformidade com a ideia de que os Museus e Espaços Culturais precisam transcender sua função meramente expositiva, desempenhando o papel de ambientes dedicados ao aprendizado e à inclusão. Essa perspectiva de acolhimento e inclusão defendida por Vergès (2023) também se estende ao atendimento das crianças nesses Espaços de Arte. Pensar um Pós-Museu voltado para as crianças é considerar que elas sejam vistas como participantes ativas, que serão atendidas nas suas especificidades, não sendo negligenciadas nem tratadas como um público secundário.

Ressaltamos, então, que as práticas educativas nesses espaços sejam pensadas de maneira inclusiva e sensível às necessidades, curiosidades e culturas infantis, proporcionando experiências que sejam significativas tanto para as/os adultas/os quanto para as crianças envolvidas no processo de mediação no Espaço de Arte. A construção de mediações e ações adaptadas a esse público específico é essencial para garantir que as crianças se sintam integradas e acolhidas no Espaço Cultural. Um fator importante para o ensino/aprendizagem das crianças nos Espaços Culturais é a mediação das/os adultas/os envolvidas/os, ou seja, mediadoras/es e professoras/es, todas/os juntas/os atuando como agentes (co)responsáveis pela execução desses processos de ensino/aprendizagem.

Nesta pesquisa, ao darmos ênfase para a formação docente em Arte, mediação e seus métodos, evidenciamos não só o processo de mediação das/os mediadoras/es dentro dos Museus com as crianças,

mas também a mediação que é feita entre os adultos e as crianças e vice-versa na Escola, que irão influenciar, diretamente, em seus processos de constituição estético-cultural, linguagem, comportamento, dentre outros.

Destacamos também a mediação realizada nas formações de professoras/es, entre estas/es e as/os responsáveis dos Equipamentos Culturais. Esses momentos se configuram como processos fundamentais para que as/os docentes possam melhor compreender a Arte e a Cultura dentro de espaços não formais. Partindo do pressuposto de que a relação entre duas pessoas ou mais – ou melhor, pelo Outro mais experiente – ocorrerá por meio do processo de mediação, compreendemos que ela possibilitará a aprendizagem de todas/os as/os envolvidas/os.

Destarte nos baseamos na *lei genética geral do desenvolvimento cultural* de Vigotski¹² (2007), segundo a qual “[...] o social e o cultural constituem duas categorias fundamentais” para compreender a constituição do sujeito. Para Sirgado (2000, p. 66), o social pode ser pensado a partir das relações de sociabilidade que existem entre os indivíduos, e o cultural, como um “[...] processo pelo qual o mundo adquire significação para o indivíduo, tornando-se um ser cultural”.

Ao unirmos essas duas ideias, compreendemos a mediação como o elo entre o social, o cultural e a aprendizagem humana. Importa destacar que nem todos os seres que vivem em sociedade produzem cultura. De acordo com Góes (2014, p. 28), “[...] Para Vygotsky (1997), a cultura é resultado da vida e da prática social. Assim, não nega o ser biológico, mas propõe pensar a natureza social do ser humano”.

Ao falarmos de mediação, fundamentamo-nos em Vigotski (2007), pois esse autor propõe a mediação do Outro mais experiente no processo de apropriação dos saberes e do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, tendo em vista que “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um

¹² Neste trabalho utilizaremos duas grafias para o nome deste autor: “Vigotski”, quando a referência da obra for do ano de 2007, e “Vygotsky”, quando for de 2009.

processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam” (Vigotski, 2007, p.100), ações imprescindíveis no processo ensino/aprendizagem.

Compreendemos, assim, que todas/os as/os profissionais envolvidas/os nesse processo precisam (re)conhecer as especificidades das crianças, considerando também os eixos orientadores da Educação Infantil que, segundo Sarmiento (2004)¹³, são a interatividade, a fantasia do real, a reiteração e a ludicidade¹⁴, para melhor atendê-las durante as mediações nos Espaços de Arte, reiterando o papel social e educativo dos Museus e Galerias de Arte.

Ao refletirmos sobre o envolvimento dos adultos no processo de mediação, é oportuno classificar as categorias profissionais ligadas aos Equipamentos Culturais. Além das/os professoras/es, já citadas/os, outras/os profissionais, como as/os mediadoras/es que atuam em Museus, Galerias e Centros Culturais, também desempenham papéis essenciais nas mediações culturais.

Dessa forma, compreender a atuação dessas/es profissionais e suas dinâmicas dentro dos Espaços de Arte é essencial para o objetivo desta pesquisa, que é **investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, oferecidos nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil.**

As/os mediadoras/es por muito tempo foram denominadas/os monitoras/es, e tinham entre suas atribuições guiar e tirar dúvidas do público, configurando como uma denominação e encargo que desrespeita a formação e a verdadeira função que essa/e profissional tem, de realizar trocas com os visitantes e estimular a interação destes com as obras e com o espaço.

¹³ Retomaremos aos eixos propostos por Sarmiento (2004) posteriormente, no subcapítulo que aborda as crianças nos Equipamentos Culturais.

¹⁴ Para saber mais, ler Nascimento (2022) e Nascimento e Góes (2024).

A mediação vem atraindo muitas/os educadoras/es formadas/os em Artes para o setor museal/cultural, pois estes, muitas vezes, preferem trabalhar nesses espaços a ensinar nas Escolas e se sujeitar ao sistema. Embora esse seja o desejo de muitas/os, inúmeras são as dificuldades enfrentadas por elas/es no âmbito museal, incluindo a desvalorização do trabalho e os baixos salários. A distinção entre os termos mediador/a, educador/a museal e Arte educador/a, varia conforme o Espaço Cultural. Alguns lugares referem-se a essas/es profissionais que atendem o público nas exposições como educadoras/es, enquanto outros as/os chamam de mediadoras/es. Ademais, nem todos que trabalham nesses ambientes têm formação em Artes, muitos possuem diplomas em Pedagogia, outras licenciaturas ou até Comunicação.

Na cidade de Vitória/ES, área da pesquisa, os Equipamentos Culturais denominam as/os profissionais que trabalham nesses processos de mediação cultural e educativos museais como mediadoras/es, educadoras/es ou Arte educadoras/es. Em relação às/aos mediadoras/es, estas/es são as/os que estão ligadas/os diretamente aos processos de mediação nesses espaços, muitas/os delas/es ainda estudantes da universidade em processo de formação ou recém-formadas/os, geralmente estagiárias/os ou bolsistas.

Já as/os educadoras/es, geralmente são profissionais já formadas/os que são contratadas/os para atuarem nos equipamentos, porém nem sempre formadas/os em Arte, pois em alguns locais, dependendo da destinação do espaço, existem mediações e educativos para além das exposições de Arte, em que as pessoas contratadas são formadas em História, Pedagogia e outras licenciaturas, e que podem atuar nas exposições de artes. Porém aquelas/es profissionais que são formadas/os nos cursos de Artes Visuais e trabalham diretamente nos educativos das exposições artísticas dos Espaços de Arte da cidade são denominadas/os Arte educadoras/es.

Entretanto, é comum que nessas ocasiões, algumas/ns dessas/es trabalhadoras/es estejam em processo de formação nas universidades, o que faz com que muitos Equipamentos Culturais se aproveitem para obter uma mão de obra especializada sem pagar o que pagariam a um profissional já formado.

É preciso então refletir sobre a atuação dessas/es trabalhadoras/es nesses Espaços Culturais e as dificuldades que enfrentam para realizar seus trabalhos. Para além da falta de formação específica que nem sempre é exigida, e de salários que muitas vezes não correspondem ao nível de qualificação, responsabilidade exigida e experiência, ainda existe as dificuldades advindas das políticas institucionais e das restrições orçamentárias, que podem afetar tanto suas condições salariais quanto as próprias condições de trabalho dentro da instituição.

Esse tipo de desafio pode ser observado no caso recente que aconteceu na 35ª Bienal de São Paulo – *Coreografias do impossível*, realizada no ano de 2023, na qual trabalhadoras/es de forma anônima e coletiva, publicaram uma Carta aberta de repúdio (Imagem 2) denunciando as más condições de trabalho.

CARTA ABERTA DE REPÚDIO ÀS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA 35ª BIENAL DE SÃO PAULO

Nós, trabalhadores da 35ª Bienal de São Paulo, denunciemos as péssimas condições de trabalho em vigor nesta edição, que, além de prejudicar nosso desempenho profissional, do qual depende boa parte da relação do público com a exposição, também têm efeitos nocivos para a nossa saúde física e mental, assim como contribuem para a continuidade das práticas transfóbicas, capacitistas e de outras discriminações estruturantes da sociedade brasileira.

O contrato por tempo determinado feito pela Fundação Bienal nos sujeita a condições de trabalho que vão desde o VR abaixo do mercado e insuficiente para uma alimentação adequada até a carga de trabalho extenuante, o ambiente com calor excessivo, causando desmaios, a espera de até três horas para um revezamento que permita ir ao banheiro, além das atitudes de intimidação, o que caracteriza assédio moral, entre outros.

Ao mesmo tempo, constata-se que, embora a contratação dos trabalhadores tenha sido feita de forma a contemplar a diversidade (de gênero, étnico-racial e pessoas com deficiência), a Fundação Bienal não tem sua atuação pautada pelo cumprimento legal no que diz respeito a seus trabalhadores/as (ex: lei de acessibilidade 13146/2015 e decreto do nome social n 8727), não prevendo, tampouco, políticas de sustentação da sua permanência no ambiente de trabalho. Essas irregularidades dificultam ou até impossibilitam a atuação desses profissionais.

Neste ponto, não há como ter outro entendimento da situação a não ser o de que, para a Fundação, parece bastar a criação de acesso aos diferentes, de forma que possa difundir um discurso de diversidade. Se assim não for, coloca-se a necessidade de que reconheça a urgência de políticas institucionais para proporcionar a esses profissionais condições de desenvolver suas funções. Do contrário, continuará a evidenciar-se, para a sociedade, que a contratação de corpos marginalizados nessa Bienal faz parte de uma política institucional de merchandising que lucra com essas presenças ao ressoar uma imagem de inclusão, bem como de acessibilidade, sem, no entanto, ter como base as medidas garantidoras do bem estar desses trabalhadores.

Vale aqui informar que os aspectos das relações de trabalho acima indicados afrontam não só aos direitos trabalhistas, mas igualmente aos direitos civis e humanos, se justificam dentro do próprio contrato firmado com os profissionais que estabelece como obrigações da Bienal, dentre outros pontos:

- Manter local de trabalho favorável e adequado às atividades propostas;
- Fornecer material físico e tecnológico apropriado à execução normal do trabalho;
- Prevenir os danos que o empregado possa sofrer;
- Promover ambiente de trabalho agradável e estimulante, livre de qualquer forma de discriminação ou preconceito.

Sobre a importância de que sejam providenciadas tais condições, cabe lembrar que a atividade profissional da Equipe de Mediação tem como finalidade trazer reflexões, indagações e intermediar o público com as obras propostas, portanto é qualificado como um trabalho educativo. Os mediadores que atuam nessa edição passaram por um processo de formação durante um período de três meses com carga horária de 20 horas semanais. A Equipe de Assessoria Educativa é responsável por inúmeras atividades que ocorrem no pavilhão, além da organização de três volumes de publicações educativas que provocam os(as) visitantes ao aprofundamento dos diálogos propostos pela exposição. Apesar de a Equipe de Educação ser um importante pilar para a circulação e democratização da Bienal, o trabalho da mediação está subordinado, nesta edição, à uma Coordenação de Produção, acarretando uma condição de desrespeito a todo o processo educativo e replicando o padrão de desvalorização dos profissionais da área da educação.

Destaca-se ainda que, por um lado, os temas da diversidade e do respeito permeiam toda a proposta política da curadoria da 35ª Bienal. Mas, por outro, a forma de organização do trabalho dos profissionais da mediação e orientadores de público, reproduzida pela Fundação Bienal, perpetua as mesmas estruturas de violência que são denunciadas pelas artistas que compõem a Bienal.

A Fundação Bienal recebe patrocínio de empresas privadas como Banco Itaú, Banco Safra, VALE, B3, Klabin, Bloomberg, Instituto Votorantim, Sabesp, Pepsico, XP, Unipar entre outras, além de recursos públicos vindos através do Ministério da Cultura e Secretaria da Cultura e Economia Criativa. Com tal montante de recursos e, principalmente, levando-se em conta o uso de dinheiro público na realização do evento, fica difícil compreender a restrição de investimento na valorização dos trabalhadores da arte-cultura.

Assim, denunciemos, de forma coletiva e abrangendo as várias categorias de trabalhadores, as violências que vêm adoecendo grande parte de nós, trabalhadores que estamos expostos cotidianamente à violação de direitos, na expectativa de uma mudança nas condutas de nossos superiores hierárquicos que não colaboram com um ambiente de trabalho salutar, respeitoso e cumpridor dos preceitos legais.

Outubro, 2023

trabalhandona35bienal@gmail.com

Retirado do Site select.art.br, publicado em 18/10/2023

Essa carta exemplifica os desafios enfrentados diariamente pelas/os trabalhadoras/es do setor cultural, que frequentemente lidam com desvalorização, baixos salários e condições de trabalho adversas nos Espaços Culturais. Para além das/os mediadoras/es, essa realidade também afeta outros cargos dentro dos Equipamentos Culturais, como vigias, seguranças, profissionais da limpeza, entre outros, já que estes são espaços que constantemente apresentam “[...] hierarquias raciais e de gênero, de capacitismo e de classe” (Vergès, 2023, p. 22), que influenciam diretamente nas relações de trabalho dentro dessas instituições.

Essas manifestações, como a carta de repúdio escrita pelas/os trabalhadoras/es da Bienal, representam atos de "desordem absoluta", desafiando as estruturas de poder vigentes nos Espaços Culturais. Nesses espaços ações como “[...] greves, protestos e ocupações de funcionários são considerados de muito mal gosto” (Vergès, 2023, p. 9), entretanto, estas são ações legítimas para questionar e combater as desigualdades e precariedades que persistem nesses ambientes. Como destaca Vergès (2023), essas ações precisam não apenas continuar, mas serem fortalecidas para a efetivação de mudanças reais:

As campanhas por melhores condições de trabalho e melhores salários, contra a precarização (de guias [mediadoras/es], estagiários/as, transportadores/as e jovens curadores/as) e a racialização (do pessoal da limpeza, jardinagem, cafés e restaurantes, por uma maior representação de artistas não brancos/as, pela restituição de objetos roubados ou adquiridos de forma desonesta não apenas devem ser mantidas, como intensificadas” (Vergès, 2023, p. 24, acréscimo nosso).

Nesse contexto, é importante considerar outra/o profissional que também faz parte desse sistema, embora nem sempre de forma tão direta quanto as/os mediadoras/es: as/os curadoras/es educativas/os ou pedagógicas/os. Essa curadoria pode ser entendida como aquela que atua nos processos educacionais dentro do setor educativo dos Equipamentos Culturais, que compreendem mediações, proposições, materiais de apoio para as/os professoras/es e mediadoras/es, dentre outros, todos voltados para as questões pedagógicas que envolvem o sistema educacional nos Espaços de Arte. Quem cunhou o termo curadoria educativa foi Luis Guilherme Vergara, cujo objetivo era:

Explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. [...] Tornar a arte acessível a um público diversificado é torná-la ativa culturalmente. Esse é um ponto que tem sido crucial de debates e simpósios internacionais sobre museus de arte e sua redefinição. Ação Cultural da Arte implica em dinamização da relação arte/indivíduo/sociedade - isto é, formação de consciência e olhar (Vergara, 1996, p. 41).

Já a expressão curadoria pedagógica, foi disseminada através da 6ª Bienal do Mercosul¹⁵ e de seu curador pedagógico Luis Camnitzer, sendo essa a primeira bienal a centrar-se na função educativa da Arte e buscar uma maior interatividade público-obra, pois tentou “[...] transcender a sua própria vocação expositiva para transformar-se em um instrumento radicalmente dedicado à transformação cultural” (Camnitzer, 2009, p. 13).

Ainda que grande parte das exposições de Arte disponham de um/a profissional que realize a curadoria geral da mostra, nem sempre é relegada a mesma importância ao setor educativo, e são poucas as exposições e/ou espaços que possuem um/a curador/a educativo/a ou pedagógico/a, devido a rejeição à educação que acontece nesses ambientes, pois muitos Espaços Culturais ainda não apresentam um setor e/ou departamento voltado para o educativo e/ou mediação cultural.

As/os curadoras/es educativas/os ou pedagógicas/os propõem, juntamente com as/os mediadoras/es, as ações educativas, bem como os dispositivos pedagógicos que serão empregados durante o período de exposição, tanto de estratégias que serão adotadas nas mediações, quanto outras ações que podem ocorrer durante esse período, como *workshops*, palestras, conversas com curadoras/es e artistas, formações de professoras/es, além dos materiais educativos que serão disponibilizados, sempre levando em consideração as especificidades de cada exposição, da instituição que está hospedando a mostra e do público especificamente. Segundo Camnitzer (2009, p. 15), essa/e profissional “[...] é alguém que não influi na seleção dos artistas. É alguém que atua como um embaixador do público e observa o evento com os olhos do visitante”.

¹⁵ A 6ª Bienal do Mercosul aconteceu no ano de 2007 em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, Brasil, e foi a primeira bienal que surgiu o cargo de curador pedagógico, que contemplou o artista, crítico, curador e educador uruguaio Luis Camnitzer. Essa bienal e o surgimento desse cargo foram essenciais para que os Equipamentos Culturais começassem a pensar suas funções sociais e educativas nas exposições de Arte.

Para além dos profissionais que atuam nessa conexão entre a educação, as obras e o público, outro dispositivo muito utilizado e que vem sendo cada vez mais difundido nesses espaços, são os materiais educativos, que são criados para subsidiar o acesso à exposição em cartaz, e que podem ser utilizados tanto na hora da mediação *in loco*, quanto em outros locais em que se deseje trabalhar sobre a exposição, a/o artista ou as temáticas que a permeiam, assim como nos espaços escolares. Esses materiais, que podem conter vários tipos de propostas, dependendo da exposição, como jogos, textos, ações, orientações, entre outros, fazem uma relação direta com as temáticas da exposição em cartaz.

Atualmente, as equipes que compõem os educativos dos Equipamentos Culturais na cidade de Vitória/ES, e que adotam essas abordagens voltadas para a curadoria educativa e os materiais educativos, disponibilizam esses dispositivos pedagógicos para que, além de contribuir para a própria formação da/o docente, também possibilitem que as/os professoras/es possam dar continuidade às discussões vivenciadas durante as visitas mediadas nos espaços dos Equipamentos Culturais, em suas respectivas salas de aula.

Reiteramos assim, que esses materiais contribuem para a práxis docente e para o aumento de repertório das crianças, pois quanto mais materiais elas/es têm contato, mesmo que não consigam visitar as exposições, maior será a apropriação da Arte e dos assuntos que as atravessam. A disponibilização de materiais educativos, de certo modo, liga a Escola ao Espaço de Arte, porém é uma ligação rasa que precisa ser repensada, pois muitas das vezes, não há de fato uma colaboração entre as Escolas e os Equipamentos Culturais. Compreendemos que em uma relação horizontalizada, colaborativa e coparticipativa os diferentes e diversos saberes são considerados para criar momentos que sejam proveitosos para todos os públicos.

Para que haja colaboração entre esses dois espaços, é preciso ponderar o entendimento destes considerados por muitas/os engessados e modelares: o Museu como local de coisas velhas e a Escola fechada em seus currículos e muros. Colaborando mutuamente e corresponsavelmente, o Museu/Galeria e a Escola — em nosso caso especificamente a Escola da infância — necessitam viabilizar, criar estratégias de acesso ao espaço e obras, contribuindo para uma formação estética e pedagógica tanto das/os profissionais quanto das crianças.

Ainda sobre a parceria Escola-Espaço de Arte, Gabre infere que:

[...] é imprescindível considerar os saberes dos professores na ação de visitar o museu com seus estudantes e possibilitar sua atuação compartilhada com os mediadores, para que se possa caminhar na direção do estreitamento das relações entre escola e museu [...] é necessário, então, investir nesses profissionais e estabelecer uma relação de parceria (Gabre, 2021, p. 69).

Para Gabre (2021), as ações de corresponsabilidade reverberam nas ações desenvolvidas com as crianças, essas compreendidas como seres sociais, que participam ativamente nos seus processos de produção de saberes e cultura. Coadunamos com o pensamento dessa autora, daí a premência de considerarmos os Espaços Culturais como locais de experiências possíveis e potentes para o desenvolvimento de suas vivências e experiências, pois “[...] para habitar o Museu com a criança pequena, o público infantil, é necessário instalar uma relação de apropriação a partir de vivências significativas” (Gabre, 2021, p. 22).

As vivências significativas citadas pela autora se darão por meio da experiência de habitar o Espaço de Arte, no qual a criança poderá experienciar, além da apreciação estética, da ampliação de sentidos, e da compreensão do mundo, também o uso da sua imaginação. Sobre as experiências históricas e culturalmente produzidas pela humanidade, vamos ao encontro do que Vygotsky teoriza ao inferir que:

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade de experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que a fantasia erige seus edifícios. Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material que dispõe essa imaginação (Vygotsky, 2009, p. 17).

Nesse contexto, essas experiências serão potencializadas quando todas/os estiverem envolvidas/os no processo por meio da colaboração e coparticipação, contribuindo para que adultos e crianças tenham vivências positivas ao visitarem os Equipamentos Culturais, pois estas merecem ser reconhecidas como um público capaz de estar e habitar esses Espaços de Arte.

A compreensão do pertencimento das crianças nesses espaços poderia ser melhor apropriada se, durante as formações das/os profissionais envolvidos no processo de mediação nos Equipamentos culturais — tanto as/os professoras/es, quanto as/os mediadoras/es —, houvesse maior problematização sobre o atendimento ao público da Educação Infantil, para que com isso, pudessem perceber as crianças como um público em potencial.

Nessa direção, para dar conta de **investigarmos os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, que são oferecidas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil**, a perspectiva metodológica adotada será a pesquisa participante, na qual utilizaremos técnicas de produção e interpretação de dados, por meio de investigações de campo cujos instrumentos se constituíram de análise documental, observações, questionários, entrevistas e conversas, integrando, conjuntamente, os saberes entre a pesquisadora e as/os participantes da pesquisa, as/os professoras/es e as/os mediadoras/es.

O propósito da pesquisa participante é definido por Le Boterf (1984, p. 52) como sendo uma modalidade de pesquisa que irá “[...] auxiliar a população envolvida a identificar por si mesma os seus problemas, a realizar a análise crítica destes e a buscar soluções adequadas”. Para a interpretação dos dados produzidos na pesquisa, utilizamos a Análise Textual Discursiva. Segundo Moraes e Galiazzi, esse processo de interpretação de dados começa com uma

[...] unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto (Moraes; Galiazzi, 2007, p. 118).

Assim, a análise foi conduzida com base nos conhecimentos existentes sobre o tema e reorganizada a partir das unidades de sentido, sendo enriquecida com os dados produzidos durante a pesquisa. Todos os dados foram transformados em documentos escritos e, posteriormente, analisados. À medida que interpretamos

esses dados, nós, como pesquisadoras, também transformamos e reconfiguramos os entendimentos obtidos, pois a Análise Textual Discursiva exige que se faça “[...] um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos” (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 118).

Levando em consideração o que destacamos sobre as escassas formações para professoras/es nos Espaços Culturais da cidade de Vitória/ES, ao utilizar esta metodologia, as/os participantes puderam observar as problemáticas envolvendo o assunto e colaboraram para a solução do problema. Essa proposição coaduna com o que Gil (2002, p. 150) afirma sobre esse modelo de pesquisa, que “[...] implica compreender, a partir de uma perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e grupos sobre as situações que vivenciam”. Nessa direção, a Análise Textual Discursiva também auxiliou nesse processo de compreensão das/os participantes, pois se faz presente “[...] sempre a partir das vivências de quem passou pelo processo”, criando oportunidades de reconstrução do saber, “[...] especialmente a compreensão dos modos de produção da ciência e reconstruções de significados dos fenômenos investigados” (Moraes; Galiuzzi, 2007 p. 118).

Destarte, inicialmente houve um contato com os equipamentos de Arte da cidade a fim de mapear quais espaços realizam formações para as/os professoras/es, pesquisando como acontecem essas ações, por meio de documentos que normatizam os editais setoriais de Artes, que prescrevem a obrigatoriedade da formação para professoras/es nos espaços de exposição de Arte públicos da cidade. Do mesmo modo, foi feito um levantamento de como aconteciam as formações específicas voltadas para mediadoras/es nesses locais, por meio de questionários com as/os profissionais que atuam/atuaram nos Museus/Galerias/Centros Culturais da cidade. Quanto à observação nos espaços expositivos, esta foi realizada após serem elencados os Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES que estavam com exposições em cartaz nos anos de 2023 e 2024, e que tinham, em suas programações, formações para professoras/es.

Primeiramente foram observados os procedimentos e processos de como aconteciam os planejamentos da formação continuada para as/os professoras/es. Segundo, examinamos a aplicabilidade das mediações no Espaço de Arte para duas turmas da Educação Infantil: uma em que a professora participou da formação, e outra que a professora não participou da formação, averiguando como ocorreu o momento de visita para esses dois grupos distintos. Por fim, analisamos se, de fato, o momento formativo contribuiu para o ensino/

aprendizagem em Arte das crianças e dos sujeitos que participaram das formações, visando uma perspectiva que dialoga com a ideia de um Pós-Museu.

Ademais, realizamos conversas com as/os professoras/es que participaram da segunda etapa da pesquisa levando as crianças ao Museu, para averiguar quais as suas motivações para a realização da visita mediada e se aconteceu algum trabalho na Escola anterior e/ou posterior a esse momento no Museu.

Também foi realizada uma conversa com as/os mediadoras/es que atuaram na visita mediada com as crianças e professoras no Museu, investigando quais foram suas dificuldades e impressões na hora da visita. Por fim, propomos a criação de um produto educacional na forma de um *site*. Pretendemos com esse *site* organizar e disponibilizar os materiais educativos utilizados nas formações para professoras/es realizadas nos últimos anos no MAES Museu, que foi o Equipamento Cultural onde a pesquisa ocorreu. O objetivo visa garantir que esses materiais permaneçam acessíveis para as/os docentes, mesmo após o fim das formações que ocorrem no Museu.

Escolhemos o MAES para essa proposta porque, dentre os três Equipamentos Culturais abordados na pesquisa, apenas dois — o MAES e a GHM — disponibilizam materiais educativos em suas formações. O MAES foi selecionado devido ao seu papel como o único Museu de Arte na cena capixaba e a grande quantidade de visitas de docentes que participam de suas formações. Portanto, a disponibilização dos materiais educativos desse Museu específico visa atender a essa demanda significativa.

A fim de destacar a cidade de Vitória/ES, área da pesquisa, o próximo capítulo nos levará a explorar os Equipamentos Culturais dessa cidade como espaços de formação cultural. Nele analisaremos como esses espaços têm se empenhado na formação de seus públicos e na capacitação de suas/seus trabalhadoras/es, abordando especificamente o papel que desempenham na formação de professoras/es e mediadoras/es. Também discutiremos a colaboração entre Escolas e Equipamentos Culturais na cidade. Por fim, examinaremos como esses equipamentos desenvolvem ações pedagógicas voltadas para as crianças da Educação Infantil, evidenciando sua contribuição para a educação artístico e cultural na cidade.

OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE VITÓRIA COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO CULTURAL



4

Na cidade de Vitória/ES, cada vez mais os Espaços Culturais vêm se preocupando com a formação de seus públicos e de suas/seus trabalhadoras/es e, especificamente neste capítulo abordaremos, separadamente, como esses equipamentos atuam e corroboram para a formação de professoras/es e mediadoras/es, mas também como ocorre a colaboração entre Escola e Equipamentos Culturais na cidade, com enfoque para a colaboração que o Museu Vale¹⁶ desenvolve com as Escolas da região. Por fim, discorreremos como esses espaços se relacionam e pensam ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil.

¹⁶ A escolha do Museu Vale para essa etapa da pesquisa será explicitada posteriormente, no subcapítulo 4.3.

As formações continuadas para professoras/es são de suma importância nesta pesquisa, uma vez que analisaremos a formação dessas/es profissionais nos Espaços de Arte da cidade de Vitória/ES. A formação continuada de professoras/es será entendida então, como um processo contínuo no qual o/a professor/a é o/a agente transformador de sua própria prática e trabalho docente. Nóvoa reflete sobre o assunto afirmando que

[...] é preciso dizer que, nesse processo de reconfiguração da profissão docente e de invenção de uma nova identidade profissional, a formação contínua ocupa um lugar decisivo. Os professores têm de abandonar uma atitude defensiva e *tomar a palavra* na construção do futuro da escola e da sua profissão (Nóvoa, 2002, p. 48, grifo do autor).

Nessa direção, compreendemos que as formações continuadas podem ser acessadas pelas/os professoras/es de dois modos: através da procura das/os próprias/os professoras/es ou por oferta dos municípios, estados, e no âmbito do Ministério da Educação. Aquelas que são fornecidas pelas Secretarias de Educação geralmente acontecem nos ambientes escolares e/ou nos espaços disponibilizados por elas, inclusive muitas ocorrem nas Universidades. Essas formações normalmente acontecem no dia do planejamento do/a professor/a e a participação é obrigatória. Já as formações para professoras/es que acontecem nos Equipamentos Culturais, ambientes que são informais no processo de formação, e que serão investigadas nessa pesquisa, não são obrigatórias. Assim, a procura acontece por parte da/o docente e/ou da Escola e depende da disponibilidade do Espaço de Arte para ser ofertada.

Mesmo com a existência desses programas de formação continuada para as/os docentes de Artes, que partem de iniciativas das Secretarias de Educação e Escolas, é também imprescindível que professoras e professores tenham o hábito de ampliar seus repertórios artísticos e culturais ao consumir o que é ofertado pelos Equipamentos Culturais da cidade nas exposições, colaborando para que se apropriem de novos artistas, obras, manifestações culturais, etc., para que, conseqüentemente, ampliem o repertório das crianças da Educação Infantil.

Reiteramos que as exposições de Arte, assim como as formações que acontecem dentro do espaço dos Museus/Galerias/Centros Culturais, podem ser momentos propícios para o aumento de repertório não só

do/a professor/a de Arte, mas de qualquer docente como aponta Loponte (2017), entretanto, especificamente para esta pesquisa, nos remeteremos às/aos docentes que atuam na Educação Infantil. Nesse sentido, ao considerarmos a ampliação do repertório dessas/es profissionais, é fundamental integrar a perspectiva decolonial de Vergès (2023, p. 25), que propõe a necessidade de “[...] mergulhar nas estéticas anticoloniais, antifascistas, anti-imperialistas, feministas, *queer* e indígenas”, o que implica, não apenas na inclusão de obras e artistas historicamente marginalizados, mas também na promoção de diálogos que reflitam as experiências e vozes diversas da sociedade.

Essa prática permite que as/os docentes se tornem facilitadoras/es de um aprendizado crítico e inclusivo para suas crianças, contribuindo para que estas tenham um pensamento reflexivo e questionador acerca das narrativas eurocêntricas e coloniais que nos foram, e ainda são, impostas. Desse modo, os Equipamentos Culturais podem contribuir para o aumento do repertório das/os professoras/es, enriquecendo suas práticas e qualificando-as/os ao oferecer experiências educativas relevantes, contextualizadas e contemporâneas, promovendo uma educação que valoriza a diversidade e a pluralidade das vozes presentes na sociedade.

Ressaltamos que, especificamente para o público infantil, existem várias problemáticas em relação ao ensino aprendizagem nesses espaços não formais de educação em Arte. Para além da formação das/os profissionais que atuam com as crianças nesses equipamentos culturais, outra questão que observamos é a falta de colaboração entre a Escola da Infância com o Espaço de Arte.

São muitos aspectos que podemos levantar sobre esse assunto, pois assim como a autora Solange Gabre em seu estudo *Habitar o Museu com a criança pequena* (2021), observamos uma carência que precisa ser repensada e suprida na cidade de Vitória/ES: a relação dos Equipamentos Culturais com as Escolas e, especificamente, a Escola da Infância¹⁷.

¹⁷ Reafirmamos nossa compreensão de que a Escola de Educação Infantil tem em seu atendimento, uma organização própria e particular, diferenciando-se em meio a outros modelos escolarizados, e com outros objetivos pedagógicos: “[...] a defesa do modelo escolar para a Educação Infantil não se confunde com a antecipação indevida de conteúdos e metodologias do Ensino Fundamental, nem corresponde a práticas mecânicas, disciplinadoras e esvaziadas de sentido para a criança, mas pressupõe um trabalho profissional (pautado por teoria e método), sistemático e organizado de modo consciente em busca da concretização de uma intencionalidade pedagógica determinada” (Pasqualini; Lazaretti, 2022, p. 30).

Essa questão se insere em um contexto amplo, no qual o ensino da Arte, como o conhecemos hoje, passou por grandes transformações ao longo dos anos, tanto no mundo, quanto no Brasil. Essas mudanças impactaram diretamente as formações iniciais e continuadas das/os docentes, suas relações de trabalho e o próprio ensino da Arte nas Escolas.

Foi somente na década de 1970, com a publicação da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que estabeleceu as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, que a Educação Artística tornou-se disciplina obrigatória no Ensino Fundamental e Médio, abrangendo Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. No ano de 1996, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), revogou a Lei nº 5.692, de 1971, e estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional e consolidou a obrigatoriedade do “Ensino da Arte” no lugar da “Educação Artística” e inclui a valorização das expressões regionais, reconhecendo a Arte como área do conhecimento, conforme pode-se observar da redação do § 2º do art. 26: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”.

Sobre as políticas públicas destinadas às formações de professoras/es de Arte, com amparo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998), no Plano Nacional de Educação (PNE) (Lei nº 13.005/2014) e no Parecer 2/2015, que atrela os cursos de graduação a BNCC (Brasil, 2018), Góes e Soares reiteram que:

Essas políticas trazem mudanças significativas para a formação docente, haja vista que ela se dará concomitantemente à implantação da BNCC (BRASIL, 2017) e às mudanças na estrutura curricular da Educação Básica, o que nos leva a discutir como todas essas normativas se aproximam de um ensino de arte voltado para crianças pequenas (Góes; Soares, 2022, p. 246).

A abertura dos cursos de graduação em Educação Artística nos anos 60 aos poucos foi sendo corroborada por essas políticas públicas citadas pelas autoras. Entretanto, em 2010, com a promulgação da lei 12.287, que tratava da oferta da disciplina de Arte na Educação Básica, apesar de já ter decorrido quase 50 anos da abertura desses cursos, ainda existiam poucas/os profissionais formadas/os para atuarem nas Escolas e/ou

que queriam atuar nelas. E, voltando o nosso olhar para as Escolas de Educação Infantil, que mesmo alguns municípios tendo iniciado processos de contratações de professoras/es formadas/os na área para ministrarem a disciplina de Arte, ao decorrer dos anos, ainda existem muitas Escolas que não possuem docentes para a área de Arte.

Visto isso, compreendemos que ainda temos um descompasso em relação à formação, tanto inicial quanto continuada dessas/es profissionais, e que os Espaços de Arte podem se apresentar como uma possibilidade para a ampliação de repertórios artísticos e culturais, tanto das/os professoras/es pedagogas/os, quanto das/os docentes licenciadas/os em Artes, com a finalidade de expandir esses conhecimentos em suas práticas docentes. Na cidade de Vitória/ES, as formações para professoras/es¹⁸ nos Espaços de Arte geralmente acontecem englobando: professoras/es da Educação Básica, estudantes (dos cursos de Artes Plásticas e Visuais) e mediadoras/es (ou educadoras/es) em espaços não formais, sejam elas/es de outros equipamentos ou de projetos culturais/educacionais fora dos muros escolares.

As/os estudantes de Artes que participam das formações são prováveis futuras/os professoras/es, e esses momentos formativos contribuem tanto para a formação inicial quanto para a continuada, quando estiverem ministrando suas aulas, pois se essas/es estudantes comumente visitam esses ambientes durante a graduação e percebem a importância dessas formações para sua carreira de educadores/as, é possível que, após se formarem, continuem utilizando os Espaços Culturais na constituição de suas práticas docentes e de sua profissionalidade (Nóvoa, 2017).

Essa procura por parte da/o estudante acontece de forma independente, não por incentivo da instituição de ensino, pois ainda hoje vemos “[...] o quanto a educação não formal está ausente dos currículos docentes de qualquer área” (Carvalho, 2010, p. 121).

¹⁸ Na área da pesquisa, os momentos formativos são chamados de Formação para Professoras/es. No entanto, essas formações também incluem a participação de outros públicos.

Em relação a Universidade Federal do Espírito Santo, situada na cidade de Vitória/ES, que é a principal formadora das/os estudantes dos cursos de Artes no estado do Espírito Santo, esta, dispõe em sua grade curricular do curso de licenciatura em Arte, apenas uma disciplina obrigatória voltada para estágio em espaços não escolares, englobando entre esses espaços os Museus, Centros Culturais, Galeria de Arte, ONG's e outros.

Já o curso de bacharelado em Artes Plásticas ofertado pela Universidade, não possui nenhuma disciplina obrigatória abrangendo os espaços não formais. Ademais, muitas/os professoras/es desses cursos, sabendo da importância desses espaços na formação inicial, direcionam suas aulas e atividades para que as/os estudantes possam ter contato com os Equipamentos Culturais da cidade.

Outro público que participa dessas formações é composto por mediadoras/es (ou educadoras/es) que atuam em espaços não formais de educação. Isso inclui profissionais de Espaços Culturais, mediadoras/es, Arte educadoras/es e aqueles que trabalham em projetos sociais ou em iniciativas de educação artística independentes, que não estão vinculados à educação formal. Para essas/es trabalhadoras/es é muito importante a troca de experiência com as instituições da cidade, pois estando em constante formação para atuar em seus locais de trabalho, elas ampliam seus repertórios sobre os diferentes modos de ensinar/aprender Arte e Educação.

As exposições de Arte que acontecem nas Galerias e Museus públicos da cidade de Vitória/ES, geralmente são financiadas com verbas provenientes de editais de seleção de projetos culturais setoriais de Artes Visuais, que são promovidos pela Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), ou outros editais municipais e estaduais destinados à Arte e à cultura. Atualmente esses editais que preveem as exposições de Arte para o MAES e para a GHM, dois espaços onde as formações de professoras/es serão investigadas nesta pesquisa, têm em um dos seus pré-requisitos obrigatórios, a serem cumpridos pelos artistas proponentes, a disposição de um

[...] Projeto de ação educativa: apresentação de projeto com a proposta de arte educação a ser desenvolvida por arte educador com comprovação curricular na área de educação formal ou não formal, incluindo na proposta os públicos específicos, como o escolar (alunos e professores) e público em geral (SECULT, 2023, p. 1).

Além desse projeto educativo, é também obrigatória a aplicação de “[...] até 4 (quatro) Encontros de Formação para professores da rede pública (educação básica: fundamental e ensino médio), a serem realizados imediatamente após a abertura da exposição” (SECULT, 2023, p. 4). Esses encontros, geralmente com duração de 3 a 4 horas, precisam prever os dias de planejamento das/os professoras/es de Arte da Grande Vitória, que comumente ocorrem nas quartas e quintas-feiras, sendo que a GHM também realiza alguns desses encontros aos sábados, para melhor atender as/os professoras/es.

Portanto, essas formações que acontecem nesses espaços públicos de Arte são obrigatórias a cada exposição e, as/os artistas proponentes precisam reservar parte da verba que recebem do edital para a realização dessas ações, pois é obrigatória a contratação de “[...] no mínimo, um educador e um técnico de montagem. O pagamento pelos serviços desses profissionais será realizado, exclusivamente, com recursos do prêmio” (SECULT, 2023, p. 2).

Mesmo com a obrigatoriedade desses encontros, podemos observar, assim como citado no trecho “[...] Encontros de Formação para professores da rede pública (*educação básica: fundamental e ensino médio*)” (SECULT, 2023, p. 4, grifo nosso), que essa obrigatoriedade aplica-se apenas às/aos professoras/es da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio. Isso levanta a questão da exclusão das/os docentes da Educação Infantil, um segmento que, de acordo com as leis que regulamentam a Educação Básica brasileira, também é considerado uma etapa obrigatória.

Essas informações tornam-se ainda mais relevantes ao considerarmos o objetivo geral desta pesquisa, que é **investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, oferecidos nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da**

Educação Infantil, uma vez que a exclusão das/os docentes desse segmento das formações pode impactar negativamente no atendimento ao público infantil nos Espaços Culturais.

Ressaltamos então alguns tensionamentos e questionamentos referentes a esses momentos formativos na cidade de Vitória/ES: Essas formações acontecem apenas porque são obrigatórias e previstas em editais? As/os artistas e curadoras/es preocupam-se com esses momentos de reverberação da exposição na Escola? Quem realiza essas formações? São as/os próprias/os artistas? São Arte educadoras/es e curadoras/es? As/os artistas com uma verba que às vezes não é suficiente nem para pagar as despesas da própria exposição conseguem pagar um/uma Arte educador/a ou curador/a educativo/a para planejar e realizar as formações? Em algum lugar desses processos a criança da Educação Infantil é pensada como público em potencial? Os Espaços de Arte e as/os artistas enxergam essas formações para professoras/es como momentos de formações continuadas?

Dentre as obrigações do proponente também estão a confecção e distribuição de materiais educativos da exposição, que são oferecidos nas formações para as/os participantes e, posteriormente, durante a exposição para aquelas/es docentes que a visitam. A disponibilização dos materiais educativos às/aos professoras/es tem por objetivo auxiliá-las/os quando forem explorar as exposições com as crianças nas salas de atividades. O material contribui não só para aquelas/es que visitam as mostras com suas turmas, para que façam um trabalho posterior na Escola, mas também para aquelas/es professoras/es que não conseguem levar suas turmas para a mediação no Espaço de Arte, devido aos mais diversos fatores que permeiam a saída das/os estudantes dos ambientes escolares.

Mesmo compreendendo a importância do material educativo ofertado, é preciso também problematizá-lo, uma vez que esse recurso educativo de apoio ao/à professor/a, é entregue durante as formações e depois, disponibilizados no Museu para retirada, até que as 150 cópias estipuladas no edital se esgotem. Após isso, esse material não é mais disponibilizado em nenhum local, nem mesmo *online*, dificultando o acesso do/a professor/a que não participou da formação e queira trabalhar esse material e/ou a exposição em sala de aula.

Outro fator é que esses materiais educativos nem sempre são projetados para serem aplicados com todas as faixas etárias escolares, frequentemente carecendo de atividades que possam ser adaptadas para trabalhar com crianças pequenas, pois nem mesmo os momentos formativos são pensados para professoras/es dessa etapa da Educação Básica. Isso acaba excluindo esse público do processo e das possíveis reverberações que ele poderia trazer para as crianças e para a Escola.

Após analisarmos as formações para professoras/es ofertadas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, é importante também direcionar nosso olhar para a formação de mediadoras/es que atuam nesses espaços. No próximo subcapítulo, 4.2, exploraremos como essas/es profissionais são qualificadas para desempenhar suas funções, abordando suas formações iniciais na Universidade e as formações profissionais dentro do próprio Espaço de Arte.

Conforme destacamos anteriormente, as formações nos cursos de Artes no estado do Espírito Santo são realizadas quase que exclusivamente pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com exceção de algumas faculdades particulares que ofertam o curso de Artes Visuais. As/Os mediadoras/es que atuam nos Espaços Culturais da cidade de Vitória/ES, majoritariamente estudaram e/ou estudam na Ufes, e têm suas formações iniciais bem defasadas ao que diz respeito à educação em espaços não formais e quase inexistente em relação à mediação cultural, pois os dois cursos de Artes ofertados (Artes Visuais licenciatura e Artes Plásticas Bacharelado) não possuem em sua grade curricular muitas disciplinas voltadas para a atuação nesses espaços.

O curso de licenciatura tem em sua grade curricular a disciplina de Estágio Supervisionado Curricular Obrigatório destinado aos espaços não escolares, e o curso de bacharelado não tem nenhuma matéria destinada a espaços não formais em sua grade. É ofertada apenas uma matéria optativa¹⁹ para os dois cursos, na qual as/os estudantes escolhem se querem ou não fazer, dependendo também de horários, quantidade de vagas e outros fatores. Portanto, a formação tanto das/os mediadoras/es (graduandas/os), quanto das/os Arte educadoras/es (licenciadas/os) da cidade, com exceção das/os profissionais que vêm de fora do estado, dependem das formações iniciais ofertadas por esta Universidade.

Os espaços da cidade não comportam um setor educativo permanente, o que afeta tanto na promoção da Arte/Educação para o público, quanto na formação das/os mediadoras/es culturais, que geralmente são estagiários que ainda estão cursando graduação em Artes na Ufes. Além disso, muitos espaços contratam estagiárias/os que, além de realizarem as mediações, assumem outras tarefas dentro do Museu/Galeria/Centro Cultural, como gerenciar as redes sociais, montar exposições, etc. Na tabela a seguir (Tabela 4) é possível observar os Espaços de Arte da cidade com indicações acerca da existência ou não de setores educativos, além do número de mediadoras/es fixos do espaço.

¹⁹ A disciplina Tópicos especiais – Mediação Cultural é oferecida apenas por um professor de forma optativa para as/os estudantes das duas graduações.

Tabela 4 – Espaços que dispõem de setor educativo, quantidade de mediadoras/es e se estão em processo de formação.

INSTITUIÇÃO	APRESENTA SETOR OU NÚCLEO EDUCATIVO FIXO?	DISPÕE DE QUANTOS MEDIADORAS/ES FIXAS/OS?	ESTAS/ES ESTÃO EM PROCESSO FORMATIVO NA UNIVERSIDADE?
Museu de Arte do Espírito Santo	NÃO	2	SIM
Sesc Glória	SIM	0	-
Galeria Homero Massena	NÃO	1	SIM
Casa Porto das Artes Plásticas	NÃO	1	-
Museu Capixaba do Negro	NÃO	0	-
Galeria de Arte e Pesquisa	NÃO	1	-
Galeria de Arte Espaço Universitário	SIM	5	SIM
Galeria Matias Brotas Arte Contemporânea	NÃO	1	SIM
OÁ Galeria	NÃO	0	-
Galeria Via Thorey	NÃO	0	-
Mosaico Fotogaleria	NÃO	0	-
Museu Vale	SIM	5	NÃO
Palácio Anchieta	SIM	11	NÃO
Espaço Ladeira	NÃO	0	-

É preciso avançar no entendimento desses espaços da cidade para compreendermos o cenário de atuação dessas/es profissionais, uma vez que os fatores apresentados na tabela influenciam na profissionalidade delas/es. A cidade de Vitória/ES, por ter poucos Espaços Culturais, já limita as oportunidades para quem deseja atuar nessas áreas. Observarmos o déficit dos setores educativos que — nos poucos espaços que têm —, contratam um número reduzido de profissionais e que, frequentemente, optam por estagiários, que ainda são estudantes, sendo um pré-requisito nos anúncios das vagas para esses cargos. É importante também problematizar que muitas instituições, mesmo não apresentando núcleos educativos, ainda assim contratam estudantes para serem mediadoras/es, o que pode resultar em uma falta de orientação adequada que possivelmente comprometerá a formação profissional dessas/es pessoas.

Analisando a Tabela 4, observa-se que dos 14 espaços, apenas 5 possuem setores educativos fixos. No entanto, mesmo apresentando esse recurso, os espaços nem sempre possuem mediadoras/es disponíveis o ano inteiro, sendo que, frequentemente, esses profissionais são contratados apenas para algumas exposições. Se observarmos a formação dessas/es profissionais, percebemos que a maioria ainda está em processo de formação na universidade, e sendo que o prazo legal máximo de um estágio é de dois anos, ocorre uma alta rotatividade nesses setores.

Além disso, é quase nula a chance dessas/es profissionais serem contratados posteriormente a seus períodos de estágio, pois ainda não estarão formados, o que acaba fazendo com que muitas/os procurem outras áreas de atuação dentro do campo artístico, haja vista a falta de oportunidade na cidade. Exemplificamos com a cidade de Vitória/ES, que é a capital do estado, mas que apresenta alguns poucos Espaços Culturais, porém, se olharmos para o estado como um todo, vemos uma escassez ainda maior de Espaços de Arte e ainda menos oportunidades de trabalho para mediadoras/es.

As contratações dessas/es profissionais têm seguido uma política de inclusão ao longo dos anos. Atualmente, é comum que os Espaços de Arte, ao divulgarem suas vagas, estabeleçam cotas para a inclusão de diferentes grupos, como pessoas negras, pardas, indígenas, pessoas com deficiência e pessoas *queer*.

Segundo a perspectiva do Pós-Museu de Françoise Vergès (2023), essa prática vai além da simples representatividade numérica e envolve a transformação do próprio modo de pensar dos Espaços Culturais. Assim, a inclusão não se restringe ao preenchimento de vagas, mas implica uma transformação nas práticas institucionais e pedagógicas desses espaços, que necessitam se tornar mais democráticos, acessíveis e capazes de acolher múltiplas perspectivas.

Contudo, não são todas as instituições que entendem a importância da contratação dessas pessoas, uma vez que:

[...] é escolha dos museus não dar formação adequada aos/às guias [mediadoras/es] e não contratar guias [mediadoras/es] negros/as e racializados/as, que provavelmente seriam mais conscientes do que está em jogo na representação social (Vergès, 2023, p. 28, acréscimo nosso).

Esse fator demonstra que é uma escolha consciente das instituições em perpetuar práticas coloniais que invisibilizam outras perspectivas. Assim, a formação adequada citada pela autora, aqui se insere num contexto em que as/os mediadoras/es também tenham uma formação consciente e questionadora acerca da colonialidade²⁰ em que os Espaços de Arte estão inseridos, pois na maioria das vezes até as próprias obras, objetos, documentos que estão presentes nesses espaços, estão inseridos nessa lógica colonial. Portanto, é fundamental que essas/es mediadoras/es problematizem e saibam se posicionar criticamente diante dessas questões ao interagirem com as/os visitantes.

Vergès (2023, p. 27) relata um caso ocorrido em junho de 2022, no *Musée de l'Histoire Nationale de l'Immigration*, onde o discurso altamente colonial da mediadora surpreendeu as/os alunos e professoras/es que participavam do momento. Após o ocorrido, eles enviaram uma carta à diretora do Museu, destacando uma afirmação da mediadora: “[...] a pacificação tem certa razão, porque a colonização acabou com as guerras tribais”.

²⁰ O conceito de colonialidade, segundo Vergès, conecta as heranças do colonialismo com questões de raça, gênero e capitalismo. Ela se refere às estruturas de poder, saber e identidade que persistem mesmo após o fim do colonialismo formal, evidenciando as consequências duradouras da colonização. Por essa razão, a autora defende a desconstrução dessas estruturas por meio da decolonização, afirmando que o decolonial “[...] combate a colonialidade do poder (Vergès, 2020, p. 41).

Esse incidente destaca a necessidade de que as/os profissionais desses espaços recebam uma formação crítica sobre os temas relacionados à colonialidade. Isso se deve à “[...] falta de preparo das/os guias [mediadoras/es] para falar de pilhagens, confiscos, restituição, racismo, história colonial e imperialista” (Vergès, 2023, p. 27-28, acréscimo nosso). Sem essa formação é provável que suas falas e ações perpetuem a lógica colonial durante as interações com as/os visitantes nos Espaços de Arte. Além disso, é fundamental que as instituições estejam atentas às declarações de suas/seus profissionais, pois a autora observa sobre o ocorrido: “[...] Que uma francesa faça apologia à colonização francesa em 2022 não é surpresa, mas que ela seja contratada por um museu nacional é outra coisa” (Vergès, 2023, p. 27).

Nesse contexto, uma formação que aborde as questões decoloniais torna-se fulcral na graduação, entretanto, diversas/os estudantes dos cursos de Artes da Ufes muitas vezes entram na graduação sem saber ao certo a diferença entre a licenciatura e o bacharelado, e fazem o curso de licenciatura não desejando ser professor/a e sim artista, o que revela também que tais temáticas não sejam interessantes dado ao fato de compreenderem que não exercerão a profissão. De certo modo isso indica a desvalorização da profissão docente na própria universidade, por parte das/os estudantes, que mesmo se formando para essa carreira, preferem ser artistas ou trabalhar em outros espaços fora da Escola, incluindo os Equipamentos Culturais.

Nóvoa (2017) aponta para a proliferação de discursos que descaracterizam a profissão docente, incluindo das/os próprias/os estudantes, salientando que “[...] Nas licenciaturas em Pedagogia surge, por vezes, a ideia de que *ser pedagogo* é mais amplo e prestigioso do que *ser professor*” (Nóvoa, 2017, p. 1112, grifo do autor). Essa desvalorização e, de certo modo, a *fuga* da vida docente, é percebida nas ações dessas/es estudantes dos cursos de Artes da Ufes, que acabam optando por outras carreiras, incluindo as de mediadores/as em Espaços Culturais da cidade. Entretanto, invariavelmente, precisam voltar à ideia original de tornar-se professor/a, devido às poucas opções de trabalho no setor artístico e de mediação cultural.

Embora essa seja uma carreira difícil e apresentar poucas oportunidades na cidade de Vitória/ES, essas/es

profissionais ainda preferem aventurar-se nesse mercado do que trabalhar em sala de aula e, principalmente, com crianças pequenas. Além das raras oportunidades de trabalho na cidade, e dos baixos salários, muitas/os que trabalham nessa área não conseguem ter uma estabilidade, haja vista que, geralmente, são contratados temporariamente, dependendo das exposições e projetos em cartaz.

É comum nos Espaços de Arte da cidade a contratação de estagiárias/os que ainda estão em processo de formação do que a contratação de pessoas que já concluíram a graduação, no entanto isso não impede que as/os formadas/os sejam contratadas/os, contudo, mesmo tratando-se de mão de obra especializada, de terem maior formação do que um/a estudante que está nos primeiros períodos da universidade, os profissionais recebem, em muitos casos, os mesmos salários e têm as mesmas condições de trabalho, daí o fato de optarmos por fazer uma abordagem entrelaçando essas/es profissionais.

Assim como Nóvoa (2017) defende que existe esse afastamento entre a Universidade e a Escola, e que a/o estudante que está se formando fica nessa espécie de limbo quando começa a exercer sua profissão, isso também acontece com as/os profissionais que trabalham nesses Espaços de Arte, pois também existe essa distância entre a Universidade e o Equipamento Cultural, principalmente na cidade de Vitória/ES que, reiteramos, tem poucas oportunidades profissionais nesses setores.

As formações nos Espaços de Arte para essas/es trabalhadoras/es acontecem, ou precisariam acontecer, a cada exposição que entra em cartaz no Espaço Cultural, para além de outros momentos ao longo do ano, pois são formações que podem ser ministradas por artistas, curadoras/es, curadoras/es educativas/os, Arte educadoras/es, etc., nas quais podem ser abordadas as temáticas da exposição, as obras, as poéticas presentes, e outros assuntos pertinentes, como as diversas abordagens para os diferentes públicos.

Ressaltamos que é muito comum nessas formações as trocas com essas/es trabalhadoras/es sobre as facilidades e dificuldades durante as mediações, sobre como será a elaboração do material educativo, quais serão as outras propostas educativas da exposição, dentre outras discussões. Isso evidencia a importância

da formação inicial e continuada dessas/es profissionais para a constituição de sua profissionalidade, seja ela na Escola ou nos espaços não formais de educação. Porém estas formações nem sempre são suficientes para suprir as necessidades de atendimento dos diversos públicos nos Espaços de Arte e nem para processo de formação dessa/e profissional que atua nesses equipamentos, uma vez que existem todas as problemáticas citadas acima acerca da constituição da profissionalidade do/a mediador/a na cidade de Vitória/ES.

Diante dos desafios observados na formação dessas/es profissionais, tanto docentes quanto mediadoras/es, torna-se essencial explorar a importância de uma parceria entre Escolas e Espaços de Arte, tema que será abordado no próximo subcapítulo, com ênfase na cidade de Vitória/ES.

Como abordado anteriormente, a relação das Escolas com os equipamentos da cidade de Vitória/ES é problemática e nem sempre acontece numa perspectiva de cooperação. Observando os Espaços de Arte da cidade, e principalmente aqueles que foram investigados nessa pesquisa, podemos perceber que, praticamente, é inexistente um relacionamento colaborativo entre essas duas instituições.

Nessa perspectiva, as formações das exposições que serão abordadas posteriormente, se constituem a partir de momentos que acontecem a cada mostra com um/a curador/a educativo/a ou Arte educador/a²¹ diferente. Embora a equipe de mediadores/as possa ser a mesma em algumas ocasiões, essas formações têm um único objetivo: discutir a exposição específica em cartaz. Isso resulta em uma desconexão com o programa educativo permanente do Espaço Cultural. Além disso, como as formações são conduzidas por diferentes profissionais, com suas próprias ideias e abordagens, é raro que haja continuidade entre elas.

As/os professoras/es que comumente frequentam essas formações, são aquelas/es que sabem da importância dos espaços expositivos e das exposições de Arte em seu desenvolvimento profissional e pessoal. Embora seja comum que muitas/os delas/es compareçam a quase todas as formações, isso não significa que haja uma verdadeira parceria entre o Equipamento Cultural e a Escola. Na realidade, a colaboração costuma começar pelo interesse do/a professor/a ou da Escola, mas, para que haja um verdadeiro trabalho colaborativo é necessário que as relações entre elas aconteçam por meio do “[...] diálogo, balizado em conciliar as transformações de ambas às instituições num trabalho colaborativo” (Gabre, 2016, p. 60).

Um dos espaços pesquisados na cidade de Vitória/ES que apresenta esse olhar colaborativo entre Equipamento Cultural e Escola, é o Museu Vale²². O setor educativo do Museu realiza diversas atividades

²¹ O termo "Arte educador/a", nos editais culturais do estado, não se refere apenas ao papel de mediador/a, como estamos utilizando neste texto, mas também à função do/a curador/a educativo ou pedagógico. Essa atribuição envolve a estruturação do educativo e a aplicação de formações com os docentes. Portanto, a partir de agora, essa nomenclatura será utilizada para aquelas/es que realizaram a curadoria educativa ou pedagógica das exposições mencionadas.

²² O Museu Vale é um dos Equipamentos Culturais que investigaremos as formações para professoras/es nesta pesquisa, por isso, informações como história do Museu, localização, constituição e outros, serão abordados posteriormente quando falarmos da exposição *De onde surgem os Sonhos*.

integradas com Escolas da cidade, oferecendo oficinas, mediações culturais nas exposições, *workshops* e até mesmo oportunidades para jovens das Escolas vizinhas participarem na produção de projetos. Além disso, o Museu fornece transporte e lanche para os grupos escolares durante as visitas mediadas, o que ajuda a ampliar seu alcance e facilitar a participação e colaboração das Escolas.

Escolhemos este espaço específico para a pesquisa devido a colaboração com Escolas e docentes ao longo dos anos. Embora o Museu Vale tenha características únicas em termos de modelo organizacional e recursos, por se tratar de um Museu privado, seu setor educativo tem se destacado por promover uma colaboração eficaz com Escolas e professoras/es. Esse trabalho tem tido um impacto significativo na vida de muitas crianças, estudantes e professoras/es. Por isso, abordaremos o caso do Museu Vale e suas parcerias com as Escolas nesta pesquisa²³.

O setor educativo do Museu Vale, fundado em 1998, desenvolve diversos projetos sociais e de Arte/educação. Desde sua criação, uma abordagem importante tem sido as formações para professoras/es realizadas pelo Museu. Após essas formações, as/os docentes levam as crianças para visitar o Museu, participando de atividades de mediação e, em seguida, também participam de *workshops* oferecidos. Os trabalhos produzidos nesses *workshops* resultavam²⁴ em uma exposição de Arte na sala multimídias.

Ainda que o Museu sedie exposições de Arte, suas ações não são desenvolvidas somente no âmbito artístico. Por se tratar de um Museu Ferroviário, o educativo também atua com direcionamentos para as questões históricas que o envolvem e, quando a sede ainda estava em funcionamento, quase todas as turmas que participavam das mediações das exposições de Arte também eram levadas para essa mediação histórica, sendo possível observar uma Maria Fumaça, objetos históricos, etc. Atualmente, atuando no sistema extramuros, desde que sua sede foi fechada na cidade de Vila Velha/ES, o Museu Vale está com um espaço fixo no Parque da Vale, no Bairro de Jardim Camburi, em Vitória/ES. Entretanto, também realiza atividades em outros espaços, incluindo Escolas e locais em que as exposições de Arte são realizadas.

²³ Reconhecemos as diversas problemáticas associadas à mineradora Vale no Brasil, que inevitavelmente reverbera na percepção do Museu Vale. No entanto, não queremos desqualificar a relevância desse espaço como um Equipamento Cultural significativo, especialmente no que diz respeito à formação de públicos na cidade e ao acesso à arte e à cultura. Por essa razão, optamos por não aprofundar aqui as críticas relacionadas à empresa, mantendo o foco apenas na relação que o Museu estabelece com as escolas e professoras/es como instituição cultural.

²⁴ Aqui estamos falando no passado, pois esse molde era utilizado na antiga sede do Museu Vale, que não está mais em funcionamento. 91

O programa educativo do Museu, sendo muito antigo e trabalhando sob essa perspectiva de formação de público e de integrar as Escolas e as/os professoras/es, realiza uma parceria com estas há alguns anos, ofertando formações para docentes em suas exposições, sendo que “[...] a relação entre instituições artísticas e público escolar tem sido incrementada a partir de ações educativas permanentes ou esporádicas, que abrangem a formação docente nos temas específicos das exposições” (Loponte, 2017, p. 445).

De acordo com uma funcionária²⁵ do educativo em entrevista no ano de 2024, “[...] A parceria do museu com as escolas é cultivada com muitas mãos e com muito cuidado, há muitos anos”. A educadora ainda comentou que:

Eu acho que a parceria com as escolas, ela vem sendo estabelecida ao longo da vida do museu, desde o nascimento, surgimento da ideia do que era o museu, ele tem uma função, ele não é só um lugar, ele é um lugar que pulsa a vida, então, assim, não faz sentido você não ter esse movimento, então, acaba que essa parceria com as escolas e com os professores, ela nasce por causa desse movimento, de um museu que precisa ser ativo, de um museu que precisa se mostrar, que precisa ter uma função (Entrevista realizada em 18 de jun. 2024).

O Museu Vale vê nessas parcerias com as Escolas uma função social para atrair e formar seu público, incluindo não só as/os estudantes/crianças e as/os professoras/es, mas todos que vêm para o Espaço de Arte por influência destes, como por exemplo os familiares. As/os professoras/es vão ser em parte grandes responsáveis por essa colaboração do Museu com as Escolas, uma vez que:

[...] não tem parceiro mais caro do que os professores, que são uma categoria que tá aí pra formar, pra informar e pra transformar. Então, a gente descobre que eles são o grande vínculo entre a gente e a escola (Entrevista realizada em 18 de jun. 2024).

As formações para professoras/es que acontecem nesse espaço, diferente de outros Equipamentos Culturais da cidade, não são obrigatórias devido aos editais, mas já fazem parte da organização do Museu, através de seu programa educativo permanente. O Museu desenvolve essas formações para professoras/es, e,

²⁵ Nomes serão omitidos por questões de ética na pesquisa.

comumente, muitas/os que participam desses momentos são assíduos em mais de uma formação, e após a formação também levam suas turmas para visitarem a exposição, ou abrem suas salas de aulas para que as/os mediadoras/es do Museu Vale possam desenvolver trabalhos com elas²⁶. Esses processos formativos para docentes surgem como uma troca entre estas/es e o Museu, como comenta uma educadora:

É sempre aberto para que ele seja atravessado pela experiência do professor, para que chegue à escola, porque ninguém melhor do que o professor para saber como isso vai fluir na escola. Então, às vezes, você tem um educativo lindo, com material incrível, mas que não vai funcionar. Então, o professor é o primeiro termômetro para dizer, olha, isso funciona, porque isso funciona comigo, isso funciona com a minha turma, e aí a coisa acaba que estabelece uma parceria que é quase que natural (Entrevista realizada em 18 de jun. 2024).

Importante ressaltar que esse Equipamento Cultural é um dos que apresenta mais recursos financeiros para o oferecimento de seu educativo e de exposições na cidade, que pode ser visto nas superproduções das mostras que realizam, na quantidade de formações e nas/os convidadas/os que as ministram, que sempre são pessoas importantes da área local, mas que, frequentemente, também fazem parcerias com pessoas de fora do estado. A qualidade das propostas pode ser vislumbrada nos materiais utilizados durante as ações educativas, na disponibilidade de ônibus para buscar e levar as turmas ao espaço expositivo, no lanche que é oferecido às crianças, nas produções de catálogos e materiais para professoras/es, e até mesmo na quantidade de mediadoras/es que trabalham em seu educativo, sendo o setor com maior número de pessoas dentre os Equipamentos Culturais de Vitória/ES.

Todos esses fatores influenciam diretamente na obtenção do público, pois é um Equipamento Cultural que, quando realiza grandes exposições, contrata novas/os mediadoras/es temporárias/os para o atendimento, tamanha é a quantidade de pessoas que visitam seus espaços. Também influencia no contato com as Escolas, pois ao dispor de transporte para levar as crianças ao espaço expositivo, torna-se um facilitador para que estas visitem as exposições, haja vista que existe dificuldade de muitas Escolas em conseguir transporte para retirar as crianças do espaço escolar. Assim, ele se torna referência e um incentivo para

²⁶ O educativo também dispõe de uma ação na qual o Museu vai para a Escola e as/os educadoras/es levam os materiais e peças do acervo artístico e da ferrovia para dentro dos espaços escolares.

as/os professoras/es, pois ao observarem que esse espaço apresenta recursos e pessoas qualificadas para atender suas turmas, interessam-se em realizar o movimento de levar as crianças aos Espaços de Arte.

O Museu Vale, quando estava com sua sede na cidade de Vila Velha/ES, encontrava-se em um contexto periférico. Nessa direção, ao atrair um público grande em suas exposições e ações, ampliava a vivência do seu entorno, e estabelecia parcerias com as Escolas e professoras/as da sua vizinhança. Atualmente, realizando ações em outros espaços e bairros considerados mais centrais, como Jardim Camburi e Jardim da Penha²⁷, faz esse movimento contrário de trazer sua antiga vizinhança para vivenciar essas áreas.

A colaboração do Museu Vale com Escolas periféricas em seu entorno exemplifica uma ação que se alinha com o conceito de Pós-Museu proposto por Françoise Vergès (2023). Muitas vezes, as/os estudantes/crianças dessas Escolas, que são predominantemente racializados, não se sentem parte dos Equipamentos Culturais. Conforme Vergès (2023, p. 26) observa: “[...] na França, a legitimidade de jovens estudantes de classes populares entrarem no museu é duvidosa”. Essa realidade reflete-se em diversas partes do mundo, incluindo Vitória/ES, em que são vistos e relatados alguns casos semelhantes. A colaboração do Museu Vale com essas Escolas é um passo importante para desafiar a ideia de que esses públicos não são bem-vindos nas instituições culturais.

Embora aqui utilizemos o conceito de Pós-Museu, reconhecemos as contradições que existem entre as ações promovidas pelo Museu Vale e as práticas institucionais da mineradora que o financia. A Vale, envolvida em uma série de impactos socioambientais, pode promover essas iniciativas culturais como parte de uma estratégia de artwashing — uma tentativa de melhorar sua imagem pública por meio do investimento em Arte e cultura. Essas contradições colocam em questão a real intenção do Museu: será que essas ações realmente visam transformar e integrar comunidades marginalizadas ou servem mais como um mecanismo para suavizar críticas e desviar a atenção das práticas controversas da mineradora? É essencial refletir sobre até que ponto essas iniciativas podem ser consideradas emancipadoras ou se apenas reproduzem narrativas que mascaram desigualdades estruturais. No entanto, não podemos ignorar que o Museu ainda desenvolve ações significativas, cuja relevância será explorada a seguir.

²⁷ Bairros localizados na cidade de Vitória, considerados bairros para pessoas com padrão de vida relativamente alto.

Segundo as educadoras²⁸ entrevistadas, as formações que acontecem no Museu Vale são formações continuadas, uma vez que seu programa educativo está sempre preocupado em realizar esses momentos e em ter contato com as/os professoras/es, reforçando assim a importância da capacitação e do diálogo entre o Museu e as Escolas, como comenta uma das educadoras:

A formação precisa ser continuada, sabe, uma exposição não acaba no último dia da exposição, essa exposição ela continua, você mesmo trouxe algumas referências de formações anteriores, então assim, ela não é simplesmente única, ela não fica engavetada porque surgiu outra, eu acho que as exposições e as formações, elas se atravessam, e a gente percebe nessa parceria essa importância, quando o professor, inclusive ele fala sobre o material utilizado, sobre o tempo disponibilizado, como a coisa flui, o diálogo que se estabeleceu (Entrevista realizada em 18 de jun. 2024).

Essa proposta de ação educativa/formativa, por ofertar sempre formações para professoras/es em seu programa permanente e apresentar uma equipe fixa que realiza as formações, mesmo convidando a cada exposição outras/os curadoras/es educativos ou Arte educadoras/es para ministrarem esses momentos, apresenta mais contundência que os espaços que realizam as formações esporádicas, e isso pode causar no/a professor/a uma certa segurança de que está realmente tendo uma formação continuada e uma troca com o Espaço de Arte, como pode ser observado durante as formações promovidas pelo Museu Vale, em que o número de professoras/es é maior do que nos outros espaços pesquisados.

A colaboração com as Escolas pode acontecer por intermédio do/a professor/a que realiza as formações, que estabelece esse contato com o Museu, ou através da própria Escola, porém não basta apenas que o/a professor/a queira essa colaboração. Se a Escola não estiver preparada para que haja essa interlocução, dificilmente o/a professor/a conseguirá realizar esse trabalho e levar as crianças para a mediação no Espaço de Arte, assim como comenta uma educadora do Museu:

O museu só consegue adentrar a escola quando ele consegue estabelecer um vínculo com o professor. A escola não é só a estrutura física, assim como o museu não é só a estrutura física. Então esse movimento de estabelecer, de abrir para a formação, de mostrar que a porta é aberta, é um laboratório (Entrevista realizada em 18 de jun. 2024).

²⁸ Usaremos o termo "educadoras" para nos referirmos às duas profissionais do Museu Vale entrevistadas. Optamos por esse termo em vez de "mediadoras", pois elas atuam no setor educativo do Museu, mas não desempenham funções específicas de mediação cultural.

As educadoras entrevistadas também relatam que acontece, através de seus educativos, formações e contatos com as/os docentes, desdobramentos desses momentos nas Escolas. É comum nesse educativo que as/os professoras/es que estão participando da formação, marquem ao final desta para levarem suas turmas para a mediação no espaço, incluindo o pedido do ônibus que o Museu disponibiliza para isso. Também é habitual que essas/es docentes após a visita, realizem um trabalho na Escola, e depois entrem em contato com o Museu para dar retorno sobre o que foi realizado, assim como comenta uma das entrevistadas:

[...] depois o professor liga e manda vídeo, manda foto do que ele produziu na escola com as crianças, a partir daquele atendimento, a partir daquela experiência com o artista ou a partir da experiência de ter estado no museu e levado esse trabalho para a escola, essa técnica, esse material, ou desdobrar isso com outras possibilidades dentro da escola, por mais restrita que sejam as condições da escola (Entrevista realizada em 18 de jun. 2024).

Com essas informações e relatos sobre o programa educativo do Museu Vale, é possível observar que este é um educativo muito potente no que se refere à formação para professoras/es e sobre a colaboração com as Escolas, e que pode tornar-se um exemplo para a construção de outros projetos que pensem nesse viés formativo na cidade, considerando essas ações como parte integrante de seus programas educativos permanentes, inclusive pensando também no público da Educação Infantil.

Pensando em como provocar a reflexão sobre a falta de interlocução entre esses dois espaços, nas problemáticas em relação às formações das/os profissionais, bem como no atendimento para/com as crianças pelos Equipamentos Culturais, que é o nosso principal foco no próximo subcapítulo será abordar o atendimento desse público específico da Educação Infantil nesses contextos.

Os Museus, as Galerias de Arte e os Centros Culturais são comumente habitados pelo público escolar e pré-escolar, e as crianças da Educação Infantil, como parte integrante desse grupo, também precisam ser pensadas como visitantes potenciais. Segundo Leite (2008, p. 12), as crianças nos museus podem “[...] melhor desenvolver a aprendizagem sensorial, espacial, estética e tantas outras específicas que diferem das escolares”. Sendo estes espaços potentes para o aprendizado das crianças pequenas, por que, majoritariamente, os aparelhos culturais não as consideram como um público em potencial, que também pode fruir e usufruir de ambientes como estes? Quando falamos que os Espaços de Arte precisam pensar esse público, estamos reafirmando que “[...] não se trata de construir um museu para crianças, mas um museu que seja também para as crianças” (Bibian, 2022, p. 215).

O conceito de Pós-Museu proposto por Vergès (2023), visa reconfigurar as práticas institucionais nos Espaços de Arte, buscando incluir vozes e experiências frequentemente marginalizadas. Ao considerarmos que as crianças por muito tempo fizeram parte desse contexto — e ainda fazem se levarmos em conta que o atendimento nesses espaços nem sempre é adequado a elas —, pois suas existências são desconsideradas, imaginar o Pós-Museu para a Educação Infantil, compreenderia criar um ambiente em que o atendimento desse público fosse equivalente ao realizado para qualquer outro grupo, no qual elas não fossem apenas espectadoras, mas participantes (inter)ativas.

Isso significa envolver as crianças nos processos de mediação, permitindo que elas contribuam com suas vozes, interpretações, dando sentido ao que lhes é mostrado. Essa abordagem não apenas desafia as normas estabelecidas, mas também promove um espaço mais inclusivo, em que as crianças pudessem se sentir verdadeiramente pertencentes e valorizadas.

Ao refletir sobre a ideia de "desordem absoluta" proposta por Vergès (2023, p. 18), que afirma que esta “[...] não é o caos, mas a contestação daquilo que os poderosos chamam de ordem do mundo, um mundo que eles construíram e estão incessantemente fortalecendo”, torna-se essencial analisar como a ordem histórica das instituições artístico-culturais, frequentemente, excluem bebês, crianças pequenas e bem pequenas.

Essa exclusão sugere que esses espaços não reconhecem a necessidade de integrá-las em suas atividades educativas. Portanto, a proposta de imaginar um Pós-Museu para crianças nos instiga a desafiar essa perspectiva engessada, criando um ambiente acolhedor e acessível para esse público.

Pensar nos diversos públicos vem tornando-se fulcral nos atendimentos aos visitantes dos Espaços Culturais, e cada vez mais os Museus/Galerias/Centros Culturais vêm tentando se adequar às pluralidades e necessidades de suas/seus frequentadoras/es. Comumente nesses espaços existe cada vez mais o acolhimento de pessoas que necessitam de recursos diferenciados para entender/aprender sobre as obras, os artistas e a exposição, como braile, materiais sensoriais, libras, audiodescrição, adaptação do ambiente, e outros. Contudo, o público infantil, que também frequenta esses espaços e pode necessitar de alguns recursos, nem sempre é lembrado e, muitas vezes, evitado.

Assim como as particularidades presentes nos grupos de visitantes que usufruem dos Espaços Culturais, ainda existem as especificidades dentro dos próprios grupos escolares que visitam o Espaço de Arte como: região em que a Escola está localizada, quantitativo de crianças, classe, raça, formação do/a professor/a, etc. Nesse sentido, pensar as diferentes infâncias é fator primordial que precisa ser considerado na hora do atendimento, pois são questões relevantes para o desenvolvimento da mediação dentro do Equipamento Cultural.

Para além dos materiais e ações educativas, os processos de atendimento às crianças acontecem por meio das mediações culturais. Essas mediações por vezes não são proveitosas devido às particularidades desse grupo, pois muitas/os mediadoras/es não têm experiência em lidar com ele, e sem compreender as especificidades das crianças da Educação Infantil, acabam, por vezes, não realizando corretamente o processo mediativo. A falta de formação para lidar com as crianças acaba culminando no fato de o público da Educação Infantil ser, muitas das vezes, malquerido pelas/os educadoras/es museais, assim como comenta Cristina Carvalho em sua pesquisa sobre o educativo no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro:

Sem dúvidas, dentre as dificuldades apontadas pelos integrantes do Setor Educativo no atendimento ao público escolar, lidar com as crianças pequenas foi a mais recorrente, configurando-se, por vezes, como o mais indesejado dos visitantes (Carvalho, 2007, p. 9).

Esse relato mostra que as crianças da Educação Infantil são consideradas como um público indesejado, e muitas vezes isso acontece pela falta de conhecimento de como lidar com visitantes de tão tenra idade. Para entendermos as especificidades desse grupo nos Espaços de Arte, é preciso avançar na compreensão das noções de infâncias e de crianças, esta última que, de acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI) são definidas como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Durante muito tempo essa fase da vida foi considerada apenas uma etapa para se alcançar a idade adulta. No entanto, as crianças como sujeitos de direitos, passaram a ser vistas na contemporaneidade como tais, desde a Constituição Federal de 1998, onde seus direitos começaram a ser garantidos. Nesse contexto, ampliam-se as concepções de infância para *infâncias*, reconhecendo a pluralidade destas a depender de diversos fatores, como explicita Amaral:

A infância é uma construção social, que possui diferenças diacrônicas, ou seja, historicamente construídas e transformadas no decorrer dos anos. E, também, diferenças sincrônicas, o que revela que, em um mesmo tempo, as formas de compreender as infâncias podem ser distintas, conforme a localização geográfica, as religiões, a etnia, a classe social, o gênero, enfim, são muitas as variáveis que interferem na maneira de representar a infância. Cabe destacar que essas variáveis sofrem constantes modificações, assim podemos dizer que existem muitas *infâncias* (Amaral, 2011, p. 2, grifo do autor).

Essas concepções de crianças e infâncias precisam ser consideradas pelas Escolas de Educação Infantil e

pelos Espaços Culturais, uma vez que elas possuem potencialidades para fruir, aprender e brincar²⁹ em qualquer espaço, incluindo os Espaços Culturais. Essas experiências nos Equipamentos Culturais serão proporcionadas, primeiramente, quase em sua maioria, pelas Escolas de Educação Infantil, sendo estas importantes no processo de contato com a Arte, uma vez que “[...] quanto maior for a riqueza de experiências, de vivências proporcionadas pela escola, maior será o leque de possibilidades de interesses das crianças acerca dos objetos de aprendizagem” (Pasqualini; Lazaretti, 2022, p. 56).

Quando uma Escola valoriza a importância de proporcionar às crianças oportunidades de explorar, de sentir, de aprender, e de perceber o mundo além de suas estruturas físicas, diversas vezes enfrentam desafios ao tentar encontrar locais adequados, uma vez que muitos espaços ainda não estão preparados para atender esse público, conforme é discutido por Nascimento e Góes, quando tratam do atendimento às crianças:

[...] esses espaços necessitam fomentar e propor uma educação em arte por meio de seus educativos ao planejarem as mediações e materiais que considerem as singularidades das crianças da Educação Infantil, propiciando-lhes oportunidade de acúmulo de saberes, vivências e repertórios não apenas visuais e artísticos, mas pessoais e sociais, capazes de potencializar suas aprendizagens em relação ao conteúdo histórico-artístico-cultural produzido pela humanidade (Nascimento; Góes, 2024, p. 3).

Para o atendimento das crianças da Educação Infantil nos Espaços de Arte é fundamental que as pessoas envolvidas nesses processos compreendam essas particularidades, se baseando, inicialmente, nos eixos definidos por Sarmiento (2004), como **ludicidade, reiteração, fantasia do real e interatividade**, que constituem as subjetividades infantis.

A **ludicidade** se refere à qualidade lúdica do que é proposto para a criança, com enfoque para o jogo, a brincadeira e a criatividade, assim como destaca Sarmiento (2004, p. 23) como sendo “[...] um conjunto de atividades ou rotinas, artefactos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com os seus pares”. Já a **reiteração** envolve a repetição de experiências que são significativas para as crianças, como comenta o autor:

²⁹ Segundo Sarmiento (2004, p. 25) brincar é “[...] muito do que as crianças fazem de mais sério”.

[...] no plano sincrônico, com a contínua recriação das mesmas situações e rotinas, como no plano diacrônico, através da transmissão de brincadeiras, jogos e rituais das crianças mais velhas para as crianças mais novas, de modo continuado e incessante, permitindo que seja toda a infância que se reinventa e recria, começando tudo de novo (Sarmiento, 2004, p. 29).

Entre os dois outros pontos discutidos, a **fantasia do real** envolve a capacidade infantil de explorar o mundo através da imaginação, pois o “[...] ‘mundo do faz de conta’ faz parte da construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas” (Sarmiento, 2004, p. 26). Por outro lado, a **interatividade** é a comunicação ativa que as crianças têm com o outro, com os materiais e com o ambiente que as cerca, no qual essa partilha de “[...] tempos, acções, representações e emoções é necessária para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento” (Sarmiento, 2004, p. 24).

Se as pessoas envolvidas nos processos de mediação nos Espaços de Arte não apresentam esses conhecimentos do universo infantil, frequentemente vão ter dificuldade ao interagir com esse público, não resultando em uma experiência proveitosa, e, em muitos casos, excluindo esse público do Equipamento Cultural, como comenta Gabre:

Da ausência desse entendimento de que a infância é algo construído socialmente e de formas distintas, em cada época e contexto, é que decorrem os equívocos e a noção naturalizada de uma universalidade da infância se instaura. Isso pode gerar insegurança, bem como a negação do atendimento a esse público no museu (Gabre, 2016, p. 67).

Portanto, é crucial analisar quais são os desafios enfrentados nos Espaços de Arte para o atendimento desse público, para que se possa propor estratégias e ações que potencializem esse acolhimento, já que, além de compreender o universo infantil, há outros aspectos a serem considerados. Uma das problemáticas já apontadas acima é a escassez de espaços que atendem crianças pequenas, que tangenciam e friccionam os desafios apresentados, por não compreenderem a realidade do mundo infantil. Outro ponto que destacamos é a dificuldade das/os mediadoras/es em atuar com esse público, às vezes não vendo sentido no atendimento, como apresentamos no trecho de uma entrevista realizada por Carvalho com uma mediadora:

[...] 'Eu não sei o que fazer com as crianças pequenas. Não gosto mesmo. Acho que fica escrito na minha testa. E não sei se tem muito a ver a vinda delas'. 'O que se pode fazer com os pequeninos nessas exposições? Eles não podem entender nada disso. Nem entendem o que eu falo!' 'Criança menorzinha, assim de quatro, cinco anos, ninguém merece!' (Carvalho, 2007, p. 304).

Na cidade de Vitória/ES, área da pesquisa, esse atendimento para as crianças nos Espaços de Arte acontece, porém não são todos os espaços que realizam esse atendimento, como pode ser observado na tabela a seguir (Tabela 5), na qual elencamos os Equipamentos Culturais da cidade, indicando quais atendem as crianças da Educação Infantil:

Tabela 5 – Equipamentos Culturais que dispõem de educativos para crianças pequenas.

INSTITUIÇÃO	LOCALIDADE	TIPO DE INSTITUIÇÃO	DISPÕE DE EDUCATIVO PARA CRIANÇAS PEQUENAS?
Museu de Arte do Espírito Santo	CENTRO DE VITÓRIA	MUSEU PÚBLICO	X
Sesc Glória	CENTRO DE VITÓRIA	CENTRO CULTURAL	X
Galeria Homero Massena	CENTRO DE VITÓRIA	GALERIA PÚBLICA	
Casa Porto das Artes Plásticas	CENTRO DE VITÓRIA	MUSEU PÚBLICO	
Museu Capixaba do Negro	CENTRO DE VITÓRIA	MUSEU PÚBLICO	X
Galeria de Arte e Pesquisa	UFES	GALERIA FEDERAL	
Galeria de Arte Espaço Universitário	UFES	GALERIA FEDERAL	X
Galeria Matias Brotas Arte Contemporânea	MATA DA PRAIA	GALERIA COMERCIAL	X
OÁ Galeria	BENTO FERREIRA	GALERIA COMERCIAL	
Galeria Via Thorey	JARDIM DA PENHA	GALERIA COMERCIAL	
Mosaico Fotogaleria	MATA DA PRAIA	GALERIA COMERCIAL	
Museu Vale	JARDIM CAMBURI	MUSEU PRIVADO	X
Palácio Anchieta	CENTRO DE VITÓRIA	CENTRO CULTURAL	

Fonte: dados retirados da pesquisa de TCC, 2022.

Todas essas problemáticas em relação ao atendimento das crianças puderam ser observadas nos Equipamentos Culturais de Vitória/ES³⁰, sendo constatado, através da pesquisa, que esse público não é pensado pela maioria desses espaços (de 13, apenas 6) e que ainda há muito para avançar na cidade em relação a esses atendimentos.

Esse fato vai ao encontro de uma demanda reprimida quando nos referimos à formação das/os profissionais que atuam nesses Espaços de Arte, que regularmente não tem a formação necessária para atender a Educação Infantil. Por isso, torna-se premente a necessidade de investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es que são oferecidos nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, de mediação e de ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil.

A maioria dos setores educativos dos Equipamentos Culturais ainda apresentam poucos profissionais com formação e habilitados para trabalhar na área, em que as/os “[...] profissionais são temporários e em sua maioria são estagiários de cursos de artes visuais, contratados por um período de dois anos” (Gabre, 2016, p. 37). São essas/es estagiárias/os que realizam, em sua maioria, as mediações com o público nos Museus, nas Galerias e nos Centros Culturais, e não tendo ainda concluído a formação profissional, ou com pouco tempo de formado, é comum que não haja uma efetivação sólida do setor educativo para realizar esses atendimentos.

Outros fatores que estão mais atrelados ao âmbito escolar dizem respeito ao fato de que, ao proporem esses momentos para as crianças nos Espaços de Arte, a mediação precisa acontecer por parte do/a professor/a anteriormente ou posterior à mediação do/a mediador/a no Equipamento Cultural. Isso se faz necessário pois o/a mediador/a fará uma contextualização sobre o Espaço de Arte, sobre a exposição a ser visitada, sobre a importância de visitar esses espaços, para que as crianças possam entender esse momento como um tempo de aprendizagem fora dos muros escolares e não somente como um passeio.

³⁰ Para saber mais veja Nascimento; Góes (2024).

Outra questão que apontamos é a dificuldade da logística de sair do espaço escolar com as crianças, uma vez que necessitam de transporte, autorizações dos responsáveis, adultos para acompanhar, etc., o que leva muitas/os professoras/es a optarem por não retirar as crianças das Escolas para esse tipo de atividade.

Os Espaços Culturais, por meio de seus setores educativos, muitas vezes acabam adotando abordagens muito escolarizadas, especialmente ao conduzir atividades práticas como oficinas e *workshops*, nas quais a disponibilização de materiais, suportes para produção, técnicas e abordagem da ação vão ser cruciais para a promoção de atividades que vão ao encontro com o que se espera do ensino da Arte na contemporaneidade.

Por fim, destacamos outra situação, não menos importante, a ser cuidada durante essas ações, que é a necessidade de obtenção de um produto final, haja vista a “[...] preocupação do adulto com o produto bem acabado, ‘bonito’, esquecendo-se de que o mais importante para a criança, sobretudo para a criança pequena, é o processo, a experiência vivida” (Gabre, 2019, p. 161). Quando os modelos de ações propostos apresentam aspectos escolarizados, podem confundir-se as iniciativas dos Espaços de Arte com as ações escolares, visto que

[...] há certa escolarização nos museus, e práticas que ocorrem na escola, frequentemente são incorporadas no museu. Santos (1997) ressalta, porém, que “a escolarização do museu seria um equívoco, visto que este deveria procurar promover atividades baseadas em metodologias próprias – um fazer educativo-museológico” (Gabre, 2016, p. 76, grifo da autora).

É necessário que as crianças sintam-se acolhidas, pertencentes ao Equipamento Cultural, e, para além de todas essas problemáticas citadas, para que isso ocorra é essencial que as equipes educativas e os espaços físicos sejam/estejam adequados/preparados para esse acolhimento. Oferta de materiais educativos visuais, interativos e táteis, além da adaptação do espaço físico para que as crianças consigam visualizar as obras e objetos corretamente, podem ser ações que façam com que esse pequeno/grande público possa habitar, sentir-se acolhido e pertencente ao Espaço de Arte, pois:

[...] uma vez que habitamos na medida em que estabelecemos uma relação de pertença e bem-estar no espaço edificado e, por essa relação de intimidade, há o desejo de estar, pois há ali um vínculo afetivo estabelecido. Desse modo, ao habitarmos o museu, o fazemos, não somente no sentido do seu espaço concreto, mas sim, uma vez em que nos sentimos acolhidos nele, e deciframos os códigos visuais, verbais, sensoriais, entre outros, presentes ali (Gabre, 2021, p. 22).

Por fim, inferimos que somente quando essas questões forem compreendidas e sanadas, e que as instituições culturais reconheçam o potencial das crianças da Educação Infantil para participar ativamente de suas ações educativas, aproveitando e reinterpretando os espaços e obras ali presentes, é que realmente haverá um acolhimento afetivo e efetivo desse público.

Tendo em vista tudo o que foi explicitado sobre as formações, as colaborações e as crianças nos Equipamentos culturais, o próximo capítulo abordará as formações das quais foram extraídos os dados desta pesquisa. Serão destacados os Espaços de Arte onde ocorreram as exposições, além das formações realizadas para docentes e mediadoras/es desses locais. Também serão apresentados os materiais educativos oferecidos e haverá uma discussão com as/os autoras/es que fundamentaram nossa base teórica.

5



**FORMAÇÕES PARA PROFESSORAS/ES E MEDIADORAS/ES
NAS EXPOSIÇÕES FIAR, O INQUILINO, FRATURA E
DE ONDE SURGEM OS SONHOS**

As exposições e Equipamentos Culturais elencados para a pesquisa de campo e, conseqüentemente, para a análise de dados sobre as formações para professoras/es e mediadoras/es³¹, aconteceu em Espaços Culturais da cidade de Vitória/ES, nos anos de 2023 e início de 2024, que estavam com exposições em cartaz e que tinham em seus cronogramas as formações para professoras/es³². Cada Espaço de Arte, a cada exposição, realiza modelos formativos diferentes. Para este trabalho, analisaremos as 4 exposições que ocorreram em 3 Equipamentos Culturais heterogêneos, nos quais observamos as distinções que serão abordadas a seguir.

Além de modelos formativos diferentes, os espaços pesquisados também apresentam várias nuances em suas funções e organizações. Em Vitória/ES, assim como em outras localidades do Brasil, existem poucos Equipamentos Culturais, e muitos ainda não oferecem essas formações para professoras/es, e nem a formação específica para mediadoras/es, e, por isso, a escolha deles foi em virtude do cronograma de formações que estavam acontecendo ou que aconteceriam na cidade durante a pesquisa.

Os três espaços escolhidos foram o Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo (MAES), a Galeria Homero Massena (GHM) e o Museu Vale. A seguir, será apresentada uma explicação detalhada sobre cada um desses espaços, incluindo como os eventos ocorreram e as análises baseadas nos dados produzidos com docentes e mediadoras/es durante as observações em campo. Além disso, serão analisados os materiais educativos disponibilizados para essas exposições.

³¹ Ressaltamos que estamos usando o termo mediadoras/es para abarcar todas/os as/os trabalhadoras/es que atuam nos setores educativos dos Equipamentos culturais, apesar do Museu Vale designar suas/seus trabalhadoras/es como educadoras/es. Isso ocorre porque, no setor educativo, além de profissionais formadas/os em Artes, o grupo inclui também graduadas/os em outras áreas, como História e Pedagogia, que realizam a mediação das exposições.

³² O termo "Formação para professoras/es" refere-se às atividades de formação que ocorrem nos Espaços Culturais da cidade. No entanto, essa nomenclatura é usada pelos próprios espaços e não se limita apenas a professoras/es. Além deles, também participam estudantes de cursos de Artes, educadoras/es de outros Espaços Culturais e outras pessoas interessadas.

O primeiro espaço observado, durante a formação para professoras/es, foi o MAES, que é um espaço público gerido pelo Governo do Estado do Espírito Santo, pertencente à Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). Localizado no Centro da capital do estado, Vitória/ES, o Museu existe desde o ano de 1998, porém ficou fechado vários anos para reformas e foi reaberto em dezembro de 2020.

O MAES (Imagem 3) possui um vasto acervo que integra o patrimônio artístico do estado, em que obras de grandes artistas são salvaguardadas, como obras das/os artistas Raphael Samú, Dionísio Del Santo, Nice Nascimento Avanza, dentre outras/os. Seu acervo totaliza mais de 600 peças entre pinturas, gravuras, desenhos e esculturas. O Museu ainda faz um trabalho de catalogação, documentação e divulgação de obras e artistas capixabas.

Nesse espaço aconteceram duas das quatro exposições investigadas nessa pesquisa e, nesse momento, abordaremos a exposição *Fiar*, que foi a primeira a ser investigada e, no próximo subcapítulo, a exposição *O Inquilino*.

A exposição *Fiar* (Imagem 4), do artista capixaba Rick Rodrigues, com recurso advindo do Funcultura³³, iniciou-se no dia 1º de setembro de 2023 e ficou em cartaz até o dia 26 de novembro de 2023, apresentando diversas obras produzidas ao longo dos anos de carreira do artista. Com obras que perpassam o bordado, os fios, as linhas e seus diversos atravessamentos, a exposição apresenta uma visão sensível da vida, das obras e dos afetos do artista.

³³ Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo - FUNCULTURA (Lei Complementar nº 458 de 21/10/2008), que existe desde 2009 e financia atividades culturais no estado.



Imagem 3 - Museu de Arte do Espírito Santo.

Fonte: da autora, 2024.

Imagem 4 - Vista da exposição *Fiar*.



Fonte: disponibilizado pelo artista.

A formação para professoras/es da exposição *Fiar* (Imagens 5 e 6), ocorreu nos dias 13 e 14 de setembro de 2023, e foram ofertadas 100 vagas em 2 dias, pela manhã das 9 às 12 horas, e a tarde das 14 às 17 horas. Dessa formação participaram professoras/es da Educação Básica da Grande Vitória, estudantes de Artes Visuais e Plásticas da Ufes e pessoas que trabalham com Arte em espaços não formais de educação.

Quem ministrou a formação foi o próprio artista Rick Rodrigues. Ele iniciou realizando uma visita mediada com as/os participantes, comentando sobre as obras, as técnicas, as motivações, respondendo a questionamentos, etc. No momento seguinte, as/os participantes concentraram-se em uma sala e o artista entregou o material educativo (Imagem 7), composto por um envelope contendo um folder com o texto curatorial, informações sobre o artista, sugestões de possíveis atividades a serem desenvolvidas em sala de aula pelas/os professoras/es e um papel pardo tamanho A5 de gramatura 180g.

As/os participantes foram convidadas/os pelo artista a bordarem no papel pardo o ponto atrás, que é o ponto mais utilizado pelo artista em seus trabalhos. Com o papel disponibilizado dentro do material educativo e com as agulhas e linhas, as/os participantes foram instruídas/os a escreverem uma palavra que fosse afetiva para cada um/a, e assim o artista ensinou o ponto atrás, indicando que, inicialmente, é preciso desenhar, perfurar o papel com a agulha, para depois passar a linha pelos pontos perfurados, explicando cada etapa, para que as/os participantes pudessem experienciar o bordado durante a formação de professoras/es. Depois o artista convidou todo o grupo para uma dinâmica, na qual cada um/a mostrava sua palavra e interligava seu bordado com o do outro.

Durante a conversa também foi utilizado uma apresentação de *Power Point*, no qual o artista foi dialogando sobre algumas estratégias para trabalhar o bordado nas Escolas, com o uso de materiais comuns nesses espaços, como grade de metal, sacolas, panos, linhas, etc, mostrando suportes e formas de bordar possíveis para serem efetivadas em sala de aula e no espaço escolar.



Imagem 5 - Formação para professoras/es na exposição *Fiar*.

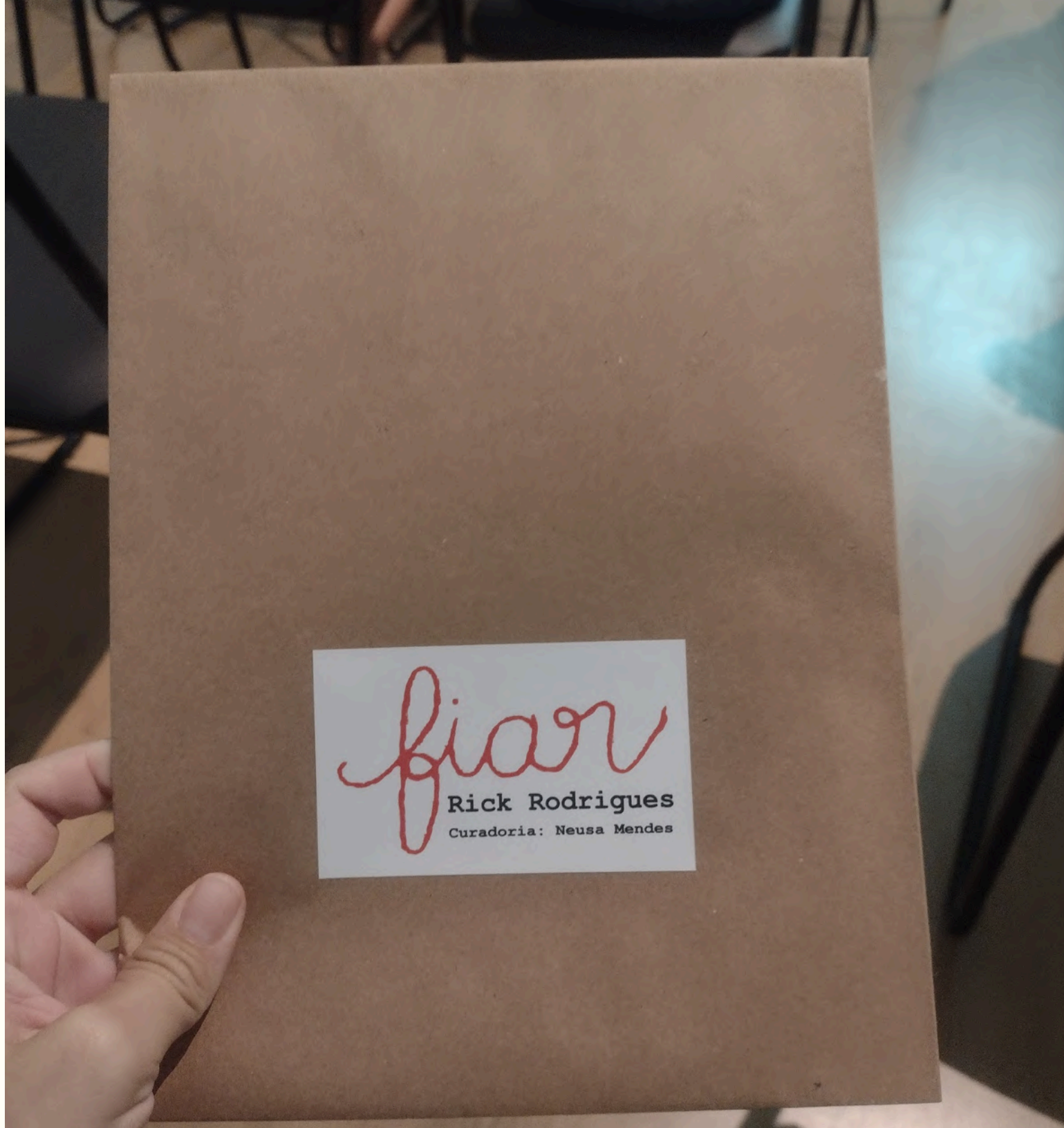
Fonte: da autora, 2023.

Imagem 6 - Formação para professoras/es na exposição *Fiar*.



Fonte: da autora, 2023.

Imagem 7 - Material educativo *Fiar*.



Fonte: da autora, 2023.

Em relação ao material educativo oferecido pelo artista e as propostas apresentadas durante a formação, estes eram possíveis de serem trabalhados com as diversas etapas da Educação Básica. O artista ainda explicitou no próprio material educativo *Variações para Educação Infantil e outras* (Imagem 8), demonstrando uma evidente e respeitosa preocupação com esse público, frequentemente negligenciado em outros educativos e materiais oferecidos as/os docentes. Essa questão é ressaltada por Carvalho (2007, p. 16), ao afirmar que “[...] o quanto esse segmento continua excluído de alguns campos, como o da área cultural”.

Muitos desses materiais ainda não consideram as necessidades específicas da Educação Infantil, como o brincar, a ludicidade e a exploração sensorial. Além disso, as propostas apresentadas em formato de *Power Point* eram facilmente aplicáveis às crianças pequenas e bem pequenas, promovendo uma abordagem prática e acessível. O artista também forneceu ao Museu uma grade estruturada para a realização de um bordado em grande escala durante as mediações, enriquecendo as possibilidades de interação e engajamento nas visitas educativas para crianças. Esse dispositivo foi utilizado na mediação analisada com a turma de Educação Infantil que visitou a exposição e foi acompanhada para a obtenção dos dados, que será exposto mais adiante.

Essa mesma grade, ao final da formação, foi utilizada pelo grupo de professoras/es que puderam experimentar um suporte diferente, realizando um bordado em um suporte macro (Imagens 9 e 10).

BORDADO COMO LINGUAGEM DE AFETO, O PONTO ATRÁS:

Há oito anos, Rick Rodrigues incorporou o bordado em sua produção artística. Há bordadeiras em sua família, no entanto, a missiva do ponto atrás, principal ponto utilizado pelo artista, foi passada por seu irmão mais velho, Zenas, quando o mais novo o observava costurar um pedaço de couro no sítio de seu avô Amélio, em Alto Piabas (Ibiraçu/ES). Ainda pentelho, o artista aprendeu a costurar roupas de bonecas e, hoje, o bordado é o principal meio pelo qual Rick se expressa.

A exposição "fiar" é composta por muitos itens, no entanto, tornou-se uma celebração do bordado na trajetória do artista. Ele sempre frisa que, através desse ofício, alcançou espaços e grupos que antes eram inimagináveis para um menino do interior do Espírito Santo, mais especificamente, do morro Crubixá.

No Museu de Artes do Espírito Santo Dionísio Del Santo, o artista expõe mais de duzentos bordados, variados objetos de madeira, miniaturas, romances, agulhas, brinquedos e instalações interativas. Boa parte desse acervo foi construído com um dos pontos mais comuns no bordado tradicional. Como ponto atrás Rick costura lenços, papéis variados, papelões, metais, sacolas plásticas, caixas de fósforo e caixas e embalagens de remédios.

Nesse recorte curatorial, foram selecionadas 50 obras da série [...] talvez um dia ainda seja possível (2020), composta por caixas de remédios bordadas com palavras (verbos), frases (pensamentos e divagações), passarinhos e rosas. Diferente dos tecidos, os papéis não possuem tramas; para costurá-los é necessário furar cada com algum objeto pontiagudo (agulha, prego, lápis, palito de dente ou de churrasco etc.).

INSTRUÇÕES DA ATIVIDADE:

1. No meio do papel em branco, com o lápis, desenhe uma palavra de importante significado para você;
2. Agora ligue as linhas do início e fim da palavra, até as extremidades do papel;
3. Com as instruções do educador e artista sobre o ponto atrás, comece a bordar. Primeiro crie a trama furando o papel com a agulha e depois inicie a costura da palavra.
4. A atividade será finalizada com uma dinâmica que juntará todos os bordados resultando em uma grande obra coletiva. Sua junção é dada pela afinidade de cada bordado e construída como peças de dominó.

MATERIAIS SUGERIDOS:

Papéis cartão, cartolina, papelão, bandeja de frios (isopor) ou tecido, lápis, agulhas, linhas, tesouras e fita adesiva.

Variação para educação infantil e outras: com turmas que não conseguem manusear agulhas, pode-se usar a estratégia do cadarço. Fura-se o papel com o próprio lápis de escrever, com uma fita adesiva envolva uma das pontas da linha ou barbante para ficar rígida e borda-se o papel com o ponto aprendido.

Pronto! Você pode bordar qualquer superfície a partir de agora.

Imagens 9 e 10 - Grade disponibilizada pelo artista.



Fonte: da autora, 2023.

Nessa formação, ao todo, participaram cerca de 60 pessoas, incluindo professoras/es, estudantes de Artes e educadoras/es de Arte em espaços não formais. Realizamos a produção dos dados através de questionários aplicados às/aos docentes nessa formação, que podem ser observados na Imagem abaixo (Imagem 11), no qual participaram 16 professores, sendo 12 da área de Arte (das/os quais 3 lecionavam Arte na Educação Infantil), 1 da área de História e 3 licenciadas em Pedagogia que atuavam na Educação Infantil.

Dentre as perguntas presentes nos questionários, exploramos o modelo formativo ofertado para essa exposição, investigando como funcionou a formação, se ela atende às/aos profissionais da Educação Infantil, se foi de fácil compreensão, se os conteúdos trabalhados podem ser aplicados nas Escolas e se foi disponibilizado material educativo. Algumas das respostas obtidas podem ser observadas a seguir:

Sim, a formação foi bem explicativa e interativa, tentarei aplicar o material na escola (Professor B³⁴).

O modelo dessa formação atende sim aos profissionais da educação, foi de fácil compreensão e pode ser aplicado na escola. O material disponibilizado também é muito interessante, podendo ser utilizado na escola (Professor B).

A meu ver a formação foi muito boa, assim como o material disponibilizado. Eu sempre levo o material para a escola para que as crianças tenham contato e criem memórias em relação aos espaços (Professora T).

Como comentado pelas/os docentes, a formação foi positiva, onde o artista, as temáticas abordadas, a atividade vivenciada e o material educativo estavam em sintonia para melhor atender o/a Professor/a, porém, nem sempre as formações que acontecem são positivas para esse grupo, como comenta uma professora:

A formação foi de fácil compreensão, mas isso ocorreu por conta do artista, mas nem sempre funciona, acredito que o modelo ideal é um arte-educador com o artista (Professora H).

³⁴ Nomes serão suprimidos para resguardar a privacidade das/os entrevistadas/os.

QUESTIONÁRIOS PARA PROFESSORAS/ES PRESENTES NAS FORMAÇÕES

1. NOME:
2. FORMAÇÃO ACADÊMICA:
3. É PROFESSOR/A DA EDUCAÇÃO INFANTIL?
4. É PROFESSOR/A DE ARTES?
5. ESCOLA E SÉRIE QUE ATUA:
6. COSTUMA PARTICIPAR DE FORMAÇÕES PARA PROFESSORAS/ES NOS ESPAÇOS DE ARTE DA CIDADE?
7. VOCÊ ACHA QUE EXISTE UMA COLABORAÇÃO ESCOLA-ESPAÇOS DE ARTE NA REGIÃO DA GRANDE VITÓRIA?
8. COMENTE SOBRE O MODELO FORMATIVO APLICADOS NESTA FORMAÇÃO ESPECÍFICA, É UM MODELO QUE ATENDE AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO? DE FÁCIL COMPREENSÃO? PODE SER APLICADO NA ESCOLA? FOI DISPONIBILIZADO MATERIAL EDUCATIVO? ESSE MATERIAL PODE SER UTILIZADO NA ESCOLA?
9. APÓS AS FORMAÇÕES, VOCÊ COSTUMA TRAZER SUAS TURMAS PARA FAZER UMA VISITA/MEDIAÇÃO NO ESPAÇO DE ARTE?
10. QUANDO TRAZ AS CRIANÇAS/ESTUDANTES PARA A MEDIAÇÃO, FAZ UM TRABALHO CONTEXTUALIZADO ANTERIORMENTE E POSTERIORMENTE À VISITA E UTILIZA O MATERIAL EDUCATIVO QUE FOI DISPONIBILIZADO PELO EQUIPAMENTO CULTURAL?

Esse ponto pode ser considerado como uma crítica importante em relação a algumas formações para professoras/es que ocorrem na cidade, pois muitos espaços ainda apresentam uma separação entre o setor educativo da exposição e o setor curatorial, além de a própria/o artista, que, frequentemente, não participa desses momentos, deixando a cargo do/a Arte educador/a contratado/a a responsabilidade por ministrar essas formações. Esse fator mostra também as relações de poder que existem dentro do próprio Espaço de Arte, na qual a educação muitas vezes é deixada de lado, e para que tivesse essa integração entre as áreas, seria preciso estabelecer uma relação mais horizontalizada como aponta Gabre (2016, p. 48): “[...] Nesse caso deve-se considerar o trabalho compartilhado entre os campos da curadoria, da produção artística centrada na participação e educação, e no trabalho educativo, como possibilidade de atuação a partir da reflexão fundamentada”.

Porém, como vimos na fala da professora que comenta que o modelo mais adequado seria **um Arte educador com o artista** ministrando esse momento, vemos que as/os próprias/os docentes sentem falta dessa integração, dessa relação entre curadorias e artistas, acreditando que a participação dessas/es profissionais poderia contribuir para melhor fruição da exposição no Espaço de Arte. Em relação à exposição, de acordo com as/os mediadoras/es, não houve um momento formativo especialmente para essas/es profissionais, mas sim uma

“[...] conversa com o artista, onde ele explicou umas coisas, e ele acabou explicando também para todos os funcionários do Museu” (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

Nesse caso, a mediadora comenta que o momento aconteceu com o artista, mas ela não considera essa conversa como uma formação. Também cita que as/os funcionárias/os do Museu participaram desse momento, isso porque o MAES apresenta em seu quadro de funcionários que realizam trabalhos de vigilância, mais que o dobro daquelas/es que realizam trabalhos de mediação, e como as/os mediadoras/es não trabalham nos finais de semana, quando o Museu também está aberto para visitação, é comum que essas/es funcionárias/os tenham que dar algumas informações para as/os visitantes, ou tirem as dúvidas que apareçam. Por isso, participam também dessa conversa para estarem a par do que está sendo exposto.

Nesse contexto, Vergès (2023) aponta que as/os vigilantes, geralmente vindas/os de classes marginalizadas, muitas vezes desempenham papéis essenciais, mas são invisibilizados e excluídos das formações culturais.

Embora sejam fundamentais para o funcionamento do espaço, sua função é limitada à vigilância, e elas/es não são vistos como parte ativa na mediação cultural, reforçando a divisão de classe nos Museus. Esse posicionamento do MAES, de incluir as/os vigilantes nesse processo formativo, mostra preocupação na preparação dessas/es profissionais para a interação com o público, e, de certa forma, valoriza-as/os e integra-as/os às dinâmicas culturais do Museu.

Nessa exposição não houve contratação de Arte educador/a ou curador/a educativo, sendo que o artista realizou a elaboração do material educativo e ministrou as formações. Portanto a conversa com o artista, de certo modo, também foi uma conversa com o curador educativo. Porém, esse momento pode não ser visto pelas/os mediadoras/es como um momento formativo, e sim apenas como uma conversa, conforme o comentário de uma mediadora:

“[...] nessa exposição não tive experiência de ter uma formação específica para mediação, só essa conversa e depois a formação para professores que participei também” (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

A fala do/a mediador/a revela que as formações específicas para as/os mediadoras/es do Museu nem sempre são realizadas para cada exposição. Isso pode causar insegurança às/aos profissionais durante a mediação com os públicos, pois, sem conhecimento sobre o conteúdo da exposição, fica difícil desempenhar a função de forma eficaz. Esses momentos formativos, para além do que está sendo exposto, também seriam essenciais para a discussão de estratégias mediativas para os diversos públicos que frequentam a exposição, deixando o/a mediador/a mais qualificado para o atendimento destes.

Também foi constatado a partir dos relatos das/os mediadoras/es, que se não houve uma formação para a exposição, tampouco houve uma formação específica sobre como abordar os diversos públicos durante as mediações culturais. Essa carência irá manifestar-se nas mediações analisadas posteriormente, uma vez que a formação específica para públicos diversos poderia ter dado mais condições ao/a mediador/a de conduzir essas interações. Esse aspecto será analisado mais adiante, quando forem apresentadas as mediações realizadas com as crianças na exposição *Fiar*.

Outra exposição analisada no MAES foi a exposição *O Inquilino*. Embora tenha sido a última das exposições para a qual foram produzidos os dados em campo, está listada em segundo lugar, logo após a exposição *Fiar*, porque ambas ocorreram no mesmo Equipamento Cultural.

O inquilino, do artista Júlio Tigre (Imagem 12), exposição financiada com recursos provenientes do Funcultura, teve abertura em 20 de março de 2024 e término em 26 de maio do mesmo ano. A mostra traz uma série de objetos, instalações, esculturas, fotografias e vídeos que expressam as relações de espacialidade e ocupações urbanas, retrospectiva de projetos do artista com edições em 2005, 2006 e 2010, em que Júlio Tigre ocupava, com suas obras, residências fechadas ou inativas.

A formação para professoras/es da exposição *O Inquilino*, aconteceu nos dias 3 e 4 de abril e foi ofertada em 4 horários diferentes para melhor atender a todas/os. Foi ministrada por uma Arte Educadora, que iniciou a formação contando sobre sua experiência com uma obra do artista, quando ela ainda era criança e visitou um Espaço Cultural da cidade, e depois, suas percepções quando estava na graduação e Júlio Tigre foi seu professor na Universidade Federal do Espírito Santo.

A Arte educadora ainda abordou alguns dos temas trabalhados pelo artista na exposição, como repetição, interação com o público visitante, fauna, flora, ambiente, limites, espaços, minimalismo, etc., abrindo diálogos com os presentes na formação. Apresentou ainda alguns trabalhos do artista que não estavam expostos na mostra e um vídeo do artista narrando alguns de seus trabalhos.

O próximo momento foi realizado juntamente com a Arte educadora, em que todas/os visitaram a exposição e foram instigadas/os a olhar as obras e as temáticas que foram assunto da conversa anterior. Por último, foi entregue o material educativo (Imagem 13) e conversado sobre as propostas presentes nele, ressaltando as diferentes formas de trabalhar a exposição e suas temáticas na escola.

Imagem 12 - Exposição *O Inquilino*.



"[...] habitar é estabelecer uma relação para além do uso [...]" JULIO TIGRE

Na exposição *O INQUILINO – 4ª edição – A casa é o Museu* entramos em contato com questões que envolvem dicotomias como público/privado e externo/interno. Como proposta educativa, este material será dedicado a propor formas sensíveis de compreender como nosso entorno nos afeta desde questões arquitetônicas da ordem do público ou externo até reflexões que atravessam o conceito de memória e o que pode pertencer ao privado ou interno.

Por esta razão, as atividades propostas possuem uma ordem a ser seguida que evocam uma série de experiências específicas com a finalidade de levar, cada vez mais, quem as realiza a fazer um movimento de observação do externo até o interno que é a própria consciência. Da mesma forma que o projeto *O INQUILINO* possui quatro edições, aqui teremos quatro movimentos começando pelo de número quatro e terminando no de número um, justamente para nos lembrar de que a ação parte de fora, do plural em direção à unidade de si mesmo.

O principal objetivo dessa sequência de atividades que estamos chamando de *Estratégias para se habitar* é sensibilizar quem as realiza para a forma como somos afetados pelos espaços e pela paisagem urbana que a rotina e o cotidiano nos fazem negligenciar. Estar sensível a isso nos ajuda a compreender quem somos e como podemos habitar. *Estratégias para se habitar* reside na ideia de compreender a si mesmo para nos tornarmos mais atentos a paisagem urbana que está em constante transformação, mas também nos transformando constantemente.

Estratégia 4: Mapa de coisas desimportantes

Esta etapa é uma atividade coletiva para ser realizada em sala de aula. A proposta consiste em reproduzir um mapa do entorno da escola em um papel grande (como kraft ou cartolina). Com o mapa pronto, o grupo deverá incluir no mapa coisas consideradas desimportantes como: uma tampa de bueiro, uma calçada quebrada etc. Esse exercício pode ser difícil, mas a ideia é realmente mostrar como estamos pouco atentos às paisagens cotidianas. O mapa poderá ser colocado na parede e preenchido à medida que os alunos passem a descobrir novas coisas desinteressantes.

Estratégia 3: Museu das coisas banais

Inspirados pelo verdadeiro *Museu das coisas banais*¹ os alunos deverão compartilhar objetos que, para outras pessoas, podem ser considerados banais, mas que possuem memória e

¹ O Museu das Coisas Banais (MCB) é um projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Criado em 2014, visa, através da criação de um Museu Virtual, preservar e compartilhar as memórias de toda e qualquer pessoa, por meio de seus objetos biográficos, objetos esses que, acompanham a vida dos sujeitos e adquirem valor afetivo. O principal objetivo do MCB é discutir esses objetos, muitas vezes considerados banais, como portadores de memória e passíveis de tornarem-se objetos museológicos. museudascosiasbanais.com.br

estão diretamente ligados à sua memória. Os objetos deverão ser tratados com trabalhos de arte, recebendo uma placa com título e data, enquanto os alunos serão os artistas, uma vez que são os responsáveis por atribuir significado aos objetos. Por fim, deverá ser organizada uma exposição onde cada artista poderá falar sobre sua obra.

Estratégia 2: Desenho narrado

Essa atividade deve ser realizada em duplas. A proposta é simples: um dos participantes irá descrever um cômodo, fachada de prédio ou casa para o outro. O segundo deverá desenhar o que está sendo descrito conforme seu próprio entendimento, no entanto, quem descreve não pode interferir no resultado. Após a conclusão do desenho os participantes podem trocar de função e realiza-la novamente. O exercício é importante para demonstrar que ver e conhecer um lugar é uma experiência que exige a presença emocional e física, nos conectamos a um lugar porque podemos ocupá-lo.

Estratégia 1: Habitar a si mesmo

A última atividade é mais introspectiva e não produz resultados a serem compartilhados. Guiados pela frase *"[...] habitar é estabelecer uma relação para além do uso [...]"* os alunos deverão ser incentivados a pensar o que faz com que eles habitam um lugar e se, de fato, habitam este lugar. No entanto, antes de convidar os alunos a esta reflexão, os educadores devem promover debates, pesquisas e, até mesmo atividades, que os ajudem a compreender o que é habitar e porquê é importante compreendermos isso. Algumas perguntas podem ajudar neste processo:

- O que é um lugar?
- Como podemos habitar um lugar?
- Qual a relação entre memória e espaço?
- Os espaços tem memórias?

Orientações finais

As Estratégias listadas não devem ser realizadas no mesmo dia. A ideia é executar uma em um ou mais dias e paralelamente apresentando e debatendo questões que podem ser relacionadas à exposição ou ao seu contexto. Por exemplo, durante a *Estratégia 3: Museu das coisas banais* pode ser discutido o que é um museu, qual é a função social dos museus, qual é a relação entre museus e memória ou se todos os museus, obrigatoriamente, têm alguma relação com a memória coletiva. Por fim, os educadores também podem orientar os alunos a desenvolverem pesquisas sobre temas como *Patrimônio, Direito à Cidade e Memória Coletiva* ou até mesmo apresentar em sala de aula materiais que abordem estes temas durante o desenvolvimento das atividades.

Karenn Amorim
Arte-educadora

Embora o material incluísse algumas propostas que poderiam ser adaptadas para crianças da Educação Infantil, nota-se que, ao contrário da formação anterior, que o artista preocupou-se em apresentar propostas específicas para esse público, neste material e formação, essa questão não foi abordada. Assim, ficaria a cargo das/os docentes adaptar os temas para trabalhar com as crianças na sala de atividades. Além disso, algumas das propostas e abordagens incluídas no material apresentavam conceitos complexos, que poderiam ser difíceis de abordar nas salas de Educação Infantil.

Essa falta de visão pelas especificidades da Educação Infantil não apenas torna o uso do material inacessível, mas também pode, de certo modo, afastar professoras/es desse segmento dos Espaços Culturais. Conforme Carvalho (2007, p. 8) relata em seu estudo, essa exclusão é comumente vivenciada pelas/os docentes, que dizem que: “[...] A sensação era de que representávamos, juntamente com as crianças, visitantes indesejados”.

Esse tipo de experiência demonstra como a ausência de um planejamento e de materiais que contemplem as necessidades das crianças pequenas só não compromete a inclusão delas, mas também desmotiva professoras/es a levarem as crianças para esses espaços. Além disso, essa lacuna pode afastá-las/os das formações oferecidas, pois percebem que ao não contemplarem as crianças pequenas, esses programas também deixam de considerar as particularidades e demandas do trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil.

Nessa formação, durante os 4 horários disponibilizados, nenhum/a professor/a compareceu, sendo que todos os momentos tinham poucas pessoas e apenas estudantes dos cursos de Artes e educadoras/es de outros Espaços Culturais. Por isso, não foi possível realizar a produção de dados a partir dos questionários e a análise das percepções das/os docentes acerca desse momento formativo. Essa falta de presença das/os professoras/es nas formações que seriam destinadas a elas/es, mostra que nem sempre esses momentos englobam tais profissionais, que, frequentemente, apresentam dificuldades em participar.

É essencial destacar a “[...] importância de trazeremos arte e estética como elementos fundamentais para a

docência” (Loponte, 2013, p. 9), pois a formação continuada em Arte poderia fornecer às/aos docentes instrumentos valiosos para enriquecer suas práticas pedagógicas, porém a falta na formação pode ter sido uma oportunidade perdida para essas interações com a Arte.

No período que ocorreu a formação dessa exposição também estava acontecendo, ou tinha ocorrido recentemente, muitas outras formações em outros espaços, o que pode ter gerado uma certa saturação para aquelas/es que sempre participam desses momentos nos Equipamentos Culturais da cidade, provocando um esvaziamento dessa formação em específico.

Analisaremos sobre a formação de mediadoras/es, que segundo relato de um/a mediador/a, não houve uma conversa com o artista da exposição e nem mesmo com a Arte educadora contratada para a elaboração do educativo, sendo que:

“[...] nessa exposição não teve nem conversa com artista; a gente só participou da formação que aconteceu para professores, que também não teve muito público” (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

Essa falta de formação para as/os mediadoras/es no MAES pode se dar, tanto pela falta de um setor educativo no Museu, quanto por parte das/os Arte educadoras/es que não veem a formação da/o mediador/a como relevante nesse processo. Ressaltamos também que, devido aos editais não obrigarem os proponentes das exposições a executarem essas formações, frequentemente esses momentos não acontecem, ou utilizam as formações obrigatórias para professoras/es para formar também as/os mediadoras/es.

Como o prêmio para a realização de exposição nesses espaços através de editais são relativamente pequenos, se considerarmos todos os gastos que existem em uma exposição, as/os proponentes costumam realizar apenas as ações que são obrigatórias, e como a formação para mediadoras/es não está dentre essas exigências, acaba por vezes sendo deixada de lado.

A Galeria Homero Massena (GHM) (Imagem 14), também localizada no centro da cidade de Vitória/ES e gerida pelo Governo do Estado do Espírito Santo, por intermédio da Secult, é uma Galeria pública, foi fundada no ano de 1977, e tem seu trabalho voltado para as áreas da produção artística, da pesquisa em Arte e em Arte/Educação. A GHM recebeu esse nome em homenagem ao importante artista capixaba, como forma de preservar e difundir seu legado artístico para as gerações futuras. A Galeria ainda conta com um acervo que abriga cerca de 365 obras, e é um importante espaço de disseminação de Arte, sempre atenta às experimentações, às múltiplas linguagens, à pesquisa e à divulgação de novos artistas.

Nos dois espaços citados — MAES e GHM — , as exposições de Artes são financiadas pelas leis de incentivo cultural, como fundos advindos do Funcultura, no qual os proponentes são obrigados a ofertar formações para professoras/es e materiais educativos das exposições. Essas ações definidas pelas leis de incentivos e obrigatórias aos proponentes das exposições de Arte da cidade, são essenciais para que seja dada a devida importância à Arte/Educação nos Espaços de Arte, que muitas vezes é deixada de lado pelos Equipamentos Culturais.

Esse contexto vivenciado nos equipamentos da cidade de Vitória/ES, mas presentes em muitos outros espaços do Brasil e do Mundo, demonstra a desvalorização dos Espaços de Arte e também da/o profissional que atua neste campo, pois para além das poucas contratações de mediadoras/es e Arte educadores/as na cidade, ainda é observada a questão do desvio de função das/os gestoras/es culturais, que precisam assumir diversas tarefas, atuando além da gestão, como no educativo, nas mediações, etc.

Destacamos também a sobrecarga do/a mediador/a, que frequentemente realiza a mediação sozinha/o, mesmo quando existem grandes quantidades de visitantes, como é comum no atendimento às Escolas. Precisam, ainda, definir as estratégias de mediação que serão utilizadas para os diversos públicos, sendo que muitas/os ainda estão em processo de formação profissional e não apresentam muita experiência.

A exposição *Fratura*, da artista e pesquisadora Geisa da Silva, realizada na GHM, com início dia 12 de setembro de 2023 e término dia 18 de novembro, financiada pelo Funcultura, trouxe como reflexão o silenciamento de mulheres através do cruzamento de palavras e histórias no espaço expositivo (Imagem 15).

Imagem 14 - Fachada da
Galeria Homero
Massena.



Fonte: da autora, 2024.

Imagem 15 - Exposição *Fratura*.



Com uma expografia que usa um jogo de luz e sombra para ora encobrir ora mostrar essas histórias invisíveis, a artista dá espaço a esses relatos que com frequência são esquecidas ou silenciadas.

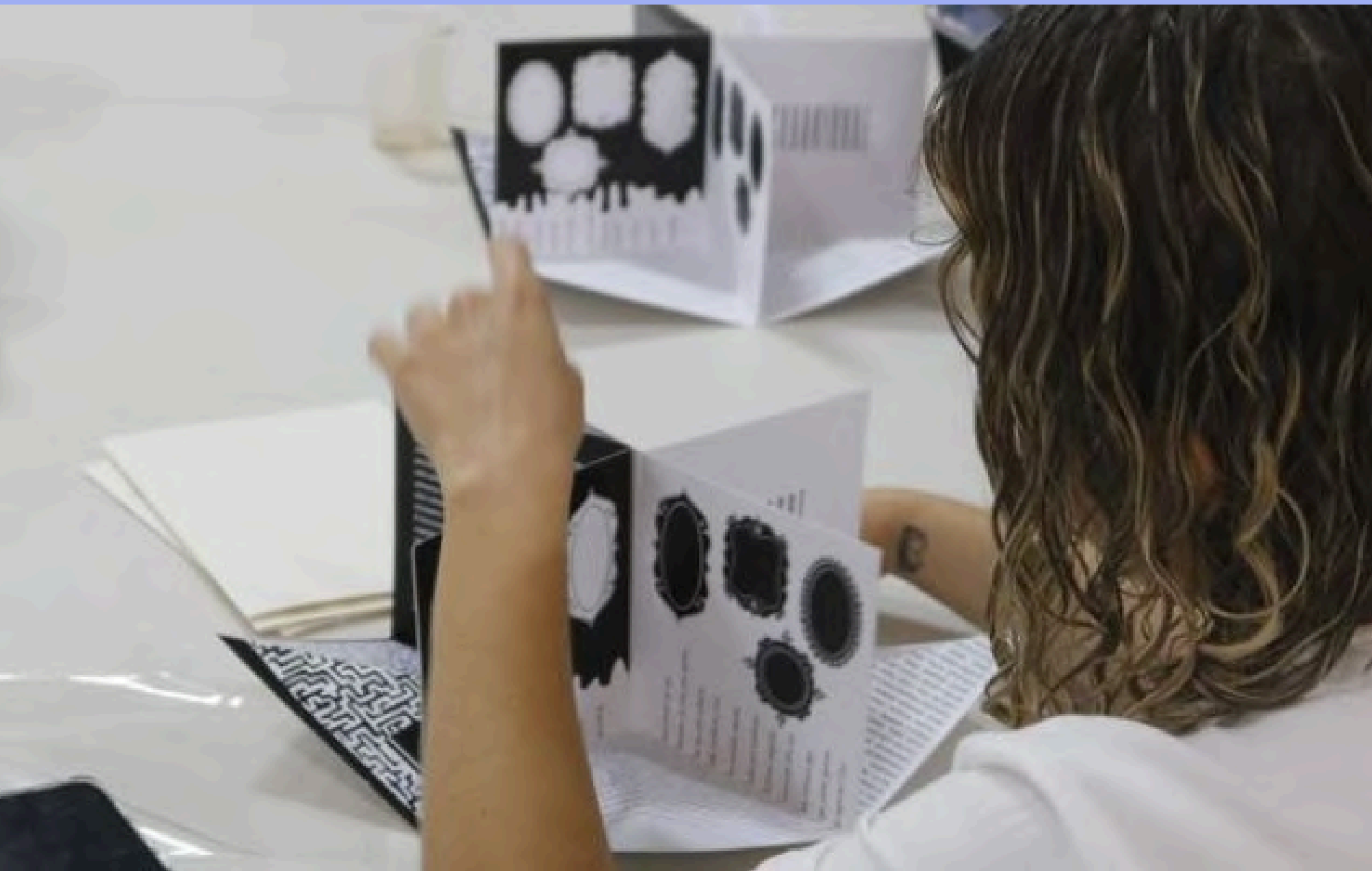
A formação para professoras/es dessa exposição aconteceu nos dias 21 e 23 de setembro, sendo disponibilizado 4 horários diferentes entre os dois dias. O modelo formativo utilizado nessa exposição aconteceu da seguinte maneira: a formação foi ministrada pela Arte educadora da exposição, e contou com participação da artista proponente Geisa Silva. Primeiro foi realizada uma breve conversa sobre a formação com as/os participantes e depois todas/os foram para o espaço expositivo para visitar a exposição. Após esse momento, todas/os dirigiram-se novamente para a sala que estava acontecendo o encontro, na qual iniciou-se uma discussão sobre a exposição e os assuntos que a perpassam, sempre interligando os saberes da Arte educadora e da artista com das/os professoras/es participantes.

Como recurso audiovisual foi utilizado um *datashow* em que a Arte educadora apresentava slides com algumas temáticas pertinentes à exposição, em que todas/os, conjuntamente, foram discutindo e debatendo a respeito de algumas propostas a serem trabalhadas na Escola, referentes a exposição e à própria temática. Nesse contexto, foi exposto e discutido o material educativo (Imagem 16), produzido para ser disponibilizado às/aos professoras/es.

Segundo Marandino *et al* (2016, p. 6) “[...] materiais educativos são frutos de adaptações do conhecimento com vistas a possibilitar a compreensão das ideias complexas”. Essa afirmação ressalta a importância de adaptar o conteúdo de maneira que se torne acessível e significativo, permitindo que docentes e crianças/estudantes possam trabalhar com conceitos que, à primeira vista, podem parecer desafiadores, assim como as temáticas apresentadas na exposição *Fratura*, fortalecendo assim a relação entre a prática pedagógica e as experiências artístico culturais.

O material educativo continha um *design* elaborado que mostrava algumas temáticas da exposição, na qual a própria dobradura do material remetia a quartos, ou ambientes domésticos, e continha textos e proposições

Imagem 16 - Material educativo da exposição *Fratura*.



abertas que poderiam ser desenvolvidas pelas/os professoras/es nas Escolas. Elaborado pela Arte educadora, o material convida a explorar as temáticas da mostra e a refletir sobre como essas questões se manifestam tanto na exposição quanto no cotidiano, com foco nas narrativas e diálogos de mulheres. O texto dirigido às/aos docentes destaca que as propostas são flexíveis, permitindo adaptações para diferentes contextos em sala de aula.

Embora a exposição aborde temas complexos, como a violência doméstica, que podem ser desafiadores de trabalhar com crianças pequenas, o material educativo e as propostas foram cuidadosamente elaborados para permitir a abordagem desses assuntos de maneira sensível e acessível, que também poderia abranger as turmas de Educação Infantil, pois as crianças não estão alheias a esse tipo de violência. Muitas vezes as crianças chegam às escolas com histórias de violência doméstica, portanto compreendemos que ter um material lúdico pode facilitar a mediação com as crianças diante desses momentos específicos.

Também foi realizada a produção de dados nessa formação. As/os professoras/es presentes responderam aos questionários, totalizando 6 docentes, incluindo 3 professoras/es de Arte, um docente do ensino superior, uma professora de História e uma pedagoga. Aqui ressaltamos o fato de que não houve nenhum/a professor/a da Educação Infantil e que o público que frequentou essa formação foi de pessoas diferentes das primeiras formações.

Nesses questionários as/os professoras/es responderam sobre esse momento formativo, relatando que:

O modelo aplicado nessa formação é de grande valia para os profissionais da educação. O material pode ser aplicado com toda certeza em espaços escolares (Professor/a I).

Sim, as discussões foram enriquecedoras e o material educativo tem grande potencial para abrir conversas em sala de aula, podendo ser aplicado de diferentes formas (Professor/a V).

Fantástica! Gostei muito que quem deu a formação foi a arte educadora e a artista. Foi disponibilizado um ótimo material educativo e várias dicas foram sugeridas" (Professor/a R).

Esses relatos mostram que a formação foi considerada funcional para aquelas/es que participaram, e o material educativo foi citado em muitos relatos, demonstrando que as/os professoras/es estavam satisfeitas/os com as propostas. Apesar de nessa formação terem participado poucas/os professoras/es, ficou evidente que a Arte educadora e a artista deram muita ênfase para o educativo, através de suas propostas e até mesmo pelo conteúdo e design do material, que foi elogiado pelas/os docentes.

Conforme Gohn (2006, p. 29) ressalta, a educação não formal “[...] socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento”. Trata-se do processo de socialização dos sujeitos. Essa perspectiva é refletida nas experiências compartilhadas pelas/os professoras/es, que destacam a importância do momento formativo no Espaço de Arte, em suas práticas educativas. Assim, a formação não apenas ofereceu um espaço de aprendizado, mas também contribuiu para a socialização e o desenvolvimento profissional das/os docentes.

Importante ressaltar que essa associação entre artista e Arte educadora foi apontada por uma professora no questionário da exposição *Fiar*, como sendo o modelo ideal de formação, como também é comentado pela professora R, que diz que gostou da parceria entre as duas para a realização da formação. A importância desse modelo horizontalizado e coparticipativo na qual se faz presente a parceria entre o setor educativo e a artista é notória, e gera nas/os professoras essa sensação de melhor aproveitamento da formação e das informações passadas, pois unindo os saberes da Arte educadora com os da artista, a formação torna-se mais completa.

Nessa exposição houve um momento destinado à formação de mediadoras/es e trabalhadoras/es da Galeria e que, de acordo com a mediadora, os editais de Artes Visuais das exposições:

[...] exigem que seja realizado um treinamento com a equipe da Galeria, onde sempre é o mediador que é o foco, só que o treinamento acontece para todo mundo, porque todo mundo precisa saber como vai funcionar a exposição (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

Essa formação para mediadoras/es e trabalhadoras/es da Galeria também foi ministrada pela Arte educadora da exposição em parceria com a artista proponente, em que foram trabalhadas a temática da exposição e como abordá-las dentro do espaço expositivo, como comenta uma funcionária da Galeria:

E aí, a proposta é um pouco parecida com o que foi para a formação de professores, só que o da mediadora foi um pouco mais específico, porque ela não ia trabalhar simplesmente a obra dentro de outros contextos, ela ia trabalhar a obra dentro da galeria. Então, tinha algumas especificidades que foram as sugestões de como abordar os temas, no sentido de aqui, dentro do espaço (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

Diferente de como aconteceu na primeira exposição, esta, por ter contratado uma Arte educadora, que preparou as propostas e o material educativo, bem como realizou as formações juntamente com a artista, talvez pode ter sido considerada pela mediadora e pelas/os funcionários, um momento formativo mais funcional do que no modo como ocorreu no MAES, no qual o artista realizou todas as atividades. Não estamos defendendo aqui, que um/a artista não tenha o potencial para realizar o educativo de sua própria exposição, estamos tentando compreender os dados que nos revelam sobre esse processo.

No entanto, assim como numa exposição é necessário contar com profissionais capacitados para pintura do espaço, transporte, montagem, produção, etc., o setor educativo também precisa ser pensado com esse mesmo grau de qualificação. Para isso, a contratação de um/a Arte educador/a ou Curador/a educativa ou pedagógica/o é essencial para uma melhor promoção do educativo da exposição dentro do Equipamento Cultural, assim como ocorreu nessa exposição na GHM.

O Museu Vale, terceiro equipamento pesquisado, foi inaugurado em 15 de outubro de 1998, com incentivo da Lei Rouanet e com a parceria entre a Companhia Vale do Rio Doce e o Banco Real. Anteriormente o Museu ficava localizado no município de Vila Velha, estado do Espírito Santo, às margens da Baía de Vitória, e contava com um Galpão de Arte Contemporânea em sua estrutura, com espaço expositivo de 700m², que era destinado a abrigar mostras de Artes Plásticas. Várias/os artistas nacionais e internacionais expuseram neste galpão, incluindo Cindy Sherman, Joseph Beuys, Lygia Clark, Carlos Vergara, entre outras/os.

O Museu Vale, por se tratar de um Museu privado, ou seja, com verbas que não são provenientes do Poder Público, mesmo possuindo investimentos oriundos de fundos de incentivo à cultura, consegue ter uma maior efetivação do setor educativo, que existe desde o ano de 1998, no qual atuam educadoras/es que são contratadas/os pelo Instituto Cultural Vale, gestor do Museu.

Esse educativo consegue promover várias ações de Arte/Educação em exposições viabilizadas pelo Museu, incluindo a realização de formações para professoras/es e programas de parcerias com Escolas. Este Museu possui educadoras/es fixos, e ainda contrata outras/os educadoras/es de forma temporária, quando acontecem grandes exposições, para melhor atendimento do público.

A última exposição analisada, *De onde surgem os sonhos*, foi uma exposição idealizada pelo Museu Vale e realizada no Espaço Cultural do Palácio Anchieta³⁵ (Imagem 17), com abertura em 17 de outubro de 2023, ficando em cartaz até 28 de janeiro de 2024. A mostra apresentou um recorte da coleção particular de Andréa e Olympio Pereira, expondo a diversidade da produção artística brasileira desde os anos de 1940 até os dias atuais (Imagem 18), com obras de grandes artistas brasileiras/os contemporâneas/os como Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Jaider Esbell, Nuno Ramos, Véio e outras/os. Com curadoria de Vanda Klabin, *De onde surgem os sonhos* é apresentada em comemoração aos 25 anos do Museu Vale.

³⁵ Essa exposição ocorreu em um espaço ilustre da cidade de Vitória, que é o Palácio Anchieta, local que é a sede do poder executivo do estado do Espírito Santo, Brasil.

Imagem 17 – Palácio Anchieta.



Fonte: da autora, 2023.

Imagem 18 – Exposição *De Onde Surgem os Sonhos*.



Fonte: da autora, 2023.

A formação de professores/es realizada para essa exposição aconteceu, primeiramente, nos dois dias subsequentes à abertura da exposição, 18 e 19 de outubro de 2023. Quem ministrou a formação foi uma Arte educadora convidada, que abordou temáticas como colecionismo, Arte Contemporânea brasileira, o conceito de paisagem e as cosmovisões dos povos indígenas e tradicionais brasileiros. Também foram ofertados 4 horários entre os dois dias. A formação teve como propostas a conversa com a Arte educadora, visita à exposição e atividade prática de ateliê, no qual as/os participantes puderam desenvolver uma produção que remetesse ao sonho-paisagem abordado na exposição.

Ainda que essa primeira formação tenha sido ofertada pelo Museu Vale, analisaremos dados de um momento formativo posterior³⁶, que aconteceu para as/os professoras/es de Arte da Prefeitura Municipal de Vila Velha³⁷, no dia 23 de novembro, nos horários da manhã e da tarde, através do programa de formação continuada que é oferecido pela Secretaria do município. O objetivo desse momento foi proporcionar às/aos docentes da disciplina de Artes o contato com o Equipamento Cultural e com a exposição, enriquecendo seus repertórios artísticos e culturais, e assim, aprimorando suas práticas em sala de aula, uma vez que “[...] É necessário ter uma espessura, uma densidade cultural, para que o diálogo com os alunos [crianças] tenha riqueza formativa” (Nóvoa, 2017, p. 1121-1122, acréscimo nosso).

Quem ministrou a formação foram as/os educadoras/es (e mediadoras/es) do Museu Vale, em que participaram 18 professoras/es na parte da manhã e 23 no horário da tarde. A formação teve início com a fala da coordenadora do educativo do Museu Vale, que discorreu sobre a exposição e os temas que a perpassavam, convidando as/os participantes a visitarem a mostra (Imagem 19). Em cada sala as/os mediadoras/es — que também auxiliaram na mediação para as/os professoras/es —, iam conversando e propondo diálogos acerca das temáticas observadas, o que culminou em várias discussões sobre Arte indígena, Arte negra, dificuldades das/os professoras/es em repassarem conteúdos não colonializados devido à pressão social, política, familiar dentre outros.

³⁶ Nos dois momentos de formação, houve grande adesão das/os docentes da Grande Vitória. Isso se deve, como já mencionado, às parcerias de longa data do Museu com professoras/es da região, que costumam participar ativamente das ações promovidas por esse Equipamento Cultural.

³⁷ Vila Velha é uma cidade vizinha da capital do estado, Vitória, e faz parte da região metropolitana da Grande Vitória.



Imagem 19 – Professoras/es visitando a exposição.

Fonte: da autora, 2023.

As temáticas discutidas durante a mediação entre as/os mediadoras/es e as/os professoras/es estão alinhadas com o pensamento de Vergès (2023), que ressalta a importância de transformar os Espaços Culturais em locais de resistência e reimaginação do conhecimento. Segundo Vergès (2023, p. 13-14), esses espaços “[...] não são neutros, mas campos de batalhas ideológicas, políticas e econômicas”. Portanto, é essencial que esses ambientes ultrapassem as narrativas eurocêntricas e promovam diálogos que integrem perspectivas historicamente marginalizadas, como as das culturas indígenas e afro-brasileiras.

Nesse sentido, a mediação vivenciada pode ter se tornado um momento importante para as/os docentes, ao confrontar hierarquias de saberes e desafiar as estruturas coloniais ainda presentes na educação. Vergès (2023) argumenta que promover uma Arte decolonial requer criar condições para que educadoras/es e crianças/estudantes repensem suas relações, questionando verdades impostas e valorizando saberes plurais. Assim, essas discussões geradas durante a mediação não apenas fortalecem o repertório das/os professoras/es, mas também estimulam a construção de práticas pedagógicas que rompam com visões colonizadoras e hegemonicamente estabelecidas, discussões estas que reiteramos, precisam ser engendradas desde a Educação Infantil.

Após a visita e os debates, as/os professoras/es foram convidadas/os a um espaço de ateliê no qual pudessem realizar uma produção remetendo ao sonho-paisagem, que foram abordados na exposição. É comum que iniciativas do Museu Vale, tanto nas formações quanto nas mediações com crianças/estudantes, incluam práticas de ateliê. Nessa experiência, as/os docentes puderam expressar seus sonhos utilizando papel de gramatura grossa e giz pastel. Muitas/os delas/es representaram ou escreveram palavras que remetiam às férias que estavam próximas, mostrando o esgotamento dessas/es profissionais no final do ano, o que foi muito comentado no momento de partilha das produções.

Essa prática de retratar o sonho-paisagem, vivenciada pelas/os docentes, pode ser aplicada com crianças da Educação Infantil, podendo ser adaptada para trabalhar essa temática na Escola. A atividade poderia ser um desdobramento da visita mediada à exposição, permitindo que as crianças, após observarem as obras,

expressassem suas próprias interpretações do conceito. Caso a turma não tenha conseguido visitar a exposição, o/a professor/a ainda poderia apresentar as temáticas e as obras de maneira acessível, introduzindo as discussões e reflexões necessárias para contextualizar a proposta.

Essa formação para professoras/es foi a única, dentre as pesquisadas, em que não houve distribuição de material educativo, nem para a formação que foi ofertada nos mesmos termos dos outros equipamentos, em 4 horários disponíveis, nem na formação que aconteceu para as/os professoras/es de Arte da cidade de Vila Velha/ES.

O Museu Vale não é obrigado a disponibilizar materiais educativos como os outros espaços, pois mesmo que seja incentivado pela Lei Rouanet, esta não possui obrigatoriedade nem de oferta de formação para professoras/es nem de materiais educativos. Assim, diferentemente dos outros Equipamentos Culturais, o Museu Vale oferta as formações como parte de seus programas educativos permanentes.

Na produção de dados dos questionários dessa formação, 10 professoras/es responderam ao questionário, e como se tratava de um programa de formação para as/os docentes de Arte da prefeitura, todas/os presentes lecionavam na área de Arte, e apenas 1 indicou que não dava aulas para a Educação Infantil, as/os outras/os todas/os que participaram eram professoras/es desse segmento da Educação Básica, embora muitas/os lecionassem também no Ensino Fundamental e/ou Médio.

Quando perguntadas/os como foi o momento de formação nessa exposição, as/os docentes relataram que:

De modo geral, é um material possível de ser utilizado nas escolas (Professor/a P).

O modelo da formação é facilmente absorvido, possível de ser replicados nos nossos espaços escolares, atendendo as carências e fomentando soluções, além de ampliar possibilidades (Professor/a Z).

Nesses relatos muitas/os professoras/es citam os materiais oferecidos para a realização da atividade prática, no qual foi ofertado papel paraná e giz pastel, relacionando esses materiais com a possibilidade de aplicação na Escola, como pode ser visto na narrativa da/o professor/a Z:

“Os materiais oferecidos foram papel paraná e giz pastel oleoso; alguns desses materiais podem ser encontrados na escola, porém acredito que o giz seria mais difícil, daria para substituir por giz de cera normal”.

A solução proposta pelo/a professor/a Z, de adaptar os materiais disponíveis na Escola, é eficaz para a replicação de propostas oferecidas pelos Espaços de Arte. O que realmente importa é a temática e o conceito da proposta, permitindo que os materiais sejam ajustados à realidade da Escola e do segmento da Educação Básica. Essa flexibilidade é essencial, pois nem todas as instituições têm acesso aos mesmos recursos. Por isso, é preciso problematizar essa falta de recursos nas Escolas, em contraposição com o vasto recurso de um Museu particular que pode ofertar esses materiais, o foi o que ocorreu nos relatos das/os docentes como é visto na fala da/o professor/a W:

“Atende ao profissional, mas não a realidade da escola. Há escolas que nem lápis de cor de qualidade tem” (Professor/a W).

Além das observações em relação aos materiais, ainda foi possível observar nos relatos que houve uma crítica em relação à abordagem comum empregada na formação, uma vez que

“A proposta realizada com os professores pode ser aplicada na escola, mas não surpreende como nova prática, visto que se assemelha ao habitual” (Professor/a X).

Essa observação do/a professor/a pode ser atribuída à natureza da atividade prática proposta, que envolve o desenho, prática tradicional e habitual no ensino de Arte/Educação. No entanto, é importante destacar que essa atividade pode ser desenvolvida de diversas maneiras pela/o docente em sala de aula. Embora seja necessário problematizar as práticas tradicionais oferecidas pelos Espaços de Arte, também é fundamental reconhecer que essas práticas podem ser adaptadas e reinventadas pelas/os professoras/es.

De modo geral, aquelas/es que responderam à pesquisa consideraram a formação positiva e de fácil aplicação na Escola de Educação Infantil, ainda que os materiais utilizados na atividade desenvolvida sejam um ponto de preocupação.

Em relação à formação das/os mediadoras/es para essa exposição, houve a participação de três grupos distintos: mediadoras/es fixos do Museu, mediadoras/es do Palácio Anchieta (onde a exposição ocorreu) e mediadoras/es contratadas/os temporariamente pelo Museu Vale. A formação destinada para essas/es profissionais precisaria atender às necessidades desses três grupos. No entanto, segundo um mediador do Palácio Anchieta entrevistado em 2024, não houve uma formação específica

Grande parte foi formação interna da equipe mesmo, fomos atrás de pesquisar os artistas e organizando dias para formação. Geralmente formamos grupos e cada um pesquisa parte da exposição e faz uma formação sobre esse conteúdo para o restante da equipe. Tem exposição que recebemos mais material por parte da organização e nessa não recebemos muitos materiais. A curadora apareceu um dia, bem na véspera, deu uma passada geral falando um pouco das obras. A gente já tinha pesquisado e estudado as coisas, e foi só uma passada geral no final do processo. Então, a gente acabou conseguindo abarcar a exposição toda com esses grupos de estudo, entendeu? E o processo de mediação também, mesma ideia (Entrevista realizada em 25 de abril 2024).

Segundo relato, a formação aconteceu mais por uma iniciativa interna da equipe do que por uma ação coordenada do setor educativo do Museu Vale. No entanto, esse relato foi dado por um mediador do Palácio Anchieta, onde o setor educativo é formado por mediadoras/es fixos, com formação na área de Arte. Essas/es profissionais já têm um processo de formação contínua, em que realizam pesquisas, compartilham com a equipe e preparam as mediações para diferentes públicos. Como também participaram da exposição mediadoras/es contratadas/os que não faziam parte do Palácio, é possível que esse grupo tenha se sentido inicialmente deslocado na dinâmica da exposição.

Esse caso de a própria equipe ter esse movimento de pesquisa e de estudo para o educativo/mediação, pode não ocorrer em outros espaços, principalmente se observarmos que os Equipamentos Culturais da cidade apresentam mediadoras/es que são estagiárias/os, ainda em processo de formação, e não tendo a orientação necessária, dificilmente realizarão esse processo de pesquisa e estudo autonomamente.

Dialogamos com esses três espaços, pois eles, nos anos de 2023 e 2024, disponibilizaram dentre suas atividades, formações para professoras/es em suas exposições: *Fiar* e *O Inquilino*, no MAES, *Fratura*, na GHM e *De onde surgem os sonhos*, no Museu Vale, e, posteriormente, analisamos os dados obtidos na observação dessas formações.

Como o objetivo da pesquisa é **investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, que são oferecidas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil**, essas quatro exposições, em três instituições diferentes da cidade, são de suma importância para esta investigação, pois cotejando as três³⁸ vivências distintas é que buscaremos dimensionar como que, de fato, acontecem essas formações nesses espaços da cidade e analisar se elas contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil.

Como foi observado nas explanações anteriores sobre as exposições e momentos formativos, cada um deles apresentou características distintas, influenciadas por fatores como o perfil e a qualificação da pessoa que ministrou os encontros, a oferta de formação para mediadoras/es, e a disponibilidade de materiais educativos, e se esses foram pensados também para as crianças.

Todas as exposições contaram com momentos de formação, embora essas experiências fossem bastante variadas e conduzidas por um grupo heterogêneo de profissionais em cada espaço. A primeira exposição, *Fiar*, foi orientada pela perspectiva do artista, que também atuou como Arte educador. A segunda exposição, *O Inquilino*, contou com diálogos com a Arte educadora contratada. A terceira, *Fratura*, envolveu uma colaboração entre a artista e a Arte educadora. Por fim, a quarta exposição, *De Onde Surgem os Sonhos*, foi conduzida pela coordenadora do educativo do Museu, com contribuições das/dos mediadoras/es.

Em relação à formação dos mediadoras/es, notou-se um déficit em muitos dos espaços. Conforme as/os

³⁸ Das quatro formações pesquisadas, apenas três contaram com a participação de professoras/es que são essenciais para esta pesquisa. Portanto, destacamos somente esses três momentos formativos.

próprias/es trabalhadoras/es dos Equipamentos relataram, ou não houve formação, ou a formação oferecida não foi eficaz. A exceção foi a GHM, que proporcionou uma formação considerada funcional por suas/seus profissionais. Nem todos os Espaços de Arte priorizam a formação específica de suas/seus trabalhadoras/es, e, quando essas formações não ocorrem antes das exposições, muitas/os mediadoras/es ficam inseguros sobre o conteúdo apresentado e como comunicá-lo e mediá-lo junto ao público.

Reconhecemos que o trabalho diário nos Equipamentos Culturais é intenso e que, muitas vezes, não há tempo para realizar momentos de formação. Cristina Carvalho (2007, p. 6-7, acréscimo nosso) cita a fala de coordenadores de um setor educativo que expressam esse desafio: “[...] nós queríamos proporcionar uma formação melhor aos monitores [mediadoras/es], que atendesse à demanda, mas a rapidez e o volume de acontecimentos próprios de um centro cultural dificultam esse processo”.

Entendemos, portanto, que o trabalho da equipe do educativo e das/os mediadoras/es vai além das mediações culturais; ele também envolve estudo e pesquisa, pois é essencial que se apropriem do que está sendo exposto para facilitar as interações com as/os visitantes. Como frequentemente não há a oportunidade de dialogar com a/o artista para esclarecer dúvidas, seria fundamental que os Espaços de Arte oferecessem esses momentos de formação, apesar das dificuldades relacionadas à falta de tempo e à organização interna, isso permitiria que as/os mediadoras/es compreendessem melhor a exposição reverberando no atendimento adequado aos diversos públicos.

Um desses públicos que deveria ser pensado e ter formação adequada para o atendimento seria a Educação Infantil, pois “[...] quem “recebe” precisa estar preparado, conhecer as demandas de cada público, como o infantil” (Carvalho, 2007, p. 17). Porém, se nem mesmo existe essa preocupação em uma formação voltada para as temáticas da exposição e para o público em geral, dificilmente terá um momento onde será pensado o público infantil.

Nos Museus/Galeria pesquisados, como não é previsto a obrigatoriedade dessa formação para mediador/a/educador/a nos editais que determinam as formações para professoras/es, não é sempre que esses momentos acontecem, assim como comenta uma mediadora:

[...] a maioria das exposições que tem aqui no Museu, a gente não tem uma formação específica, geralmente é só uma conversa com o artista antes da exposição abrir, aí a gente só participa da formação de professores para aproveitar as informações (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

Observando os materiais educativos entregues nas exposições, mesmo que somente a exposição *De onde surgem os sonhos* não tenha ofertado esse recurso, é possível perceber que eles apresentam diferentes propostas e *design*, dependendo das mostras e do/a educador/a que propõe. Evidente que os materiais que são de disponibilização obrigatória por parte das exposições em cartaz apresentam recursos diferentes em relação a sua produção, como pode ser percebido nas exposições *Fratura* e *Fiar*, em que foi investido mais recurso financeiro no material, do que na exposição *O inquilino*, em que as propostas foram apenas impressas em folha de papel A4.

Não estamos emitindo juízo de valor, nem dizendo que um material educativo precisa ter um *design* elaborado, ou ser empregado muito dinheiro para sua realização. Estamos destacando detalhes, haja vista que eles refletem, muitas vezes, a importância que é dada para o educativo da exposição pelas/os artistas ou pela produção, pois geralmente os recursos disponíveis são limitados, levando à necessidade de cortes no setor educativo em favor de outras despesas da exposição.

Visto isso, também ressaltamos a importância que essas formações e produção de materiais educativos deram para as crianças da Educação Infantil, nosso foco de pesquisa. Apenas uma exposição, a mostra *Fiar*, apresentou propostas direcionadas especificamente para esse público, com atividades elaboradas pelo artista/Arte educador. Nos outros dois casos, embora os materiais disponibilizados não tenham sido projetados para crianças, poderiam ser adaptados pelos/as docentes, dependendo da iniciativa de cada um/a. Essa situação evidencia que as crianças e, conseqüentemente, as/os professoras/es da infância, não são suficientemente consideradas nesses Espaços de Arte, tanto nas mediações, quanto nos materiais ofertados.

A partir dessas discussões, podemos também problematizar as exposições, as formações e os materiais oferecidos através de uma perspectiva decolonial do Espaço Arte. Essas questões são essenciais para que possamos pensar nos Equipamentos Culturais a partir de um pensamento de descolonização, da desordem absoluta, assim como discute Vergès, na perspectiva de pensarmos um pós-museu para crianças:

Não basta expor obras “decoloniais” (quais seriam os critérios e quem os definiria?), diversificar o que é pendurado nas paredes [...] temos de nos perguntar o que seria um pós-museu, isto é, um espaço de exposição e transmissão que leve em consideração análises críticas de arquitetura e história das artes plásticas (Vergès, 2023, p. 14).

Nesse sentido, surgem importantes questionamentos: as exposições investigadas apresentaram temáticas decoloniais? Quem foram os artistas envolvidos? Eram pessoas racializadas, *queer*, mulheres, etc.? As temáticas das exposições trouxeram contrapontos anticoloniais? As formações abordaram essas questões de alguma forma?

Entre as exposições pesquisadas, destacou-se a mostra *Fratura*, da artista Geisa Silva, que apresentava uma perspectiva decolonial. Além de ser uma mulher artista, Geisa aborda temas decoloniais significativos, como o feminismo e a violência contra grupos marginalizados na sociedade, que também foram amplamente discutidos durante a formação para docentes. Essa exposição se alinha à ideia de Vergès (2023), de que é fundamental não apenas diversificar as obras expostas, mas também refletir sobre os critérios que definem o que é considerado decolonial, promovendo uma análise crítica que questiona as estruturas sociais e históricas existentes.

A exposição *Fiar* adota uma perspectiva decolonial ao destacar um artista homem que utiliza o bordado para discutir questões de gênero e a imposição de papéis associados a ele na sociedade e na Arte. Essa abordagem provoca um questionamento importante sobre as normas tradicionais de gênero, em linha com o que Vergès (2023) discute: a necessidade de refletir criticamente sobre quem ocupa os espaços artísticos e quais narrativas são privilegiadas. Ao trazer essas temáticas, *Fiar* não apenas diversifica a representação, mas também desafia os conceitos estabelecidos dentro do Equipamento Cultural.

A exposição *De onde surgem os sonhos*, por se tratar de uma exposição coletiva de um acervo particular, onde vinham realizando esse movimento de incluir uma perspectiva plural das/os várias/os artistas presentes no Brasil, apresentou uma gama de artistas diversificadas/os, várias mulheres, artistas indígenas e negros, dentre outros, foram englobados nessa exposição. Essa diversidade não apenas enriqueceu a exposição, mas também tornou-se um tema central, abordado nas discussões durante a mediação com as/os professoras/es no momento de formação. Isso está em consonância com o que Vergès (2023) sugere, ao enfatizar a importância de questionar as narrativas dominantes e as relações de poder, com o objetivo de valorizar vozes diversas nas práticas artísticas e educativas dentro do espaço museal³⁹.

A única exposição que não incorporou uma perspectiva decolonial foi *O Inquilino*, em que o artista, um homem branco, apresentou suas obras no espaço expositivo. Nesta mostra, as temáticas abordadas não refletiam uma crítica ou questionamento das estruturas coloniais, o que contrasta com a necessidade de diversificação e inclusão de narrativas diversas, conforme discutido por Vergès (2023). Essa falta de um olhar decolonial evidencia a importância de reconsiderar quem ocupa os espaços expositivos e quais histórias estão sendo contadas na/pela Arte.

Não estamos afirmando que todas as exposições necessitam ser decoloniais e que os Espaços de Arte só podem aceitar proponentes de grupos marginalizados ou que abordem temáticas anticolonialistas. No entanto, ao refletirmos sobre os Museus e Galerias de Arte como espaços possíveis para serem descolonizados, é importante considerar que, como destaca Vergès (2023, p. 16), “[...] O que está mais amplamente em jogo nos movimentos que transformam o museu [...] num terreno de contestação é a possibilidade de sua descolonização”. Isso implica que, mesmo quando uma exposição não apresenta uma perspectiva decolonial, é fundamental questionar as estruturas que moldam o que é exibido e quem é representado nesses espaços, assim como o papel do próprio Equipamento nesse movimento de desordem absoluta. Essa contestação poderia ter surgido na própria mediação, com a equipe de mediadoras/es frente à exposição.

³⁹ Aqui debatemos acerca da decolonialidade apresentada somente na exposição, considerando que o Museu Vale, por ser um espaço vinculado à mineradora Vale, esta, cercado por controvérsias éticas e ambientais, o que acaba refletindo nas ações do Museu.

Explicitado os momentos das formações para docentes, passamos para os questionários aplicados às/aos professoras/es durante as três formações que serão interpretados com base na análise textual discursiva proposta por Moraes e Galiuzzi (2007), utilizando a abordagem da análise por unidade de sentido. Ao todo foram coletados 32 questionários. Dentre as/os docentes que participaram da pesquisa, 25 lecionam na área de Arte, e 13 dessas/es são professoras/es de Arte na Educação Infantil. Importante destacar que as formações contaram com a presença de mais professoras/es além das/os 32 que participaram da investigação, porém algumas/ns não responderam as pesquisas por escolha própria ou porque chegaram atrasadas/os e não houve tempo suficiente.

Os questionários aplicados a essas/es profissionais, continham as mais diversas perguntas, abordando a formação e atuação desse/a professor/a, sobre suas participações nas formações e exposições nos Espaços de Arte da cidade, e sobre como foi o modelo formativo dessa formação específica em que ela/e participou. Segundo Gohn (2015, p. 17), “[...] Os processos de aprendizagem na educação não formal ocorrem a partir da produção de saberes gerados pela vivência”, e a partir dessa vivência com as/os professoras/es nesses espaços de educação não formal é que produzimos os saberes dessa pesquisa conjuntamente com as/os docentes que tiveram essas experiências nesses Equipamentos Culturais.

Uma das perguntas do questionário era se as/os docentes tinham o costume de participar dessas formações que acontecem nos Museus/Galerias/Centros Culturais da cidade. Dentre as respostas obtidas, 26 docentes indicaram que costumavam participar desses momentos, enquanto 6 apontaram que não participavam dessas formações. Uma das entrevistadas justificou sobre sua não participação, indicando que só participava

“[...] daquelas oferecidas pela formação da PMVV. Quando me inscrevi em outra, não consegui a vaga, pois são oferecidas poucas opções” (Professora W, questionário, 2023).

Essas vagas citadas pela professora, se deve ao fato de que as instituições pesquisadas dispõem de vagas limitadas para suas formações, em que as/os interessadas/os precisam se inscrever e aguardar a confirmação se conseguiu a vaga ou não. E, mesmo com o fato de que, como observado acima, alguns desses momentos serem esvaziados, outros, assim como os promovidos pelo Museu Vale, que trazem pessoas formadoras de fora do estado e que são renomadas em suas áreas de atuação, têm suas vagas esgotadas rapidamente, deixando muitas pessoas de fora.

Esse quantitativo de docentes que afirmam que participam dessas formações, mostra que muitas/os reconhecem a importância desses momentos para seu desenvolvimento profissional. Além disso, evidencia que esses espaços têm oferecido experiências significativas para as/os docentes, alinhadas às demandas contemporâneas da educação. Como destaca Nóvoa (2017, p. 1129), "[...] por todo o lado, surgem iniciativas e experiências que abrem novas possibilidades educativas", indicando a relevância de ações formativas que ofertem práticas inovadoras, que desafiem os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem, assim como as disponibilizadas nos Espaços de Arte.

No entanto, as respostas aos questionários revelam que, apesar desse reconhecimento, há divergências quanto à efetividade da colaboração entre as Escolas e os Espaços de Arte da cidade. A seguir, são apresentadas algumas respostas que ilustram diferentes percepções e desafios enfrentados nesse contexto, analisadas por unidades de sentidos. Uma parte significativa das/os docentes aponta para uma ausência ou insuficiência de interação entre as Escolas e os Espaços de Arte da cidade, como expressa o/a Professor/a B:

"Não, acredito que não há interação entre esses espaços" (Professor/a B).

Essa perspectiva é compartilhada por outras/os docentes, que ressaltam obstáculos estruturais para que essa parceria se consolide. O/a Professor/a C destaca a resistência dos Espaços Culturais em se abrirem para uma colaboração mais ativa:

“Ainda existe muita resistência por parte dos espaços para que haja essa colaboração, mas cabe a nós professores fazer esses elos entre arte, espaço-formação e escola” (Professor/a C).

Essa resposta sugere que o/a professor/a tem um papel fundamental no fortalecimento dessas conexões entre os dois espaços, mesmo diante de dificuldades institucionais e outras que possam surgir. No entanto, esse esforço individual nem sempre é suficiente, pois, como outras/os docentes apontam, a falta de apoio interno nas Escolas é também uma problemática relevante nesse contexto.

Muitas equipes pedagógicas não incentivam ou sequer divulgam as oportunidades de visitas e formações nesses espaços. Isso é visto não apenas como uma falta de engajamento institucional, mas também como um problema de comunicação e divulgação entre as instituições culturais e as Escolas, fazendo com que essas informações nem sempre cheguem às/aos professoras/es com antecedência para que possam se organizar. Essa combinação de dificuldades indica que, para que as parcerias sejam efetivas, é necessário não apenas o esforço das/os docentes, mas também uma maior articulação entre Escolas, Espaços Culturais e órgãos responsáveis pela educação.

A ausência de uma divulgação eficiente faz com que muitas/os docentes não tenham conhecimento sobre oportunidades de formação ou parcerias, a menos que tomem a iniciativa pessoal de buscar por essas ações, como é evidenciado no comentário:

“Se existe eu não sei, pois nunca chegou até mim, somente o que eu busquei por mim mesma” (Professor/a I).

Essa fala sugere que o peso da responsabilidade pela busca de aprimoramento e parcerias, muitas vezes, recai individualmente sobre cada docente, podendo aumentar ainda mais as demandas de trabalho. Concordamos com Nóvoa (2017, p. 1128) que “[...] A evolução dos professores depende deste esforço de pesquisa, que deve ser o centro organizador da formação continuada”, entretanto, a ausência de uma articulação institucional reforça a sensação de isolamento por parte das/os professoras/es, dificultando a construção de uma rede colaborativa que poderia beneficiar não apenas as/os docentes, mas também as crianças e as próprias Escolas.

No contexto da Educação Infantil, os desafios mostram-se ainda mais acentuados, pois muitas/os docentes destacam essa carência específica. Essa percepção é aprofundada pela resposta do/a Professor/a H, que explicita as limitações enfrentadas pelas Escolas das infâncias para participar de formações e atividades fora do ambiente escolar:

“Na educação infantil não existe muita parceria, porque não entramos no calendário da secretaria de educação para fazer as formações. Temos dificuldade de sair dos espaços escolares. Percebo que a EMEF e EM tem mais possibilidades de sair” (Professor/a H).

A referência à falta de inclusão no calendário oficial reflete uma barreira administrativa por parte das secretarias de educação, que prejudica a integração das crianças da Educação Infantil e suas/seus professoras/es em ações culturais mais amplas, também restringindo as oportunidades de desenvolvimento profissional das/os professoras/es desse segmento. Esse problema é ampliado pela fala da Professora E, que ressalta as dificuldades para participar das formações:

Raramente a escola onde leciono libera os profissionais para formações nestes espaços (preciso tirar abono), assim como preciso me esforçar muito para fazê-los entender sobre a importância da presença dos alunos nos espaços de arte (professora E).

O relato da professora revela que o esvaziamento das formações oferecidas pelos Espaços Culturais não é apenas uma questão de desinteresse das/os docentes, mas também uma falta de apoio das Escolas. Muitas vezes, as instituições dificultam a liberação para a participação das/os professoras/es e não reconhecem a relevância pedagógica desses ambientes para as crianças pequenas. Essa dificuldade, contudo, não é um caso isolado, ou seja, docentes de outros segmentos da Educação Básica também relatam desafios semelhantes ao tentar levar suas turmas aos Equipamentos Culturais.

Isso reflete não apenas uma resistência administrativa, mas também uma visão limitada sobre a capacidade das crianças em aproveitar experiências educativas diversas. Como aponta Carvalho (2007, p. 9), muitos “ [...] demonstraram uma concepção de criança que levava à crença na incapacidade desses sujeitos em aproveitar situações de aprendizagem diferenciadas, como a que se passa em um museu ou centro cultural”.

Além disso, isso também ficou evidente nas respostas ao questionário, que indicam que a integração entre Escolas e Espaços de Arte ainda é uma barreira significativa para o reconhecimento desses ambientes como fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento infantil.

Tendo em vista todos os problemas apontados pelas/os docentes em relação à colaboração ou não dos Espaços de Arte com os Espaços Escolares, ressaltamos que muitas/os delas/es não observam a parceria entre essas duas instituições. Esse aspecto reflete a importância de um trabalho conjunto e integrado, como enfatiza Nóvoa (2017, p. 1116), ao afirmar que “[...] a colaboração é a segunda palavra-chave. Nada se constrói no vazio. A colaboração organiza-se em torno de um trabalho conjunto sobre o conhecimento. Importante é construir um percurso integrado e colaborativo, coerente, de formação”.

Apesar das respostas analisadas anteriormente, algumas/alguns poucos docentes responderam que há sim essa colaboração entre as Escolas e os Equipamentos Culturais da cidade:

Acredito que exista uma relação que ainda é bem superficial, se limitando a divulgações de exposições, formações e eventos (Professor/a J).

Sim, porém necessita ampliar, disponibilizar transporte, divulgar (Professor/a L).

Sim, embora atenda um número reduzido de alunos devido ao espaço. Não todas, mas a maioria das escolas aproveita os espaços de arte na região da grande Vitória. Depende do interesse dos professores e da gestão escolar (Professor/a K).

Podemos perceber através das respostas obtidas, que a maioria que diz que sim, existe uma colaboração entre esses dois espaços, também logo em seguida apresenta um problema existente nessa colaboração, ou ainda cita exemplos de como ocorre essa relação, como divulgação, formação, disponibilização de mediações. Porém, essas atitudes citadas por parte dos Museus/Galerias/Centros Culturais de apenas divulgar, atender, formar, podem não ser vistas como uma colaboração com as Escolas, uma vez que compreendemos o trabalho colaborativo como uma verdadeira relação entre a Escola e o Espaço de Arte, em que “[...] ao trabalhar em colaboração, cada instituição necessita se abrir para as mudanças e transformações que se fazem necessárias” (Gabre, 2016, p. 104-105).

Conforme apontado pelo Professor/a L, e também visto em outras respostas obtidas, que existe ainda dentro dessas problemáticas, a falta de logística adequada, podendo ser um obstáculo importante para a participação das/os estudantes/crianças nas atividades culturais, restringindo o acesso a essas experiências. Dificilmente os espaços da cidade vão ofertar transporte para buscar as crianças na Escola, além disso, a dificuldade em obter suporte das secretarias de educação muitas vezes impede que as visitas a esses locais aconteçam.

A afirmação do/a Professor/a K revela uma complexa dinâmica entre as Escolas e os Espaços de Arte na região da Grande Vitória. Embora reconheça que a colaboração existe, ressalta que ela é limitada pois atende um número reduzido de estudantes/crianças por causa do espaço disponível. Essa limitação física destaca um desafio crucial para a ampliação do acesso às experiências culturais. Além disso, a observação de que, embora não todas, a maioria das Escolas aproveita esses espaços, sugere um reconhecimento da importância das atividades culturais, mas também indica que a adesão varia conforme o interesse das/os professoras/es e a gestão escolar, como já foi abordado acima.

Outro ponto abordado nos questionários foi se as/os professoras/es que realizavam essas formações levavam as crianças ao Espaço de Arte para visitas mediadas e se, quando levavam, faziam um trabalho contextualizado, anteriormente e/ou posteriormente, com as crianças e se utiliza o material educativo disponibilizado nas formações. Dentre aquelas/es que responderam, 15 apontaram que costumavam levar suas turmas aos Equipamentos Culturais da cidade e que a maioria realizava uma contextualização da visita. Isso é evidenciado nas falas das/os professoras/es, que ressaltavam a importância de uma abordagem estruturada:

Sim, para que haja um melhor aproveitamento (Professor/a P).

Nas oportunidades que tenho, sempre contextualizo antes as ideias e usamos o material educativo (Professor/a F).

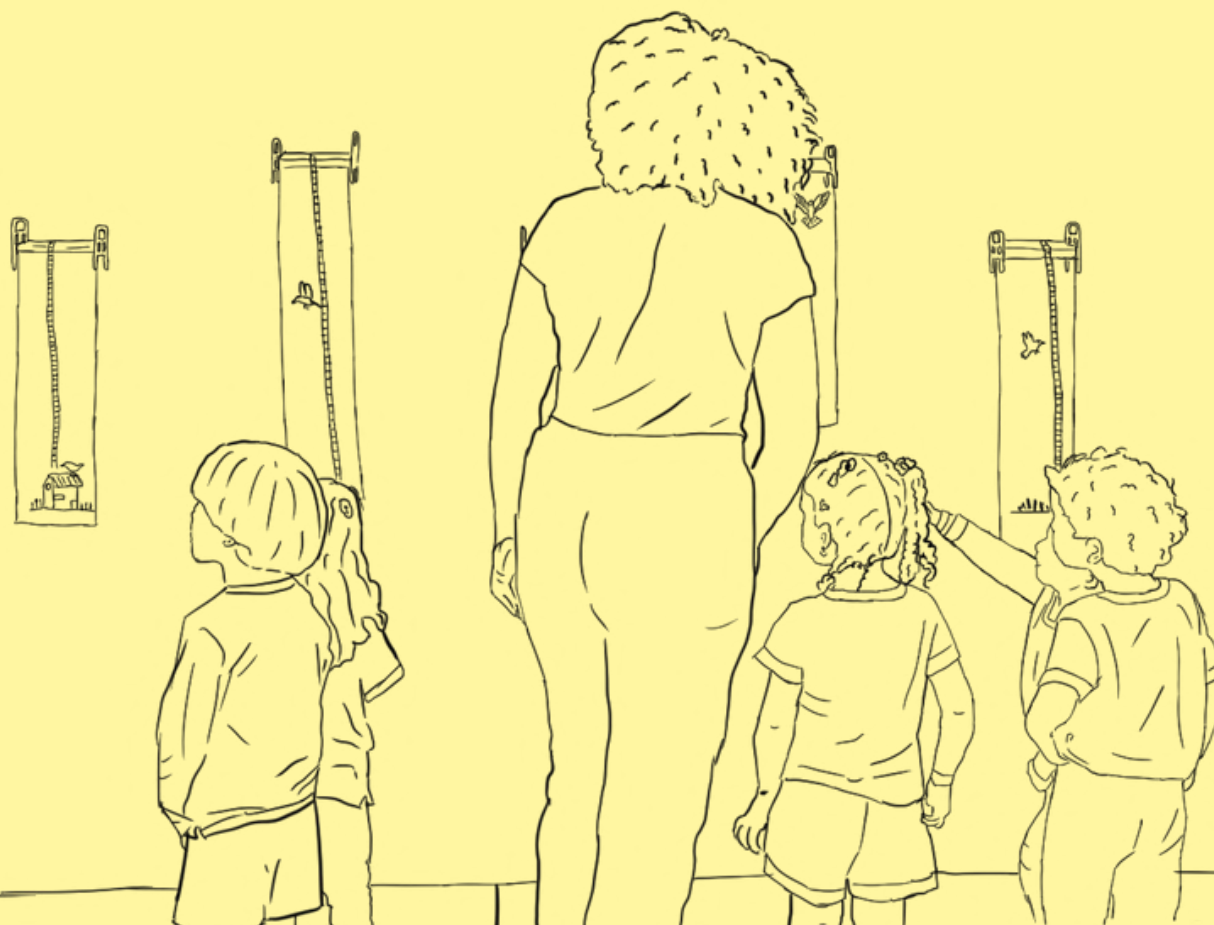
Essas respostas indicam uma consciência sobre a necessidade de preparar as crianças para maximizar a experiência no ambiente cultural. No entanto, apesar do comprometimento demonstrado, as dificuldades enfrentadas na organização dessas saídas são significativas. Como mencionado, “[...] organizar uma saída da escola com estudantes não é tarefa fácil” (Gabre, 2016, p. 58).

E, se pensarmos que essas formações e esses materiais educativos disponibilizados podem fazer uma ponte para aquelas/es que não conseguem levar suas turmas aos Espaços de Arte, estes se tornam essenciais para as/os professoras/es trabalharem o que está sendo abordado nas exposições dentro das salas de atividades. Assim, a combinação de um trabalho contextualizado por parte da/o docente com as crianças, as visitas mediadas com a intencionalidade para esse público, e a utilização de materiais educativos que “[...] podem prolongar a visita ao espaço museal” (Marandino *et al*, 2016 p.6), ampliam e potencializam as possibilidades de aprendizagem. Nessa direção, as crianças podem vivenciar experiências mais ricas e significativas, mesmo quando não é possível a visita física à exposição.

Tendo em vista tudo que foi discutido nesse capítulo, sobre os espaços, as formações, as crianças, os materiais educativos e as percepções das/os docentes a partir dos questionários, no próximo capítulo, abordaremos a experiência prática com duas turmas da Educação Infantil. Verificaremos, a partir dessas vivências, se os processos discutidos — como formações, mediações e materiais disponibilizados — efetivamente contribuíram para o aprendizado dessas crianças no Espaço de Arte, permitindo uma avaliação mais concreta do impacto dessas iniciativas nas ações pedagógicas docente.

A EXPERIÊNCIA COM AS PROFESSORAS, MEDIADORAS/ES E CRIANÇAS NA EXPOSIÇÃO FIAR E AS REVERBERAÇÕES NAS ESCOLAS DAS INFÂNCIAS

6



Analisaremos agora a visita mediada com duas turmas de Educação Infantil na exposição *Fiar*, do artista Rick Rodrigues, no MAES, uma em que a professora da turma havia participado da formação para professoras/es e outra turma em que a professora não havia participado da formação.

Esses momentos estão alinhados com nosso objetivo de pesquisa, que busca **investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, que são oferecidas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil**, e também com os objetivos específicos, que buscam analisar a visita e mediação de duas turmas da Educação Infantil no Espaço de Arte e as reverberações da mediação no espaço escolar.

As análises serão feitas com base nas experiências com as crianças no Museu, entrevista com as duas professoras que participaram dos momentos e relatos das/os mediadoras/es que atenderam as turmas.

As turmas envolvidas nessa etapa da pesquisa foram de Escolas diferentes e tinham distintas faixas etárias. Elas foram escolhidas, pois já haviam agendado a visita mediada ao Museu para a exposição em cartaz. Optamos por escolher turmas da Educação Infantil que já visitariam a exposição devido as dificuldades de transporte para levar as crianças até o local, que sabemos ser frequente para quase todas as Escolas. As turmas observadas, tendo características distintas, apresentaram resultados diferentes, que serão explicitados nas análises a seguir.

A primeira visita mediada à exposição *Fiar*, do artista Rick Rodrigues, aconteceu no dia 20 de outubro às 14h30, com o Grupo 2, vespertino, ou seja, crianças de 1 a 2 anos de idade, de uma Escola particular do município de Vitória. A professora desta turma não tinha participado da formação para professoras/es que havia ocorrido no Museu nos dias 13 e 14 de setembro, e o interesse em levar as crianças ao Museu surgiu através do projeto de sala, que foi construído através da demanda das próprias crianças.

Nesse momento a mediação aconteceu com 11 crianças, além da professora regente da sala, uma auxiliar e uma estagiária. As crianças chegaram ao Museu e foram recebidas pela mediadora do MAES, que as conduziu para o espaço expositivo. Primeiramente foi conversado sobre a exposição, e depois, as crianças foram passando pelo espaço e olhando as obras do artista. Algumas obras nessa exposição são pequenas e estão numa altura muito acima dos olhos das crianças, o que dificultou um pouco a visita.

A mediadora, assim como a professora, a auxiliar e a estagiária, foram conversando com as crianças e mostrando os detalhes das obras (Imagem 20), elencando os elementos presentes. Durante a visita muitas crianças quiseram tocar nas obras, pois muitas delas eram miniaturas e/ou brinquedos que remetem ao universo infantil.

Neste momento, tanto a mediadora quanto a professora e a equipe de sala orientaram as crianças a não tocarem nas obras. No entanto, desde o início da mediação, os seguranças do Museu começaram a acompanhar de perto a visita, com o objetivo de garantir que as crianças não tocassem nas peças e não danificassem as obras expostas. Embora compreendamos que a preservação das obras de Arte seja fundamental para o Museu, essa vigilância constante pode gerar um distanciamento entre as crianças e o ambiente expositivo.

Essa abordagem pode desconsiderar a capacidade das crianças pequenas de interagir adequadamente nesses espaços, pois, como afirma Carvalho (2007, p. 17), "[...] As crianças pequenas merecem sim um atendimento e um reconhecimento de que são capazes de frequentar esses espaços". Depois da mediação a exposição, a mediadora levou as crianças ao espaço ao lado para que pudessem realizar um bordado macro em uma grade, disponibilizando fios de malhas (Imagens 21 e 22). A mediadora explicou a atividade, mas como estava sozinha não conseguiu acompanhar cada criança, e mesmo com a ajuda da professora, elas ficaram em dúvida de como colocar os fios na grade, e muitas delas simplesmente passaram o fio pela grade de maneira aleatória, deixando-o pendurado sem completar a atividade proposta.

Imagem 20 – Professora e crianças visitando a exposição.



Imagens 21 e 22 – Crianças realizando a atividade proposta.



Após esse momento, a mediadora deu por encerrada a mediação, porém havia um espaço interativo da exposição no qual as/os visitantes podiam interagir e deixar um registro bordado. Nesse espaço, eram dispostos suportes, linhas coloridas e agulhas. A mediadora pensou que as crianças de dois anos não poderiam realizar essa atividade, por isso nem os incentivou, mas a professora que conhece a turma e disse já ter bordado com as crianças em sala de aula, pediu a mediadora se elas poderiam bordar uma por uma (Imagens 23 e 24), com a orientação dela, que aceitou. Como a mediadora estava realizando a mediação sozinha e como, eu além de pesquisadora, trabalho em outro espaço expositivo e conheço a obra do artista além de ter realizado várias formações e cursos de bordado com ele, também ajudei as crianças a realizarem seus bordados.

Essa colaboração direta reflete a metodologia de pesquisa utilizada nesta investigação, a pesquisa participante, que “[...] caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (Gil, 2002, p. 56). Essa vivência ressalta o papel ativo da pesquisadora através dessa metodologia, em que ela se insere diretamente no ambiente investigado, tornando-se parte do contexto. Ao participar do processo de mediação e das atividades com as crianças, a pesquisadora não apenas observou, mas também contribuiu para a dinâmica da situação. Esse envolvimento direto proporcionou uma compreensão mais aprofundada das interações entre mediadoras/es, professoras/es e crianças, enriquecendo a qualidade dos dados produzidos durante a observação de campo.

No momento da atividade a professora foi indicando qual criança iríamos chamar para bordar. Perguntávamos às crianças qual cor de linha preferiam, e então colocávamos a linha na agulha para elas, que escolhiam o suporte que queriam trabalhar. Explicávamos o processo gradualmente, permitindo que elas fizessem o ponto tanto na frente quanto no verso do tecido voal, até que a linha acabava e o bordado, conseqüentemente, também estava encerrado. Esse processo não apenas incentivou a autonomia das crianças na escolha de cores e suportes, mas também proporcionou uma experiência prática no espaço do Museu.

Imagens 23 e 24 – Crianças bordando no espaço.



Essa experiência foi muito mais interessante para as crianças do que o bordado macro na grade, pois elas conseguiram ter um direcionamento melhor, com o auxílio de mais pessoas, que as acompanharam individualmente. Como a mediadora foi direcionando cada criança, enquanto as outras esperavam com a professora e equipe de sala, conseguiram uma a uma, desenvolver um bordado e realizar o trabalho colaborativo que era a proposto para todas/os as/os visitantes da exposição.

Essa intervenção da professora foi muito importante, pois “[...] é imprescindível considerar os saberes dos professores na ação de visitar o museu com seus estudantes e possibilitar sua atuação compartilhada com os mediadores” (Gabre, 2016, p. 60). A mediadora poderia até inicialmente querer realizar essa atividade com as crianças, porém entendeu que crianças de 2 anos não podiam bordar, além de ser perigoso por causa da agulha pontiaguda, mas a professora, que conhece a turma e sabe das suas potencialidades, pediu que tentassem realizar a proposição, que foi empreendida muito bem por elas. Em relato após a mediação, a mediadora disse que esse momento

[...] mostrou a capacidade das crianças em manusear a linha e a agulha. É muito comum que os adultos tenham medo das crianças se machucarem, pois sempre duvidamos das possibilidades de trabalho” (Entrevista realizada em 14 de mai. 2024).

Consideramos este um momento de aprendizagem valioso para a mediadora, que através da experiência e da intervenção da professora, teve a oportunidade de aprender também algo com as crianças. A colaboração entre a mediadora e a professora criou um ambiente mais imbricado e dinâmico, permitindo que as crianças realizassem a atividade enquanto ambas refletiam sobre suas práticas.

Além disso, a mediadora pode perceber a importância de adaptar suas estratégias de mediação às necessidades individuais de cada criança, reconhecendo suas singularidades e a necessidade de atendê-las. Essa experiência reforçou a ideia de que a mediação requer escuta ativa e capacidade de se ajustar às demandas do grupo. No final, esse aprendizado compartilhado não só beneficiou as crianças, mas também

contribuiu para o desenvolvimento profissional da mediadora, tornando-a mais consciente do impacto que suas intervenções têm no processo de aprendizagem desse público.

Importante pontuar que essa atividade já havia sido empregada pela professora com as crianças na Escola, que além de bordado com agulha, tinham até costurado com uma máquina de costura (Imagens 25 e 26). Por isso, a professora tinha confiança de que elas conseguiriam realizar o bordado no espaço do Museu. Essa experiência prévia foi importante, e a professora compartilhou essa informação com a mediadora, o que contribuiu para o sucesso do momento, que permitiu que as crianças se sentissem mais à vontade e confiantes ao executar a atividade proposta.

Sobre a mediação com as crianças nos espaços do Museu e o atendimento dessa turma em específico, a mediadora comenta em entrevista

Experienciar a mediação com crianças é bem comum no museu, nessa, em específico ficou mais fácil devido a importância que o artista deu as abordagens, trazendo outras dinâmicas possíveis dentro da mediação na exposição. Em muitas exposições temos uma determinada dificuldade nas abordagens com os pequenos, principalmente no tocar nas obras de arte e outras atividades que dialoguem com eles (Entrevista realizada em 14 de mai. 2024).

Essas abordagens citadas pela mediadora na exposição *Fiar*, se deu por parte do próprio artista, que além da exposição, elaborou um espaço que as/os visitantes poderiam intervir e realizar seus próprios trabalhos de bordado. Quando há propostas que sejam voltadas para o público dentro de uma exposição de Arte, de certo modo auxilia no trabalho do/a mediador/a, pois as vezes é difícil passar para as pessoas o que está posto na exposição, e quando já existe uma atividade educativa no espaço, facilita para que mais pessoas consigam ter essa compreensão, principalmente as crianças da Educação Infantil.

Imagens 25 e 26 – Crianças costurando com máquina de costura na Escola.



Acerca do projeto de sala que culminou no interesse da professora em levar as crianças para a exposição, esse, foi comentado em entrevista e será explicitado a seguir.

O projeto *Linhas* foi empregado pela professora regente da sala, embasando-se na significação e no que está implícito na linha, explorando as mais diversas possibilidades do traço através dos mais variados tipos de linhas, como as linhas da natureza, de prédios, as linhas do corpo, etc, com destaque também para as possibilidades artísticas que a linha trás. A iniciativa se inicia com um livro de literatura: *Linhas*, de Suzy Lee, em que a história foi contada para as crianças e depois explorada através de atividades de descoberta das mais diversas linhas, onde

as linhas, barbantes e lã, também não deixaram de ser exploradas (Entrevista com a professora, realizada em 15 de jul. 2024).

Após a exploração das diversas linhas (Imagens 27 e 28), o projeto percorreu um caminho que ia ao encontro com obras de uma artista contemporânea especializada no objeto que estava sendo estudado pela turma. Edith Derdyk e suas linhas foram apresentadas para as crianças que se desdobraram em diversas atividades, utilizando as mais variadas materialidades, incluindo a exploração da linha através do bordado.

Em relação ao interesse em levar as crianças ao Museu, esse, surgiu por parte da professora, que como já estava trabalhando Arte e linhas em seu projeto, quando viu a exposição em cartaz considerou relevante levar as crianças, assim como comenta

[...] o projeto era voltado pra Linhas e daí, quando vi a exposição no museu, eu aproveitei e levei, porque a ideia é fazer visita de campo com eles pra estender o caminho da pesquisa, cada vez mais ampliar e aprofundar também (Entrevista realizada em 15 de jul. 2024).

Imagens 27 e 28 – Crianças durante projeto de sala na Escola.



Fonte: disponibilizado pela professora, 2023.

A professora também utilizou, posteriormente, a proposta que havia sido desenvolvida rapidamente pelas crianças no Museu com a grade e os fios de malha (Imagem 29), e uma outra atividade com o mesmo material (Imagens 30 e 31), na qual elas puderam explorar mais esses materiais que tinham tido dificuldades durante a mediação. Com a intervenção da professora, as crianças puderam criar, explorando os materiais disponíveis e realizando a atividade proposta. Segundo Vygotsky (2009, p. 16), os processos de criação

[...] manifestam-se com toda a sua força lá na mais tenra infância. Uma das questões mais importantes da psicologia e da pedagogia infantis é a da criação na infância, do desenvolvimento e do significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança. Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras.

Nesse contexto, a intervenção da professora se revelou crucial, para que as crianças se envolvessem com o processo criativo da atividade. Ao proporcionar um ambiente no qual as crianças puderam estimular suas expressões individuais e exploração dos materiais com calma, com tempo, potencializando a criatividade e o entendimento da proposta, a professora deixa evidente como experiências práticas e mediadas podem enriquecer os repertórios artísticos culturais e o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Aqui é possível observar que no ambiente escolar as crianças conseguiram desenvolver melhor a proposta, talvez porque no Museu a grade já estava com intervenções de muitas pessoas, ou pelo tempo empregado ter sido maior. Como afirma Sarmiento (2004, p. 29) “[...] O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente revestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de sempre ser reiniciado e repetido”. Essa característica do tempo infantil pode ter permitido que as crianças explorassem a atividade de forma mais livre e criativa na Escola.

Embora tivessem tido mais tempo na Escola do que no Museu, a professora relata em entrevista que o tempo que tinha com as crianças para a realização do projeto de sala era limitado. Isso destaca a dificuldade de

Imagem 29 – Crianças na escola, realizando proposta que haviam feito no Museu.



Imagens 30 e 31– Crianças realizando atividade com malha na escola.



implementação de projetos na Escola, uma vez que:

[...] só tinha na segunda e na sexta para fazer a proposta com eles, no restante do tempo tinha a educação física, a música, e era um grupo de dois anos, então quase todos dormiam, tinha que fazer as trocas das fraldas, tinha a rotina, então era bem complexo montar essas seções com eles (Entrevista realizada em 15 de jul. 2024).

Após todos os meses do projeto, a Escola realiza uma exposição final dos trabalhos que as crianças desenvolveram ao longo do ano (Imagens 32 e 33), para que as famílias vejam o que foi produzido. Essa exposição foi realizada após a visita das crianças ao Museu, e a professora comenta que ela e a equipe de sala realizaram a montagem da exposição, também se baseando no que tinham observado no Museu, incluindo além de fotos as produções das crianças, elementos e objetos que foram utilizados durante o projeto.

É possível observar através das imagens, que essa Escola apresenta recursos financeiros para compra de materiais, o que pode não ser uma realidade em outras Escolas de Educação Infantil, principalmente as públicas, porém com poucos meios também são desenvolvidos projetos potentes, como veremos no projeto desenvolvido pela outra Escola que visitou a exposição. Isso se deve frequentemente à criatividade, dedicação das/os professoras/es e à capacidade de utilizar recursos disponíveis de maneira eficaz, que aqui, mesmo com os recursos disponibilizados, também houve criatividade da professora e sua equipe.

Imagens 32 e 33 – Exposição dos trabalhos das crianças na Escola.



Fonte: disponibilizado pela professora, 2023.

A segunda visita mediada ocorreu no dia 7 de novembro de 2023, com duas turmas de um Centro Municipal de Educação Infantil a exposição *Fiar*, no MAES, da qual a professora havia participado da formação para professoras/es oferecida nos dias 13 e 14 de setembro. As crianças eram do grupo 5 e 6 e tinham entre 5, 6 anos de idade, e a proposta de visitar a exposição partiu da professora de Arte, que estava realizando um projeto sobre o artista e suas obras na sala de atividades.

As crianças chegaram ao Museu e o mediador não havia chegado ainda, o ônibus dele havia quebrado e, como só há um/a mediador/a a cada horário no espaço, as crianças tiveram que esperar a chegada dele. Ficaram um pouco no saguão do Museu e depois a equipe de segurança indicou que elas fossem à biblioteca, na qual foram disponibilizados papeis, canetas, lápis, canetinhas, fitas, etc., para que elas pudessem passar o tempo e esperar até o horário de chegada do mediador (Imagem 34).

Segundo Vergès (2023), a descolonização dos Espaços Culturais exige o reconhecimento e a valorização do papel de todas/os as/os trabalhadoras/es, inclusive aquelas/es que atuam “nas margens” das instituições, como vigias e seguranças, que acabam desempenhando um papel importante no processo de mediação cultural. A autora defende que:

[...] é preciso criar um lugar onde as condições de trabalho daqueles/as que limpam, vigiam, cozinham, pesquisam, administram ou produzem sejam plenamente respeitadas; onde as hierarquias de gêneros, classe, raça, religião sejam questionadas (Vergès, 2023, p.14-15).

No momento em questão, essa visão se concretiza na atuação da equipe de segurança e de recepção, que interveio ativamente recebendo as crianças e direcionando-as para o espaço da biblioteca, contribuindo no acolhimento desse público. Assim como no agendamento com as crianças, é muito provável que essas/es profissionais assumam a responsabilidade de acolher os diversos públicos que visitam as exposições, especialmente nos momentos em que as/os mediadoras/es não estão presentes no espaço expositivo. Esse envolvimento reforça a necessidade de integrar todas/os as/os funcionárias/os no processo educativo, reconhecendo a importância destas/es no processo de mediação e também de formação pessoal, afinal, mesmo desempenhando outras funções, elas/es também vão se apropriando da produção artística, cultural e educativa dos museus.



Imagem 34 – Crianças na biblioteca.

Fonte: da autora, 2023.

Assim que o mediador chegou, elas foram conduzidas de volta ao saguão, dando início a mediação (Imagem 35). Houve uma conversa inicial com as crianças sobre a exposição na escada de entrada e depois foram conduzidas ao espaço em que estavam as obras, no segundo andar. Nesse espaço, o mediador ofereceu explicações, enquanto também incentivava as crianças a fazerem perguntas. Esse tipo de interação é comum durante mediações, quando as crianças costumam estar bastante atentas ao que está sendo dito. Como observa Carvalho (2007, p. 10), “[...] a participação das crianças pequenas era, em geral, muito ativa: indagavam sobre obras não exploradas pelos monitores, questionavam todo o tempo, interrompendo quando não entendiam, tinham dúvidas ou queriam fazer algum outro comentário - atentas, portanto, ao que estava sendo dito e visto”.

Como se tratava de duas turmas⁴⁰ de Educação Infantil mais os adultos presentes, o espaço expositivo ficou muito cheio (Imagens 36 e 37) e o mediador teve certa dificuldade em atender a todas, porém a professora e as equipes de sala foram tentando auxiliar, ajudando as crianças a perceberem os elementos das obras, haja vista que participaram da formação e tinham conhecimento sobre a exposição, organizando a visita devido a quantidade de crianças e a presença de apenas um mediador.

Após a mediação, a professora e as crianças mostraram ao mediador alguns dos bordados que haviam feito na sala de atividades com a professora (Imagem 38), inspirados nas obras de Rick Rodrigues. Após a visita, elas passaram para o espaço interativo da exposição, em que as/os visitantes podiam experimentar a técnica do bordado.

⁴⁰ A visita foi realizada com duas turmas porque a disponibilidade do ônibus para a visita a espaços fora do escolar precisa acontecer preenchendo todo o transporte ofertado pela prefeitura, sendo muito comum que quando uma turma sai da Escola seja necessário que outra turma a acompanhe para que não sejam desperdiçados recursos.

Imagem 35 – Início da mediação.



Fonte: da autora, 2023.

Imagens 36 e 37– Crianças no espaço expositivo.





Imagens 38 – Crianças mostrando ao mediador o trabalho produzido na Escola.

Fonte: da autora, 2023.

Como a mediação teve início somente após um tempo em que as crianças estavam no Museu, elas não tiveram tempo para experimentar o bordado naquele espaço, pois precisavam voltar para a Escola para a continuidade da rotina escolar, por isso acabaram só vendo os bordados das/os outros visitantes antes de terem que se dirigir novamente ao ônibus.

A entrevista foi feita com a professora de Arte, que já estava realizando um projeto sobre o artista e suas obras com suas turmas de Educação Infantil. Ela dá aulas em diversas turmas e realizou o mesmo projeto com algumas delas, porém conseguindo levar apenas duas até o Espaço de Arte. A seguir refletiremos sobre esse projeto e seus desdobramentos na Escola.

O projeto de sala se desenvolveu nessas turmas devido, inicialmente, ao interesse da professora, que sempre quis trabalhar as obras do artista, no entanto, estava trabalhado outro assunto em seu projeto naquele momento. Ao receber uma estagiária de estágio obrigatório em Artes, que não sabia o que desenvolver em seu plano de atividades, indicou o artista, como comenta

[...] ai eu falei: 'tem esse artista, ele é capixaba', eu já conhecia o trabalho dele, mas não tinha trabalhado com as crianças, ai alinhamos as propostas para trabalhar com o Rick Rodrigues. A estagiária iniciou o projeto com a gente, mas seu período de estágio acabou e continuamos com o projeto de sala.

O primeiro passo da professora ao descobrir que iria acontecer uma exposição do artista que ela estava trabalhando com suas turmas, foi participar da vernissage⁴¹ e depois visitar a exposição, conforme menciona

[...] eu fui visitar a exposição umas 3 vezes, para me apropriar, depois eu fiz a formação, que pra mim foi muito importante porque através do artista eu pude conhecer a história que está por traz do bordado" (Entrevista realizada em 25 de abr. 2024).

Esse movimento de busca, de apropriação, de participação na formação, destaca a importância da atualização contínua na prática docente. Conforme Nóvoa (2017, p. 1128)

⁴¹ Vernissage se refere a um evento de abertura de uma exposição de Arte, sendo muito comum nos Equipamentos Culturais.

Este ponto é central para a formação de professores, mas também para construir uma capacidade de renovação, de recomposição das práticas pedagógicas. A evolução dos professores depende deste esforço de pesquisa, que deve ser o centro organizador da formação continuada (Nóvoa, 2017, p. 1128).

Sobre o momento de formação para docentes que aconteceu no Museu, a professora comenta em entrevista que:

Eu achei muito legal a formação, o Rick me fez perceber que eu conseguiria ensinar aquele ponto para as crianças, porque até então a gente estava fazendo só aquele alinhavo, e eu vi a técnica que ele usava e apliquei aqui na escola, aquele do papel, de furar com a agulha pra marcar, eu achava que eu não podia fazer isso, então quando ele fez eu pensei: é por isso que fica certinho, que não tem erro, quando ele fura o papelão e depois se você furar errado não tem volta, e o dele não tem erro, porque ele não vem bordando direto, ele fura antes, então eu acabei fazendo isso com as crianças também, e aí eu falava: vamos aprender o ponto atrás, que o Rick Rodrigues usa pra fazer os trabalhos dele. (Entrevista realizada em 25 de abr. 2024).

Esse relato da professora mostra, como a formação de professoras/es e a atividade prática disponibilizada pelo artista durante o momento, foi essencial para que ela pudesse desenvolver melhor as proposições que já estava realizando na Escola com as crianças (Imagens 39, 40).

⁴¹ Vernissage se refere a um evento de abertura de uma exposição de Arte, sendo muito comum nos Equipamentos Culturais.

Imagem 39 - Crianças produzindo na escola.



Fonte: disponibilizado pela professora, 2023.



Imagem 40 - Crianças produzindo na escola.

Fonte: disponibilizado pela professora, 2023.

O material educativo entregue durante a formação, que continha as propostas, também foi importante nesse processo, uma vez que estes “[...] podem prolongar a visita ao espaço museal” (Marandino *et al*, 2016, p. 6). Através dessa prática e materiais, a professora conseguiu ampliar as técnicas que o artista Rick Rodrigues utiliza para seus trabalhos artísticos (Imagens 41, 42, 43 e 44), que antes ela achava que não seriam possíveis com as crianças.

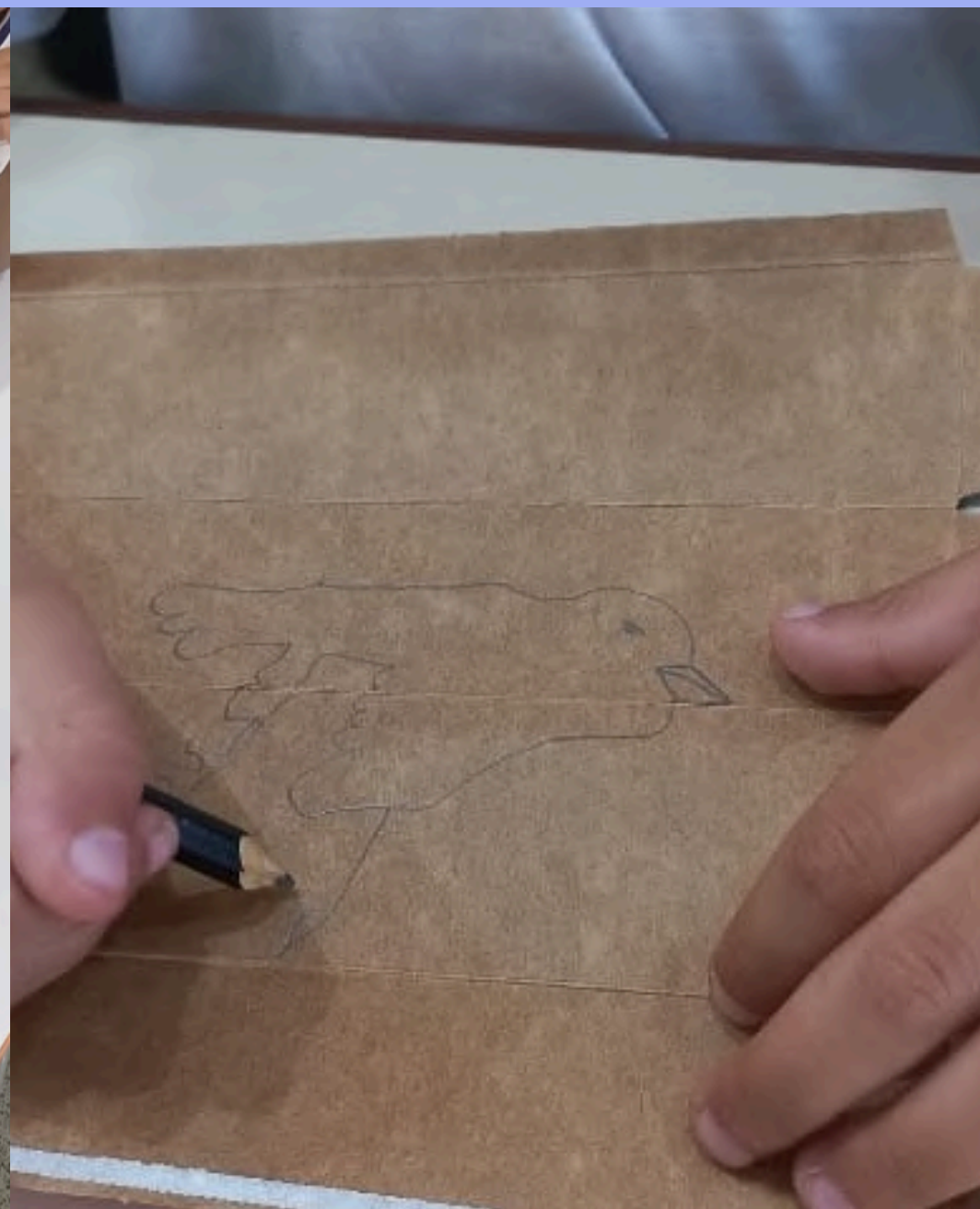
Durante o projeto, as crianças puderam experienciar as linguagens do bordado, realizando algumas técnicas e utilizando materiais que o artista e a professora usaram, incluindo agulha, que muitas vezes é entendida pelas/os docentes como algo perigoso na sala de atividades. A professora deixou que elas experimentassem a agulha normal, mas também comprou agulha de plástico,

[...] pra elas ficarem mais à vontade, porque a outra é muito pequeninha e eu tinha medo de sumir com as crianças, aí pra deixarem eles brincarem na sala, eu dava a agulha de plástico (Entrevista realizada em 25 de abr. 2024).

Após a formação, a professora marcou a visita e levou as crianças ao Espaço de Arte, para que conhecessem vários trabalhos do artista presencialmente, que foi de suma importância para as turmas e para o projeto desenvolvido (Imagens 45 e 46), como cita a professora

[...] No dia da visita eu queria muito que as crianças conhecessem o artista, mas ele estava viajando, elas levaram os trabalhos que tinham feito e ficaram comparando com os do Rick, olhando os que estavam lá, os deles, e foi muito significativo para elas (Entrevista realizada em 25 de abr. 2024).

Imagens 41 e 42 – Crianças produzindo na escola a partir da técnica de Rick Rodrigues.



Imagens 43 e 44 – Trabalhos a partir da técnica de Rick Rodrigues.



Imagens 45 e 46 – Crianças olhando os trabalhos produzidos na Escola.



Em relação à mediação no Museu, a professora comenta sobre as dificuldades de transporte para levar as crianças a outros espaços, e que só conseguiu levar duas turmas e precisou levá-las juntas, para aproveitar o ônibus disponibilizado pela prefeitura, mas que segundo ela eram:

[...] turmas muito boas de 5 e 6 anos, os maiores, que tinham trabalhado com as obras do artista, eu mostrava muitas imagens do Rick na aula, eu falava muito do trabalho dele, e eles já estavam bordando a mil por hora” (Entrevista realizada em 25 de abr. 2024).

Em relação ao momento no Museu, a docente diz que mesmo com o atraso em começar a mediação, na qual o tempo não pode ser aproveitado como deveria, pois as crianças não puderam ver as obras com calma, desfrutar do momento, bordar nos bastidores disponíveis, o mediador do espaço foi bem solícito, tendo

[...] paciência com as crianças, numa linguagem que as crianças entendiam” (Entrevista realizada em 25 de abr. 2024).

Isso demonstra que ele, de certo modo, tem compreensão dos aspectos que estruturam as culturas infantis (Sarmiento, 2004), como a utilização da ludicidade, quando usa de uma linguagem acessível para as crianças. Essa abordagem lúdica possibilita criar um ambiente de aprendizado que respeita a forma natural como as crianças exploram e compreendem o mundo ao seu redor, afinal “[...] A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis” (Sarmiento, 2004, p. 25).

Sobre a mediação com as crianças, o mediador que atendeu a turma opina:

Tentamos ao máximo falar a linguagem deles, palavras que eles entendam, coisa que muitas vezes fica um pouco difícil de fazer visto que no meio artístico como bem sabemos, existem palavras que têm que ser usadas para aquela determinada situação. Com os pequenos, como no caso dessa mediação, apesar de esse ser um grupo com muitas crianças que demandam mais atenção e esforço para utilizar essa linguagem mais simples, não foi um esforço tão grande transmitir as histórias e mensagens que estavam presentes na exposição de Rick Rodrigues (Entrevista realizada em 23 de jul. 2024).

A professora também comenta que o mediador deixou espaço para que ela e os outros adultos presentes contribuíssem, mas que todos estavam aproveitando a exposição e ela teve que ficar realizando registros do momento, que depois precisaria das fotos para os relatórios e para enviar para as famílias das crianças. No entanto, ela e os outros adultos foram contribuindo da forma que conseguiam.

Quando ocorreu a mediação ao Espaço de Arte, já estava no final do ano e a professora havia montado uma exposição com os trabalhos das crianças na Escola (Imagem 47). O objetivo era permitir que as famílias e as crianças pudessem admirar as obras produzidas ao longo do ano. Durante a exposição, a professora ainda produziu para cada criança um bastidor de materiais reciclados (tampa de pote reciclado) com um tecido, agulha de plástico e linha (Imagem 48), para que as crianças pudessem continuar com seus bordados no período de férias escolares.

No período da visita ao Museu, a mostra das crianças ainda estava exposta no espaço escolar e no relato da professora é possível observar as associações que as crianças fizeram entre a exposição do artista e a exposição da Escola, até incorporando um novo elemento que foi observado por elas na exposição do artista:

Eu já tinha feito a exposição dos trabalhos das crianças na escola antes de visitar a exposição no museu, inclusive chegou lá, aquela imensidão de trabalhos, um aluno chegou e falou assim: tia isso aqui não tem na nossa exposição, só isso, que era a almofadinha, e depois a gente fez e colocou lá na nossa exposição. Assim, eles compararam a exposição do museu com as deles, sentiram falta de algumas coisas, foi muito bom (Entrevista realizada em 25 de abr. 2024).

Também é possível observar, que em comparação a primeira turma, essa Escola, apresentava menos recursos financeiros para realizar as atividades, porém isso não impediu a docente de utilizar a criatividade e explorar os materiais disponíveis, como a caixa de pasta de dente, que é também um movimento do artista Rick Rodrigues, a utilização de materiais não convencionais (não estruturados) e reutilizáveis.

Como observado, o interesse das duas professoras de levar as crianças ao Museu, surgiu a partir dos projetos que estavam sendo desenvolvidos nas salas de atividades, e não por um convite ou parceria com o Museu, o que mostra a falta de colaboração entre esses dois espaços. As realidades das Escolas e faixas etárias das crianças eram distintas, o que influenciou diretamente na mediação na exposição, assim como comenta um/a mediador/a

"[...] Cada grupo ou turma, a depender de sua faixa etária, quantidade e até mesmo contexto o qual estão inseridos, irá influenciar em como faremos a mediação" (Entrevista realizada em 23 de jul. 2024).

Imagem 47 – Exposição dos trabalhos produzidos pelas crianças na Escola.





Imagem 48 - Materiais fornecidos pela professora para que as crianças levassem para casa.

Na primeira turma embora fossem crianças muito pequenas, de 2 anos de idade, o grupo era composto por poucas crianças e também havia muitos adultos para acompanhar a turma. Mesmo com a quantidade reduzida de crianças, ficou evidente durante a mediação, que apenas uma mediadora às vezes pode não ser suficiente para realizar o atendimento, visto que a mediação com esse público específico precisa ser pensada e organizada antecipadamente em relação ao quantitativo de adultos por crianças.

Já no segundo grupo, a quantidade de crianças era demasiada para apenas um mediador o que dificultou o processo da mediação, relatado pela professora e pelo próprio mediador, no qual o momento poderia ser aproveitado melhor por todas/os as/os envolvidas/os, se tivesse menos crianças e/ou mais mediadoras/es. Também através dos relatos e da experiência, para além da quantidade *ideal* de crianças e mediadoras/es, foi possível observar alguns pontos que foram desafios para o/a mediador/a durante a visita, que foram questões relativas ao tempo, ao “achismo” de que as crianças não conseguiriam realizar as atividades e a não participação das crianças e professoras.

A dificuldade de atendimento a esse público é problemática em vários aspectos, o que acaba refletindo no momento das mediações no Espaço de Arte. As/os mediadoras/es do MAES, apesar de relatarem dificuldades, já tinham experiências em mediações com esse público, o que pode ter facilitado o atendimento. No entanto, os desafios poderiam ser minimizados se essas/es mediadoras/es recebessem formações específicas para atender os diversos públicos, inclusive o infantil. Como expressou a mediadora:

“[...] a gente sente falta desses momentos de formações específica, porque recebemos muitos públicos, e as vezes não tem ninguém para dar essa formação, tirar nossas dúvidas” (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

Essa formação prévia sobre a Educação Infantil, poderia ter auxiliado a mediadora na percepção de que as crianças poderiam realizar a atividade de bordado, por exemplo. Porém essa situação foi contornada com a intervenção da professora, o que gerou aprendizado para todas/os envolvidas/os, pois “[...] aprendemos no processo de aprender” (Vergès, 2023, p. 80).

Em relação a participação das professoras durante a visita, uma mediadora comenta:

Muitos professores têm uma visão distorcida sobre mediação, pois acham que o museu é para passar tempo, não conseguem fazer um paralelo com as atividades em sala de aula, por isso há uma dificuldade de mediação, pois ainda acham que a gente tem que ter controle total sobre os alunos, muitas tenho que pedir ajuda para "chamar atenção" dos alunos e perguntar sobre o que estão trabalhando. Mas a professora que estava com essa turma participou bastante e me ajudou (Entrevista realizada em 26 de jul. 2024).

O relato mostra a participação da professora no momento da mediação, trazendo a importância desse trabalho de colaboração mediador/a e docente. Por isso, é crucial que as instituições nas formações que oferecem demonstrem também o papel da mediação e como integrá-la nas práticas pedagógicas do/a professor/a. Portanto, repensar a mediação e o momento de visita/mediação como uma prática colaborativa é fundamental para torná-la uma experiência educacional enriquecedora.

Como o intuito inicial dessa pesquisa era investigar se as formações para professoras/es iriam contribuir na mediação com as crianças no Espaço de Arte e por isso escolhemos duas turmas, uma em que a professora tinha participado da formação e outra que não tinha participado, podemos chegar as seguintes conclusões: nas duas turmas, mesmo com as dificuldades enfrentadas, houve sim participação das professoras, de uma forma ou de outra.

Se a professora que não realizou a formação tivesse o perfil que a mediadora exemplificou acima, de enxergar o Espaço de Arte apenas para passar o tempo, e não tivesse participado da mediação, não iria adiantar ela ter frequentado a formação para professoras/es anteriormente. Ainda que a professora do Grupo 2 não tenha realizado essa formação prévia, estava muito interessada na exposição e tinha um perfil de que entendia a importância daquela visita para o aprendizado das crianças e para o projeto que estava sendo desenvolvido em sala, e através da sua intervenção a mediadora pode realizar uma atividade com a turma que considerou, inicialmente, que não conseguiriam.

Foi possível perceber que a professora da segunda turma que havia participado da formação para docentes oferecida pelo Museu e já tinha conhecido o artista e visitado a exposição mais vezes, havia se apropriado melhor das temáticas e histórias por trás das obras e foi auxiliando o mediador durante o momento com esses conhecimentos. Essa posição da professora em buscar visitar a exposição pelo menos uma vez antes da visita das crianças, também é um importante passo para esse momento nos Espaços de Arte, haja vista que, eles podem apresentar argumentos ou fatos que não sejam interessantes para as crianças ou o espaço pode não está preparado para atendê-las.

Considerando que esse público “[...] tem o direito a – enquanto sujeitos e cidadãos, de que possuem especificidades que precisam ser atendidas e reconhecidas [...]” destaco ainda a estrutura apresentada pela Instituição, que, sem dúvidas, influencia diretamente no atendimento ao público” (Carvalho, 2007, p. 17).

Portanto, o que podemos concluir a modo comparativo sobre essas duas professoras que visitaram o Museu com suas turmas, é que as mediações e os aprendizados das crianças só foram potencializados e foi realizada uma boa mediação, devido a importância que as duas deram em levá-las ao espaço expositivos. Destacamos também suas características próprias de colaboração, intencionalidade pedagógicas e cuidado no ensino da Arte com as crianças.

O sucesso da mediação também pode ser creditado ao trabalho da mediadora e do mediador do MAES, que atenderam as crianças de forma eficaz, mesmo diante dos desafios apresentados. Outro fator que contribuiu foi a colaboração entre essas profissionais com o/a mediador/a do espaço, onde mesmo não se “[...] conhecendo necessariamente e não possuindo as mesmas capacidades ou os mesmos saberes, saberemos imaginar juntos/as” (Vergès, 2023, p. 260). Juntas/os essas/es profissionais conseguiram criar um cenário que fosse favorável para o aprendizado das crianças no Espaço de Arte.

Portanto, inferimos que as formações, de fato contribuem para que a/o docente se aproprie sobre a exposição, as/os artistas, as temáticas, etc, e a apresentação do material educativo, juntamente com a atividade desenvolvida na formação, que foi de grande ajuda para a professora da segunda turma, mas nada adiantaria todo esse movimento se as atitudes das professoras não fosse uma atitude colaborativa com o Espaço de Arte.

Em relação ao desdobramento nas Escolas de Educação Infantil, ainda que os projetos já estivessem em andamento no momento em que aconteceu as mediações, foi possível observar que as duas turmas trouxeram os conhecimentos aprendidos no Museu para a Escola. Isso contribuiu significativamente para os projetos de sala desenvolvidos, além disso, a visita à exposição contribuiu para as professoras montarem as mostras dos trabalhos das crianças na Escola, pois utilizaram o modo de expor do artista no espaço expositivo e até acrescentaram elementos que estavam disponíveis na exposição *Fiar*.

De uma forma geral, mesmo com os desafios enfrentados no momento da mediação, que é comum, podemos dizer que essas mediações foram positivas tanto para as professoras que agendaram as visitas ao Museu, quanto para as crianças e o/a mediador/a do espaço. Tanto a mediadora como o mediador tiveram um momento proveitoso com as crianças na exposição, pois compreenderam que elas podem sim realizar atividades que muitos adultos pensam que elas não conseguem. As professoras e as crianças puderam aprender com a exposição, visitar um espaço de educação não formal, e levaram seus ensinamentos para as Escolas.

7



PRODUTO EDUCACIONAL

Como já mencionado anteriormente, os materiais educativos disponibilizados pelos Equipamentos Culturais na cidade de Vitória as/aos professoras/es, são obrigatórios e se fazem presentes a cada exposição devido a essa obrigatoriedade. Porém, esses materiais apenas são fornecidos as/aos docentes nas poucas quantidades compulsórias dos editais, ou seja, depois que acabam não são disponibilizadas em nenhum outro lugar, nem mesmo de forma *online*, o que dificulta se algum/a docente não conseguiu frequentar a formação e quer trabalhar a exposição ou a/o artista em sala de aula posteriormente.

Os materiais educativos podem ser definidos como materiais de apoio a/ao professor/a, contendo propostas para serem trabalhadas nos ambientes escolares com as crianças, mesmo aquelas que não visitaram a exposição. Esses materiais são de suma importância para a ampliação de repertório da/o docente e, conseqüentemente, das crianças. Marandino *et al* entendem que os materiais educativos são:

[...] frutos de adaptações do conhecimento com vistas a possibilitar a compreensão das ideias complexas guardadas nas coleções, nos objetos e nas investigações realizadas pelos museus. Acreditamos que essas adaptações consideram também – e de diferentes formas – as especificidades dos públicos aos quais se endereçam. Envolvem, assim, processos de seleção de conteúdos, de adequação de linguagem, de proposição de formas e estratégias que os tornem visualmente atrativos, conceitualmente corretos – mas também acessíveis e instigantes (Marandino *et al*, 2016, p. 6-7).

O intuito desse produto educacional é disponibilizar, de forma *online*, os materiais educativos produzidos para as exposições de Arte que aconteceram no MAES, objetivando conceder acesso público a docentes e outras/os interessadas/os nesses materiais que são também, materiais de estudo e auxílio para a/o professor/a.

O espaço escolhido, o MAES, disponibiliza materiais educativos em suas formações para professoras/es, principalmente desde o ano de 2020, período pós pandêmico em que o Museu reabriu as portas depois de anos fechado para reforma. Esse espaço não apresenta um acervo desses materiais, nem fisicamente e

nem *online*, e essa disponibilização pode contribuir para a disseminação do papel educativo e formador do Museu, visto que, com essa divulgação, mais pessoas teriam acesso e estariam em contato com esses materiais produzidos.

Assim como a autora Marta Marandino (2016) e seu grupo de estudos (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação Científica, Universidade de São Paulo), que constroem um acervo de materiais educativos coletados ao longo dos anos, com o objetivo de que estes sejam disponibilizados para as/os interessadas/os, nosso propósito é realizar a junção dos materiais educativos do MAES em um acervo digital no qual todas/os possam ter acesso irrestrito.

Essa disponibilização dos materiais educativos produzidos ao longo dos anos, também possibilitará que o próprio Museu, sua gestão e suas/seus funcionárias/os, além do público, reflitam sobre a importância desse recurso e da atuação das/os Arte educadoras/es que os elaboram, pois

Ao destacar os materiais educativos, estamos, ao mesmo tempo, sublinhando a importância e a densidade do trabalho dos educadores dos museus e revelando o potencial criador que esses profissionais podem ter se sua função for valorizada nesses espaços (Marandino *et al*, 2016, p.6).

Para tanto, os materiais educativos serão hospedados no *site* do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (GEPAEI), dentro do domínio da Universidade Federal do Espírito Santo, no qual cada material produzido e entregue nas formações de professoras/es do MAES, desde o ano que retornou suas atividades após fechado para reforma (2020) até o presente momento (2024) que será disponibilizado, em formato digital. Todos os materiais foram autorizados e disponibilizados pelas/os Arte educadoras/es que os criaram.

Compreendemos que a disseminação dos materiais educativos do Museu, através desse acervo, é adotar uma perspectiva decolonial e de Pós-Museu, onde a educação no Espaço Cultural é projetada para ser acessível a todas/os. Reafirmamos a potência de pensarmos o Pós-Museu quando, dentre outros aspectos,

ele propõe uma radical reconfiguração do papel dos museus, não só como espaços expositivos, mas como espaços de diálogos abertos e críticos, em que as vozes historicamente marginalizadas ganham espaço e as narrativas dominantes são questionadas.

Essa abordagem parte de “[...] conceitos que sejam radicalmente diferentes do museu ‘tradicional’, ou explorem novas formas de funcionamento para os museus tradicionais” (Vergès, 2023, p. 250-251). Assim, disponibilizar esses materiais representa uma prática que rompe com o modelo tradicional, ampliando o papel do Museu como espaço de disseminação de Arte e da Cultura para além do espaço expositivo, criando relações mais horizontalizadas entre os Espaços de Arte e as Escolas, assim como com as/os professoras/es.

No *site* www.gepaei.ufes.br foram disponibilizados 10 materiais educativos, conforme Tabela 6. Nela é possível visualizar os materiais por ano de produção/disponibilização.

Tabela 6 – Materiais educativos disponibilizados no produto educacional, destacando o nome da exposição e o ano.

EXPOSIÇÃO	ANO
VIX Estórias capixabas	2020/2021
Tirante	2021
Corpo Experimento	2021
Reviravolta Vídeo Brasil	2022
Sete caminhos do MAES ao Quintal Bantu	2023
Anticorpos	2023
Descarrilho	2023
Fiar	2023
O inquilino	2024
A persistência da paisagem	2024

Fonte: da autora, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Aqui se faz necessário retomar os objetivos traçados desde o início dessa pesquisa. Como objetivo geral, buscamos **investigar os processos de formação continuada para professoras/es e mediadoras/es, que são oferecidas nos Equipamentos Culturais da cidade de Vitória/ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para/com as crianças da Educação Infantil**. Acreditamos que atingimos nosso objetivo geral ao realizar esse processo de observação em campo das formações para professoras/es e mediadoras/es e depois, nas visitas/mediações para a Educação Infantil.

Como objetivos específicos, buscamos compreender como aconteceram essas formações e analisar a visita e mediação de duas turmas da Educação Infantil no Espaço de Arte e as reverberações da mediação no espaço escolar, e, por fim elaborar o produto educacional considerando os momentos formativos que acontecem nos Equipamentos Culturais de Vitória e seus materiais educativos ofertados as/aos professoras/es. Compreendemos que conseguimos cumprir com esses objetivos, pois, a partir dessas observações, podemos entender como de fato acontecem essas formações e como reverberam nas turmas de Educação Infantil atendidas pelo Espaço de Arte, além de propor o produto educacional, disponibilizando os materiais educativos do MAES, para as/os docentes e demais interessadas/os.

Ao me encontrar com professoras/es da Educação Infantil durante as formações, que são tão enriquecedoras para suas práticas, e também com mediadoras/es e Arte educadoras/es, que considero colegas de profissão nesses diversos Espaços Culturais da cidade, tive a oportunidade de rever e reafirmar as indagações que sempre carreguei acerca da presença das crianças nesses Espaços Culturais e sobre as parcerias entre docentes-mediadoras/es e Escolas-Equipamentos Culturais para a efetivação dessa presença: essa colaboração é possível entre esses dois espaços, e há muito para ser compartilhado e construído coletivamente, assim como vimos nas interações que ocorreram durante as mediações.

Durante a pesquisa, constatei questões já conhecidas, como a falta de formação específica das/os mediadoras/es e a influência direta das/os Arte educadoras/es nos materiais e abordagens oferecidas, além das possibilidades e limitações para que as crianças aproveitem esses Espaços de Arte. No entanto, como cada experiência é única, esses momentos de formação e pesquisa também me trouxeram novos aprendizados sobre o que eu "sabia" ou acreditava saber.

Para minha surpresa, o resultado final da pesquisa, que buscava entender se a participação das/os professoras/es na formação influenciaria o aprendizado das crianças no Espaço de Arte, revelou que isso depende muito do perfil da/o docente. Ambas, mesmo a que não participou da formação e que não era professora de Artes, demonstraram um olhar sensível e contribuíram significativamente durante a visita ao Museu, o que colaborou com o aprendizado das crianças nesse ambiente.

Os esforços da mediadora e do mediador, que mesmo diante dos desafios que se apresentaram, proporcionaram um momento de qualidade para as crianças durante a mediação, assim como a colaboração entre as professoras e o/a mediador/a no decorrer da visita, reforçam minha crença na possibilidade de uma educação de qualidade para as crianças dentro dos Equipamentos Culturais, onde todas/os podem colaborar mutuamente para garantir um atendimento de qualidade.

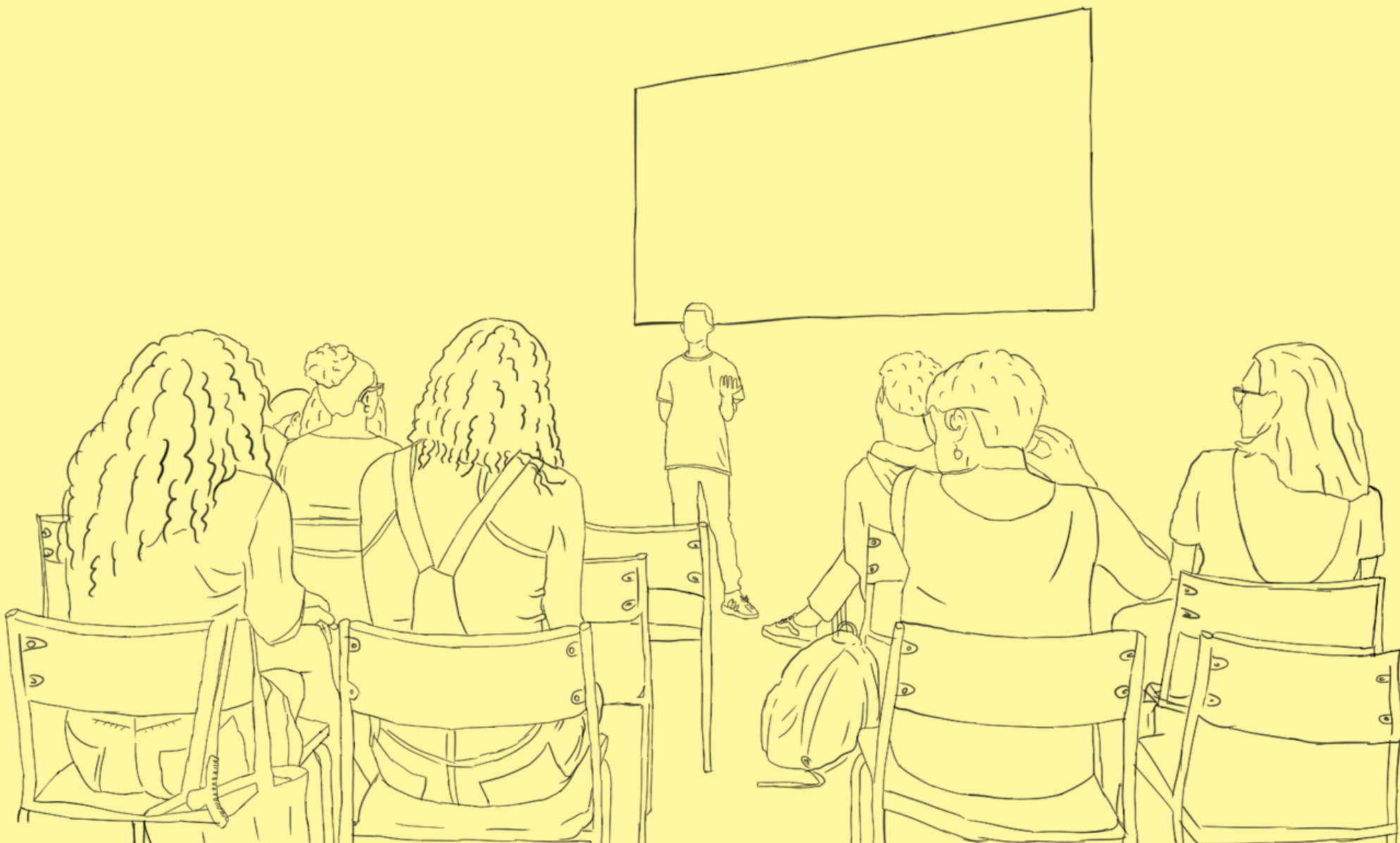
Essa pesquisa também evidencia que a construção de uma rede efetiva entre Escolas e Equipamentos Culturais é um processo contínuo que exige suporte institucional, disponibilização de formações e de materiais, e uma maior valorização da mediação cultural para todos os públicos, incluindo as crianças da Educação Infantil. Porém, como foi observado, pequenas iniciativas, além de docentes e mediadoras/es comprometidas/os que acreditem nos Espaços de Arte como um ambiente potente para o aprendizado infantil, já é um significativo avanço em direção a uma colaboração eficaz e aprendizado de qualidade para a Educação Infantil nos Equipamentos Culturais de Vitória/ES.

Por último, a inclusão das perspectivas decoloniais e a reflexão sobre os espaços pesquisados a partir da ótica do "Pós-Museu" enriqueceram profundamente minha pesquisa, ao incorporar um pensamento muitas

vezes negligenciado, mas essencial para a compreensão das dinâmicas educacionais nos Equipamentos Culturais. Como destaca Vergès, “[...] O objetivo das táticas decoloniais é pôr nosso imaginário para trabalhar e elaborar instituições que levem em conta as questões que a decolonização apresenta como programa de desordem absoluta” (Verges, 2023, p. 245).

Esse enfoque não só questiona as hierarquias e narrativas dominantes, mas também busca criar Espaços de Arte que sejam mais inclusivos, horizontais e sensíveis às diversas culturas e saberes, valorizando principalmente as contribuições das/os docentes, mediadoras/es e crianças. Assim, a pesquisa se abre para novas possibilidades de práticas educativas que reconhecem e incorporam a pluralidade de perspectivas e experiências dentro dos Espaços Culturais.

REFERÊNCIAS



AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. Com a Palavra as Crianças: algumas reflexões sobre as relações raciais na escola. In: **34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED** – Educação e Justiça Social. Natal: RN, 2011.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Educação em museus: termos que revelam preconceitos**. In: Diálogos entre arte e público, Recife, v. 1, p. 30-34, 2008. Disponível em: <https://dialogosentreateepublico.blogspot.com/2008/06/05educacao-em-museus-termos-que-revelam.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BIBIAN, SIMONE. Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede. 2022. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2022.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil** (DCNEI, 2010) /Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 1 fev. 2022.

BRASIL. Museu Lasar Segall: Formação de Professores. **Museus IBRAM**. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/museus-ibram/museu-lasar-segall/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educativo/formacao-de-professores>. Acesso em: 20 jul. 2024.

CAMNITZER, Luiz. Introdução. In: PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; CAMNITZER, Luiz (Org.). **Educação para a arte, arte para a educação**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p. 13-28.

CARVALHO, Maria Cristina. Crianças menorzinhas... Ninguém merece! In: **Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-3581-int.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

CARVALHO, Maria Cristina. Espaços de cultura e formação de professores/monitores. In: **Museu, educação e cultura: Encontros de crianças e professores com a arte**. 3 ed. São Paulo. Papyrus Editora. 2010.

CARVALHO, Cristina; GEWERC, Monique. A potencialidade dos museus de artes na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 21, n. 69, p. 539-563, abr. 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2021000200539&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 set. 2023.

CASA FIAT DE CULTURA. Espaço da Professora e do Professor. **Casa Fiat de Cultura**. Disponível em: <https://casafiatdecultura.com.br/evento/espaco-da-professora-e-do-professor/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

COHN, Greice. Arte Contemporânea e Ensino da Arte: aproximação, interação e reverberações. In: **20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 2011, Rio de Janeiro. Anais do Encontro Nacional da ANPAP (Cd- Rom). Rio de Janeiro: ANPAP, 2011.

CONRADO, Silvana de Souza. A formação continuada dos professores de arte nos museus de Recife. 2009. 137 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.) **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013. P. 244.

FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO (FAAP). Educativo. **Museu FAAP**. Disponível em: <https://www.faap.br/museu/educativo.asp>. Acesso em: 31 jul. 2024.

GABRE, Solange. **Habitar o Museu com Criança Pequena:** formação colaborativa como possibilidade. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

GABRE, Solange. **O Museu de arte e sua dimensão educativa:** em defesa da criança pequena como público. Atos de Pesquisa em Educação, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 145-168, maio 2019. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7282/4200>. Acesso em: 15 set. 2023.

GABRE, Solange. Para habitar o museu com o público infantil: uma proposta de formação colaborativa entre professoras da infância e profissionais do Museu Municipal de Arte de Curitiba. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, Margarete Sacht. **As relações entre desenho e escrita no processo de apropriação da linguagem escrita.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2014.

GÓES, Margarete Sacht; SOARES, Maria Angélica Vago. **Fricções e aproximações do ensino da arte na educação infantil: formação docente e arte contemporânea.** Palíndromo, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 238–255, 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes.** v.57. (Coleção questões da nossa época). Disponível em: Minha Biblioteca, Cortez, 2015. Acesso: 15 fev. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro: Fundação CESGRANRIO, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt_. Acesso em: 06 dez. 2023.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Programa Estudantes nos Museus inicia atividades nesta terça (28). **Governo do Estado da Bahia**. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/noticias/335365/programa-estudantes-nos-museus-inicia-atividades-nesta-terca-28>. Acesso em: 31 jul. 2024.

IABELBERG, Rosa. O professor em foco na arte-educação contemporânea. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2016. DOI: 10.22456/2357-9854.63853. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/63853>. Acesso em: 12 mar. 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE BOTERF, G. **Pesquisa participante**: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEITE, Maria Isabel. **O Museu de arte como espaço de apropriação artístico-cultural infantil**. Pesquisa, educação e inserção social, no. 16, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/16569957/MARIA_ISABEL_LEITE_O_museu_de_arte_como_espaço_de_apropriação_artístico_cultural Acesso em: 20 set. 2023.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (Orgs). **Museu, educação e cultura**: encontros de crianças e professores com a arte. Campinas-SP: Papyrus, 2010.

LOPONTE, Gruppelli Luciana. **Arte para a Docência**: estética e criação na formação docente. Dossiê formação de professores e práticas culturais. V. 21, n.25, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220531>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LOPONTE, Gruppelli Luciana. **Tudo isso que chamamos de formação estética**: ressonâncias para a docência. Revista Brasileira de Educação v. 22, p. 429-452, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0429.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MARANDINO, Martha *et al.* **A Educação em museus e os materiais educativos.** Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2016. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/233 . Acesso em: 16 dez. 2023.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual: discursiva.** 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MOURA, Maria Teresa Jaguaribe Alencar de. ESCOLA E MUSEU DE ARTE: UMA PARCERIA POSSÍVEL PARA A FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL DAS CRIANÇAS. **Revista Teias**, [S. l.], v. 6, n. 10-11, p. 12 pgs., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23992>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP). MASP para Professores. **MASP.** Disponível em: <https://www.masp.org.br/masp-professores>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NASCIMENTO, Danielly Tintori. **Educativos e Mediações Culturais para a Pequena Infância na Cidade de Vitória - ES:** Diálogos e Narrativas entre os Espaços e as Crianças; 2022; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Artes Plásticas) - Universidade Federal do Espírito Santo.

NASCIMENTO, Danielly Tintori. **Mediação cultural para crianças pequenas:** entre ações, interações e narrativas. Projeto do Programa Institucional de Iniciação Científica - PIIC, da Universidade Federal do Espírito Santo. Edital 2021/2022.

NASCIMENTO, Danielly Tintori; GÓES, Margarete Sacht. **Mediação cultural para crianças pequenas:** entre narrativas, ações e interações. In: XV Seminário Capixaba Sobre O Ensino De Arte: Diálogos Urgentes. Universidade Federal do Espírito Santo, 2023b.

NASCIMENTO, Danielly Tintori; GOÉS, Margarete Sacht. **Mediação, diálogos e narrativas:** entre os equipamentos culturais e as crianças pequenas. *Perspectiva*, [S. l.], v. 42, n. 3, p. 1–22, 2024. DOI: 10.5007/2175-795X.2024.e94676. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/94676>. Acesso em: 27 mar. 2024.

NASCIMENTO, Danielly Tintori; GÓES, Margarete Sacht. **Público Infantil nos espaços expositivos:** possibilidades de mediação e material educativo para/com crianças pequenas. In: VII CLISEM - CONGRESSO DE LINGUAGEM, IDENTIDADE, SOCIEDADE - ESTUDOS SOBRE A MÍDIA 'ESCRITAS DIVERSAS', 2023, São Paulo. "Escritas diversas", 2023a. (No prelo)

NÓVOA, António. **Entre a formação e a profissão:** Ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 1, p. 198-208. 2019. Disponível em: https://docplayer.com.br/144721612-Entre-a-formacao-e-a-profissao-ensaio-sobre-o-modo-como-nos-tornamos-professores.html#google_vignette. Acesso em: 25 jan. 2023.

NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente.** Cadernos de Pesquisa, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 fev. 2024.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992. 123 p. ISBN 972-20-1008-5.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores:** Autoria e transgressão. Campinas: Papirus, 2004.

PASQUALINI, Juliana Campregher; LAZARETTI, Lucinéia Maria. **Que Educação Infantil queremos?:** Um manifesto em defesa da educação escolar para crianças pequenas. Bauru, SP: Mireveja, 2022.

PIRES, Ana Luísa de Oliveira. **Formação com professores no Inhotim:** espaços de encontro e de entrelaçamento entre a escola e o museu. In R. Montechiare & G. K. Heitor, Museus e Educação, Série Cadernos FLACSO. 2020. Rio de Janeiro, Brasil: Flacso. p.51-70. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/32595>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SACUMAN, Jéssica. Formação cultural de professores: perspectivas a partir da análise de ações educativas em museus da cidade de São Paulo. 2016. 257 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.

SCHEFFER, Jose Vinicius De Melo. **Formação de professores em arte educação: uma perspectiva formativa através do museu**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorareali/ze.com.br/artigo/visualizar/60562>. Acesso em: 02 nov. 2023

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (SECULT). **Anexo I - Detalhamento das Linhas de Fomento**. Editais 2023. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/Media/Secult/PDF/2023/Editais-2023/Artes-Visuais/ANEXO%201%20-%20DETALHAMENTO%20DAS%20LINHAS%20DE%20FOMENTO.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (SECULT). **Edital Setorial de Artes Visuais - 2ª prorrogação**. Editais 2022. Disponível em: https://secult.es.gov.br/Media/Secult/2022/Edital%20Setorial%20de%20Artes%20Visuais%20-%202%20prorroga_o.pdf. Acesso em: 29 mai. 2024.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. **Observatório da Formação de Professores de Artes Visuais: um estudo da materialidade das condições de trabalho do professor de Arte no Brasil**. Palíndromo, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 13–29, 2022. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/21190>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SIRGADO, A. P. **O social e o cultural na obra de Vigotsky**. Educação & Sociedade, v. 21, n. 71, p. 45-70, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/gHy6pH3qxxynJLHgFyn4hdH/?lang=pt#> . Acesso em: 03 mar. 2024.

VERGARA, Luiz Guilherme. Curadorias Educativas, A consciência do olhar: percepção imaginativa – perspectiva fenomenológica aplicadas à experiência estética. In: **Anais ANPAP**, 1996, Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu** – programa de desordem absoluta. São Paulo: Editora Ubu, 2023.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Levy Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. Trad. Zoia Prestes. Ana Luiza Smolka (Comenta). São Paulo: Ática, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine (Org.). **Construyendo Interculturalidad Crítica**. La Paz: Convenio Andrés Bello, 2010.

ZUCCOLI, Franca. **Formar-se com Arte entre museu e pré-escola**. Educação & Realidade. V. 40, n.4, p 1045-1060. 2015. Porto Alegre – Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DQBQjQN4rFFQ77pxQRPJwYB/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 02 nov. 2023.



APÊNDICES

Tabela 1 – Produções acadêmicas encontradas nos sites de busca, exibindo o nome, autor/a, ano, instituição e o tipo de produção:

Nome da Produção	Autor/a	Ano	Instituição	Tipo de Produção
A potencialidade dos museus de artes na formação de professores	Cristina Carvalho e Monique Gewerc	2021	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Artigo
Formação colaborativa: uma possibilidade de habitar o Museu de Arte com a Pequena Infância	Solange Gabre	2019	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Artigo
Escola e museu de arte: uma parceria possível para a formação artística e cultural das crianças	Maria Teresa Jaguaribe Alencar De Moura	2005	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Artigo
Formação com professores no inhotim: espaços de encontro e de entrelaçamento entre a escola e o museu	Ana Luisa de Oliveira Pires	2020	Instituto Politécnico de Setúbal	Artigo
Formação de professores em arte educação: Uma perspectiva formativa através do museu	José Vinícius de Scheffer Melo e Cristiane Soares E Silva	2019	Instituto Federal do Ceará	Artigo
Formar-se com Arte entre Museu e Pré-escola	Franca Zuccoli	2015	Università Degli Studi Milano Bicocca	Artigo
A formação continuada dos professores de arte nos museus de Recife	Silvana De Souza Conrado	2009	Universidade Federal de Pernambuco	Dissertação de Mestrado
Formação cultural de professores: perspectivas a partir da análise de ações educativas em museus da cidade de São Paulo	Jessica Sacuman	2016	Universidade Federal de São Paulo	Dissertação de Mestrado
Habitar o Museu com a Criança pequena: Formação colaborativa como possibilidade	Solange Gabre	2021	Universidade Federal do	Livro

			Rio Grande do Sul	
Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão	Luciana Ostetto e Maria Isabel Leite	2004	Universidade Federal de Santa Catarina	Livro
Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte	Luciana Ostetto e Maria Isabel Leite	2010	Universidade Federal de Santa Catarina	Livro
Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede	Simone Bibian	2022	Universidade Federal Fluminense	Tese de Doutorado

Fonte: da autora



Anexo 1 – Questionário para professoras/es

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Questionário do projeto de pesquisa “Escola e Museu: reconfigurando espaços e relações entre os sujeitos que contribuem com as ações educativas para/com crianças”, a ser conduzido sob responsabilidade da pesquisadora Danielly Tintori Nascimento e orientação da Prof^a Dr^a Margarete Sacht Góes.

PARA OS PROFESSORAS/ES PRESENTES NA FORMAÇÃO:

1. NOME:
2. FORMAÇÃO ACADÊMICA:
3. É PROFESSOR/A DA EDUCAÇÃO INFANTIL? SIM NÃO
4. É PROFESSOR/A DE ARTES? SIM NÃO
5. ESCOLA E SÉRIE QUE ATUA:
6. COSTUMA PARTICIPAR DE FORMAÇÕES PARA PROFESSORES NOS ESPAÇOS DE ARTE DA CIDADE? SIM NÃO
7. VOCÊ ACHA QUE EXISTE UMA COLABORAÇÃO ESCOLA-ESPAÇOS DE ARTE NA REGIÃO DA GRANDE VITÓRIA?
8. COMENTE SOBRE O MODELO FORMATIVO APLICADOS NESTA FORMAÇÃO ESPECÍFICA, É UM MODELO QUE ATENDE AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO? DE FÁCIL COMPREENSÃO? PODE SER APLICADO NA ESCOLA? FOI DISPONIBILIZADO MATERIAL EDUCATIVO? ESSE MATERIAL PODE SER UTILIZADO NA ESCOLA?
9. APÓS AS FORMAÇÕES, VOCÊ COSTUMA TRAZER SEUS ALUNOS PARA FAZER UMA VISITA/MEDIAÇÃO NO ESPAÇO DE ARTE?
10. QUANDO TRAZ SEUS ALUNOS PARA A MEDIAÇÃO, FAZ UM TRABALHO CONTEXTUALIZADO ANTERIORMENTE E POSTERIORMENTE A VISITA E UTILIZA O MATERIAL EDUCATIVO QUE FOI DISPONIBILIZADO PELO EQUIPAMENTO CULTURAL?



Anexo 2 – TCLE PROFESSORAS/ES E MEDIADORAS/ES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Prezado/a participante,

Você está sendo convidado/a a participar voluntariamente, da pesquisa “Escola e Museu: reconfigurando espaços e relações entre os sujeitos que contribuam com as ações educativas para/com crianças”. Este estudo apresenta como contexto os processos de formação de professoras/es, mediadoras/es e arte educadoras/es, que atuam nos educativos e mediações das instituições culturais da cidade da Grande Vitória – ES, compreendendo se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para crianças da Educação Infantil. Tais formações ampliam as discussões acerca da colaboração Escola-Museu entre os Centros de Educação Infantil e os Espaços Expositivos da cidade de Vitória – ES. O objetivo da pesquisa é: Investigar os processos de formação continuada das/os professoras/es e das/os mediadoras/es e arte educadoras/es dos Museus e Galerias de Arte da cidade da Grande Vitória-ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para crianças da Educação Infantil.

A pesquisa e coleta de dados acontecerá da seguinte maneira: Inicialmente haverá um contato com os equipamentos de arte da cidade a fim de mapear quais espaços realizam formações para as/os professoras/es, pesquisando como acontecem essas ações, por meio de questionários com a equipe que

propõe esses momentos formativos. Do mesmo modo, será pesquisado como se dão as formações específicas voltadas para arte educadoras/es e mediadoras/es nos espaços de Museus e Galerias de Arte da cidade. Para responder estes questionários as/os participantes devem dispor de um tempo estimado de aproximadamente 30 min.

Quanto a observação nos espaços expositivos, essa será realizada em quatro momentos após ser elencado um Espaço de Arte que esteja com uma exposição e uma formação em cartaz. Primeiro será observado os procedimentos e processos de como acontece o planejamento da formação continuada para os dois públicos: mediadoras/es e professoras/es. O tempo estimado para essas observações dependerá do tempo de programação do próprio espaço para a formação destes/as profissionais. Após essa etapa, serão observados a aplicabilidade da formação para duas turmas de Educação Infantil, uma em que o/a professor/a participou da formação, e outra que o/a professor/a não participou da formação, averiguando como será o momento de visita para esses dois grupos distintos e analisando se, de fato, a formação contribui para o ensino/aprendizagem das crianças e dos sujeitos que participam das formações. Enquanto ao tempo estimado desta etapa, também estará sujeito ao tempo que o espaço de arte destina a visita/mediação com as crianças, que geralmente vão de uma a três horas, dependendo do espaço e da disponibilidade da escola.

Além disso, será realizada uma visita e observação na escola, com as turmas que visitaram e participaram do processo de mediação, visando observar se o trabalho realizado no Espaço de Arte se desdobra de alguma forma na escola. Este momento terá tempo de duração estimado de uma a duas horas, dependendo da atividade proposta pelo/a professor/a, podendo ocorrer mais de um encontro obedecendo a programação do/a professor/a.

O presente termo refere-se a pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, sob responsabilidade da pesquisadora Danielly Tintori Nascimento, sob orientação da Prof^ª. Dra. Margarete Sacht Goés.

Solicitamos a leitura das informações contidas neste termo de consentimento:

MODO DE COLETA DE DADOS: Sua participação será através de questionários, observações e conversas com a pesquisadora. Suas respostas serão armazenadas em escritos e áudios gravados pelo celular da pesquisadora. A coleta de informações será previamente agendada, respeitando o tempo, organização e sua disponibilidade. A gravação é apenas para posterior transcrição e análise. Você, participante não será exposto em hipótese alguma. Os áudios coletados não serão divulgados sob hipótese alguma, servirão apenas como base para a transcrição e como fonte de dados.

RISCOS: A intenção desta pesquisa não envolve nenhum risco danoso a você, mas, não elimina as possibilidades de os riscos serem de constrangimento e desconforto ao compartilhar informações pessoais e experiências profissionais no questionário e nas ações do cotidiano escolar e da Instituição Cultural. Além de exposição das falas na pesquisa que posteriormente poderão ser publicadas como resultado de artigo em revistas da área e a dissertação de mestrado, no qual poderá gerar incômodo e insatisfação. Caso isso venha a ocorrer, os pesquisadores darão todos os suportes necessários aos participantes da pesquisa. Além de comprometer-se a usar todas as informações solicitadas apenas para fins didáticos e científicos, mantendo todo o sigilo dos dados.

BENEFÍCIOS: Colaborar com a discussão acerca da formação dos profissionais envolvidos no processo de mediação e educativos nos espaços culturais da cidade (professoras/es, mediadoras/es e arte educadoras/es) e da colaboração Escola-Museu, buscando compreender se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para crianças da Educação Infantil.

GARANTIAS OBRIGATÓRIAS: Este termo te garante o ressarcimento de gastos com a participação, se houver, garante o direito de buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa e ainda lhe garante a entrega de uma via assinada e rubricada em todas as páginas (pela pesquisadora e pelas/os participante) do presente termo. Garantimos o devido armazenamento e cuidado nas coletas e análises dos dados, agindo com os procedimentos necessários para assegurar o sigilo e a confidencialidade do participante. Você terá a garantia expressa de liberdade de retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo se, por opinião própria, considerar que a possibilidade de autorizar a coleta e análise de seus dados não forem seguros.

CONFIDENCIALIDADE: Os dados coletados são confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os resultados deste estudo deverão ser publicados na dissertação, em eventos, publicações científicas, mas a identidade dos participantes não será revelada em nenhum momento.

DIREITO DE CANCELAR A PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. É garantido também o direito não autorizar a coleta e análise de algum dado específico.

QUESTÕES/DÚVIDAS: Os/as participantes têm o direito de acesso aos próprios dados obtidos na coleta desta pesquisa a qualquer momento que desejar, e também podendo se desligar da pesquisa sem qualquer dano. Estes podem entrar em contato com a pesquisadora Danielly Tintori Nascimento pelo telefone (27)99575-7772 ou por e-mail: danielly.t.nascimento@edu.ufes.br e com a orientadora Margarete Sacht Goés pelo telefone (27) 99795-0940 ou por email: margarete.goes@ufes.br para quaisquer dúvidas ou desistência de participação da pesquisa.

Caso a/o participante queira fazer uma reclamação ou denúncia poderá acionar o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), este existe para salvaguardar o direito e a dignidade dos/as participantes da pesquisa e poderá ser acionado em caso de problemas ou para realizar alguma denúncia sobre o procedimento da pesquisa que não esteja de acordo com este termo de consentimento. Caso não consiga contactar os pesquisadores para relatar algum problema, poderá acionar o Comitê de Ética e Pesquisa da Ufes pelo telefone (27) 3145-9820, e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, ou endereço: Av. Fernando Ferrari, 514. Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória -ES, CEP 29.075-910.

Nenhum dado será coletado antes da aprovação do CEP, cumprindo com as normas estabelecidas e garantindo o direito de todos/as os/as participantes. Após aprovação concedida pelo CEP (Conselho de Ética em pesquisa) serão realizadas as coletas dos dados supracitados. O participante receberá uma via do documento assinado e rubricado em todas as páginas pelos pesquisadores e constará seu consentimento. Recebendo, presencialmente, o termo assinado e rubricado.

Garantimos o devido armazenamento e cuidado nas coletas e análises dos dados, agindocom os procedimentos necessários para assegurar o sigilo e a confidencialidade do participante. O participante tem a garantia expressa de liberdade de retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo se, por opinião própria, considerar que a possibilidade de autorizar a coleta e análise de seus dados não forem seguras ou possíveis violações que ocorrem virtualmente (*hacker*, por exemplo).

Eu, Danielly Tintori Nascimento, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA NA PESQUISA

Eu,

_____ conço
rdoem participar voluntariamente desta pesquisa. Declaro que fui devidamente informado/a e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre o estudo e os procedimentos neles envolvidos. Sei, ainda, que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que isto leve à penalidade ou prejuízo para mim ou para a instituição à qual pertenço. Não haverá despesapessoal ou para a instituição à qual pertenço ou represento. Declaro, ainda, que recebi uma via devidamente assinada e rubricada do presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Assinatura do/a participante

Assinatura das pesquisadoras

____/____/

____.

Data

Anexo 3 – TCLE Responsáveis



Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos aos Responsáveis

Pais e Responsáveis,

Seu/sua filho/a foi convidado a participar da pesquisa intitulada: **“Escola e Museu: reconfigurando espaços e relações entre os sujeitos que contribuem com as ações educativas para/com crianças”**, orientada pela Prof^a Dr^a Margarete Sacht Góes. A pesquisa tem como objetivo: **Investigar os processos de formação continuada das/os professoras/es e das/os mediadoras/es e arte educadoras/es dos Museus e Galerias de Arte da cidade da Grande Vitória-ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitaçã, mediação e ações pedagógicas para crianças da Educação Infantil**. Para essa etapa da pesquisa contamos com a colaboração das crianças para, juntamente com a professora, visitem e participem de uma mediação em uma exposição em cartaz em um espaço de arte da cidade.

A pesquisa:

A pesquisa está ligada ao Programa de Pós Graduação Mestrado em Educação Profissional da Universidade Federal do Espírito Santo, sob responsabilidade da pesquisadora Danielly Tintori Nascimento, e orientação da Prof^a. Dra. Margarete Sacht Goés.

Esta pesquisa será realizada em dois momentos com as crianças, uma visita ao museu, e um momento de conversa e atividade na sala de aula. Toda a programação referente a pesquisa será em horário de aula, como será estabelecido com a equipe pedagógica e de sala, e não terá nenhum custo aos responsáveis. O tempo estimado para a realização das atividades irá depender do tempo que o espaço de arte destina a visita/mediação com as crianças, que geralmente vão de uma a três horas, dependendo do espaço e da disponibilidade da escola. Já na etapa que será desenvolvida na escola, dependerá do tempo programado pelo/a professor/a para a atividade a ser desenvolvida com as crianças.

Os registros que forem realizados das crianças serão utilizados apenas para fins de pesquisa e estudo e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Para que a criança possa participar da pesquisa e dos momentos propostos pela pesquisadora, é necessário que seu responsável preencha as autorizações anexas.

Solicitamos a leitura das informações contidas neste termo de consentimento:

MODO DE COLETA DE DADOS: A participação do/a seu/a filho/a será através de observações e conversas com a pesquisadora. As observações serão armazenadas em escritos e áudios gravados pelo celular da pesquisadora. A coleta de informações será previamente agendada, respeitando o tempo, organização e sua disponibilidade, do/a seu/a filho/a, do/a professor/a e da escola. A gravação é apenas para posterior transcrição e análise. A criança participante não será exposta em hipótese alguma. Os áudios coletados não serão divulgados sob hipótese alguma, servirão apenas como base para a transcrição e como fonte de dados.

RISCOS: A intenção desta pesquisa não envolve nenhum risco danoso a criança, mas, não elimina as possibilidades de os riscos serem de constrangimento e desconforto ao compartilhar informações pessoais e experiências. Além de exposição das falas na pesquisa que posteriormente poderão ser publicadas como resultado de artigo em revistas da área e a dissertação de mestrado, no qual poderá gerar incômodo e insatisfação. Caso isso venha a ocorrer, os pesquisadores darão todos os suportes necessários as/aos participantes da pesquisa. Além de comprometer-se a usar todas as informações solicitadas apenas para fins didáticos e científicos, mantendo todo o sigilo dos dados.

BENEFÍCIOS: Colaborar com a discussão acerca da formação dos profissionais envolvidos no processo de mediação e educativos nos espaços culturais da cidade (professoras/es, mediadoras/es e arte educadoras/es) e da colaboração Escola-Museu, buscando compreender se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para crianças da Educação Infantil.

GARANTIAS OBRIGATÓRIAS: Este termo te garante o ressarcimento de gastos com a participação, se houver, garante o direito de buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa e ainda lhe garante a entrega de uma via assinada e rubricada em todas as páginas (pela pesquisadora e pelas/os participante) do presente termo. Garantimos o devido armazenamento e cuidado nas coletas e análises dos dados, agindo com os procedimentos necessários para assegurar o sigilo e a confidencialidade do/a participante. Você terá a garantia expressa de liberdade de retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo se, por opinião própria, considerar que a possibilidade de autorizar a coleta e análise dos dados não forem seguros.

CONFIDENCIALIDADE: Os dados coletados são confidenciais. O nome do/a seu/sua filho/a ou material que indique a participação não será liberado sem a sua permissão. Os resultados deste estudo deverão ser publicados na dissertação, em eventos, publicações científicas, mas a identidade dos participantes não será revelada em nenhum momento.

DIREITO DE CANCELAR A PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. É

garantido também o direito não autorizar a coleta e análise de algum dado específico.

QUESTÕES/DÚVIDAS: Os/as participantes têm o direito de acesso aos próprios dados obtidos na coleta desta pesquisa a qualquer momento que desejar, e também podendo se desligar da pesquisa sem qualquer dano. Estes podem entrar em contato com a pesquisadora Danielly Tintori Nascimento pelo telefone (27) 99575-7772 ou por e-mail: danielly.t.nascimento@edu.ufes.br e com a orientadora Margarete Sacht Goés pelo telefone (27) 99795-0940 ou por email: margarete.goes@ufes.br para quaisquer dúvidas ou desistência de participação da pesquisa.

Caso a/o participante ou responsável queira fazer uma reclamação ou denúncia poderá acionar o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), este existe para salvaguardar o direito e a dignidade dos/as participantes da pesquisa e poderá ser acionado em caso de problemas ou para realizar alguma denúncia sobre o procedimento da pesquisa que não esteja de acordo com este termo de consentimento. Caso não consiga contactar os pesquisadores para relatar algum problema, poderá acionar o Comitê de Ética e Pesquisa da Ufes pelo telefone (27) 3145-9820, e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, ou endereço: Av. Fernando Ferrari, 514. Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória -ES, CEP 29.075-910.

Nenhum dado será coletado antes da aprovação do CEP, cumprindo com as normas estabelecidas e garantindo o direito de todos/as os/as participantes. Após aprovação concedida pelo CEP (Conselho de Ética em pesquisa) serão realizadas as coletas dos dados supracitados. O participante receberá uma via do documento assinado e rubricado em todas as páginas pelos pesquisadores e constará seu consentimento. Recebendo, presencialmente, o termo assinado e rubricado.

Garantimos o devido armazenamento e cuidado nas coletas e análises dos dados, agindo com os procedimentos necessários para assegurar o sigilo e a confidencialidade do participante. O participante tem a garantia expressa de liberdade de retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo se, por opinião própria, considerar que a possibilidade de autorizar a coleta e análise de seus dados não forem seguras ou possíveis violações que ocorrem virtualmente (*hacker*, por exemplo).

Eu, Danielly Tintori Nascimento, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA NA PESQUISA

Eu,

_____ conço
rdoem autorizar meu/a filho/a _____

a participar voluntariamente desta pesquisa. Declaro que fui devidamente informado/a e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre o estudo e os procedimentos neles envolvidos. Sei, ainda, que posso retirar a autorização do/a meu/minha filho/a da pesquisa a qualquer momento, sem que isto leve à penalidade ou prejuízo para mim ou ele/a. Não haverá despesa pessoal. Declaro, ainda, que recebi uma via devidamente assinada e rubricada do presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Assinatura dos pais e responsáveis

Assinatura das pesquisadoras

___/___/_____.
Data

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA

Eu _____,
responsável pela/o aluna/o _____,
do, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos
da pesquisa, bem como estar ciente do uso da imagem da/o minha/meu filha/o,
AUTORIZO, através do presente termo, a realização de registros audiovisuais
que se façam necessários sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das
partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização desses registros para fins científicos e de
estudo (publicações livros, artigos e slides), em favor da pesquisadora
DANIELLY TINTORI NASCIMENTO e da Prof^a Dr^a Margarete Sacht Góes,
obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das
crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N^o
8.069/ 1990).

- Sim autorizo a gravação e/ou divulgação da imagem do/a meu/minha filho/a
e/ou sua voz.
- Sim autorizo a gravação, mas não a divulgação da imagem do/a meu/minha
filho/a e/ou sua voz.

Vitória, _____, de _____ de 2023.

Danielly Tintori Nascimento
Pesquisadora responsável

Responsável legal pela criança



ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO CAMPUS
GOIABEIRA - UFES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESCOLA E MUSEU: RECONFIGURANDO ESPAÇOS E RELAÇÕES ENTRE OS SUJEITOS QUE CONTRIBUAM COM AS AÇÕES EDUCATIVAS PARA/COM

Pesquisador: Danielly Tintori Nascimento

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70095823.6.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.220.532

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa busca investigar os processos de formação continuada dos profissionais que atuam no processo de educativos e mediações das instituições culturais da cidade de Vitória-ES, compreendendo se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e ações pedagógicas para crianças da Educação Infantil. Tais formações ampliam as discussões acerca da colaboração Escola-Museu entre os Centros de Educação Infantil e os Espaços Expositivos da cidade. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa analisará, por meio da pesquisa-ação, como acontece esse processo formativo e se este e a colaboração das/os profissionais envolvidas/os contribuem no momento da visita/mediação para as crianças da Educação Infantil. Em retrospectiva, revisamos então os paradigmas acerca de autoras que discutem a formação de profissionais que atuam nos processos de mediação nos Espaços Culturais e sobre a colaboração Escola-Museu, como Carvalho (2007), Gabre (2021) e Cohn (2011), buscando compreender as problemáticas e desafios existentes nas formações de professoras/res, arte educadoras/res e mediadoras/res na cidade de Vitória-ES.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar os processos de formação continuada das/os professoras/es e das/os mediadoras/es e arte educadoras/es dos Museus e Galerias de Arte da cidade de Vitória-ES, analisando se essas formações contribuem e reconfiguram os processos de visitação, mediação e

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO CAMPUS
GOIABEIRA - UFES



Continuação do Parecer: 6.220.532

ações pedagógicas para crianças da Educação Infantil.

Objetivos Secundários: Mapear os Espaços Culturais da cidade de Vitória que realizam formações para as/os professoras/es, investigando como acontecem esses momentos formativos, realizando a observação de uma dessas ações formativas para professoras/es; Pesquisar como acontecem as formações de arte educadoras/es e mediadoras/es nos espaços de Museus e Galerias de Arte da cidade de Vitória e observar uma dessas formações. Examinar a visita e mediação de duas turmas da Educação Infantil no Espaço de Arte, uma em que o/a professor/a participou da formação anterior, e outra que o/a professor/a não participou da formação, averiguando como será o momento para esses dois grupos distintos. - Após os momentos de visita e mediação no Museu/Galeria, realizar observação na escola, de como acontece essas reverberações no espaço escolar após a visita; - Elaborar o material educativo pensando na relação Escola-Museu, que será pautado em um conjunto de dois jogos educativos e provocativos, um destinado as/os professores/as e o outro as/os mediadoras/es e arte educadores/as.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Em relação aos riscos da pesquisa para as/os participantes envolvidas/os, este será mínimo, apenas no campo psicossocial como por exemplo o cansaço ou aborrecimento ao responder os questionários propostos, possíveis constrangimentos ao se expor durante a realização de observações e questionários, desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio, vídeo ou fotos. Porém estes riscos tentarão ser minimizados ao máximo pela pesquisadora, que inicialmente irá explicar toda a pesquisa as/aos participantes, além de entrega-los o TCLE para que todos/as possam ter por escrito seus direitos referentes a essa pesquisa. Também será avisado a cada nova etapa da pesquisa quais propostas realizaremos a seguir e quando será utilizado equipamentos multimídia para gravação, sempre conversando para que o/a participante se sinta confortável ao decorrer da pesquisa, sabendo que a qualquer momento que se sinta desconfortável ou que não queira mais participar, tem garantido o direito de se retirar da pesquisa sem nenhuma consequência.

Benefícios: Com essa pesquisa, os benefícios serão que os espaços de arte da cidade irão perceber a importância da formação de professores, arte educadores/as e mediadores/as consequentemente oferecendo mais formações para esse público. Os/as professores/as também irão perceber como essas formações podem contribuir na ampliação de seu repertório, á vista disso aumentando também o repertório das crianças. Ampliar o entendimento da importância em receber as crianças da Educação Infantil nos espaços de arte.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO CAMPUS
GOIABEIRA - UFES



Continuação do Parecer: 6.220.532

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A perspectiva metodológica adotada será a pesquisa-ação, na qual serão utilizadas técnicas de produção e interpretação de dados, por meio de investigações de campo cujos instrumentos se constituirão de análise documental, observações, questionários e conversas, construindo os saberes conjuntamente com os participantes da pesquisa, as/os professoras/es, arte educadoras/es e mediadoras/es. Inicialmente haverá um contato com os equipamentos de arte da cidade a fim de mapear quais espaços realizam formações para as/os professoras/es, pesquisando como acontecem essas ações, por meio de questionários com a equipe que propõe esses momentos formativos. Do mesmo modo, será pesquisado como se dão as formações específicas voltadas para arte educadoras/es e mediadoras/es nos espaços de Museus e Galerias de Arte da cidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Quanto a observação nos espaços expositivos, essa será realizada em quatro momentos após ser elencado um Espaço de Arte que esteja com uma exposição e uma formação em cartaz. Primeiro será observado os procedimentos e processos de como acontece o planejamento da formação continuada para os dois públicos: mediadoras/es e professoras/es. Segundo, serão observados a aplicabilidade da formação para duas turmas de Educação Infantil, uma em que uma em que o/a professor/a participou da formação, e outra que o/a professor/a não participou da formação, averiguando como será o momento de visita para esses dois grupos distintos e analisando se, de fato, a formação contribui para o ensino/aprendizagem das crianças e dos sujeitos que participam das formações. Além disso, será realizada uma visita e observação na escola, com as turmas que visitaram e participaram do processo de mediação, visando observar se o trabalho realizado no Espaço de Arte se desdobra de alguma forma na escola. Por último, será realizado a elaboração de um Material educativo que será pautado em um conjunto de dois jogos educativos, visando a reflexão da colaboração ou a não colaboração entre a Escola e o Espaço de Arte e dos agentes envolvidos no processo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa está bem instruído, devidamente documentado e poderá ser iniciado de acordo em conformidade com o cronograma proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO CAMPUS
GOIABEIRA - UFES



Continuação do Parecer: 6.220.532

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2127698.pdf	26/05/2023 15:37:03		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_IV_TCLE_professoras_mediores_e_arte_educadores.docx	26/05/2023 15:36:15	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Assinado.pdf	26/05/2023 15:35:02	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA_PESQUISA.docx	24/05/2023 14:41:30	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
Outros	ANEXO_III_CARTA_APRESENTACAO_PMV.docx	24/05/2023 14:37:57	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
Outros	ANEXO_II_CARTA_DE_APRESENTACAO_SECULT.docx	24/05/2023 14:37:35	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
Outros	ANEXO_I_QUESTIONARIO.docx	24/05/2023 14:37:03	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_IV_TCLE_crianças.docx	24/05/2023 14:36:03	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_IV_TCLE_responsaveis.docx	24/05/2023 14:35:52	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	24/05/2023 14:21:41	Danielly Tintori Nascimento	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	24/05/2023 14:21:12	Danielly Tintori Nascimento	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITÓRIA, 04 de Agosto de 2023

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO CAMPUS
GOIABEIRA - UFES



Continuação do Parecer: 6.220.532

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, HELLEN G LUGON , CPF n.º 116.940.167-81 e RG n.º 3157045, órgão expedidor, SSP ES residente e domiciliado no endereço Rua Barão de Monjardim 142, telefone 99273 – 9093 e e-mail hellen.lugon@institutoculturalvale.org, **DECLARO**, para os devidos fins e a quem possa interessar que represento o Museu Vale e concordamos em participar do projeto de pesquisa **“Escola e Museu: reconfigurando espaços e relações entre os sujeitos que contribuam com as ações educativas para/com crianças”**, a ser conduzida sob a responsabilidade da estudante-pesquisadora Danielly Tintori Nascimento, regularmente matriculada sob o n.º 2023130133 no Curso de Mestrado Profissional em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo.

Vitória, 12 de dezembro de 2023.



Assinatura

Hellen Lugon
Supervisor Educacional Instituto Vale
Instituto Vale - Museu Vale

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, NICOLAS OLIVEIRA SOARES, CPF n.º 033.391.135-05 e RG n.º 1549812491, órgão expedidor SSP/BA, residente e domiciliado no endereço Rua Moacir Avidos 156 Praia do Canto, Vitória-ES, telefone (27) 981340649 e e-mail nicolas.contato@gmail.com, **DECLARO**, para os devidos fins e a quem possa interessar que represento o Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo e concordamos em participar do projeto de pesquisa **“Escola e Museu: reconfigurando espaços e relações entre os sujeitos que contribuam com as ações educativas para/com crianças”**, a ser conduzida sob a responsabilidade da estudante-pesquisadora Danielly Tintori Nascimento, regularmente matriculada sob o n.º 2023130133 no Curso de Mestrado Profissional em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo.

Vitória, 04 de setembro de 2023.

Assinatura

ASSINATURA

Documento original assinado eletronicamente, conforme MP 2200-2/2001, art. 10, § 2º, por:

NICOLAS OLIVEIRA SOARES
DIRETOR ESPACO CULTURAL QCE-03
SECULT - SECULT - GOVES
assinado em 04/09/2023 11:51:37 -03:00

**INFORMAÇÕES DO DOCUMENTO**

Documento capturado em 04/09/2023 11:51:37 (HORÁRIO DE BRASÍLIA - UTC-3)
por NICOLAS OLIVEIRA SOARES (DIRETOR ESPACO CULTURAL QCE-03 - SECULT - SECULT - GOVES)
Valor Legal: ORIGINAL | Natureza: DOCUMENTO NATO-DIGITAL

A disponibilidade do documento pode ser conferida pelo link: <https://e-docs.es.gov.br/d/2023-M8G3PR>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, **Joelma dos Santos Marques**, CPF n.º **149.015.057-93** e RG n.º **3.484.595 - ES**, órgão expedidor SSP, residente e domiciliado no endereço **Rua Professora Doralice de Oliveira Neves, 262, Maria Ortiz - Vitória**, telefone **(27) 988576633** e e-mail **joelma-marques@live.com**, **DECLARO**, para os devidos fins e a quem possa interessar que represento a Galeria Homero Massena na e concordamos em participar do projeto de pesquisa **“Escola e Museu: reconfigurando espaços e relações entre os sujeitos que contribuam com as ações educativas para/com crianças”**, a ser conduzida sob a responsabilidade da estudante-pesquisadora **Danielly Tintori Nascimento**, regularmente matriculada sob o n.º **2023130133** no Curso de Mestrado Profissional em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo.

Vitória, 06 de setembro de 2023.

Assinatura

ASSINATURAS (2)

Documento original assinado eletronicamente, conforme MP 2200-2/2001, art. 10, § 2º, por:

JOELMA DOS SANTOS MARQUES

ASSISTENTE GERENCIA QC-02

GEAC - SECULT - GOVES

assinado em 25/09/2023 09:37:14 -03:00

IVONE CARVALHO VIEIRA

ASSESSOR ESPECIAL NIVEL II - QCE-05

SECULT - SECULT - GOVES

assinado em 25/09/2023 10:49:51 -03:00

**INFORMAÇÕES DO DOCUMENTO**

Documento capturado em 25/09/2023 10:49:51 (HORÁRIO DE BRASÍLIA - UTC-3)

por JOELMA DOS SANTOS MARQUES (ASSISTENTE GERENCIA QC-02 - GEAC - SECULT - GOVES)

Valor Legal: ORIGINAL | Natureza: DOCUMENTO NATO-DIGITAL

A disponibilidade do documento pode ser conferida pelo link: <https://e-docs.es.gov.br/d/2023-15H87K>